

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO
MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 80
AGOSTO
1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO
RUA DOS GUSMÕES, 70

SUMMARIO

FUNÇÃO SOCIAL DO CAVALLO NO PAMPA	<i>F. J. Oliveira Vianna</i>	321
RAMO DE ARVORE	<i>Alberto de Oliveira</i>	327
NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEO- LOGOS	<i>J. C. Branner</i>	330
A RAÇA NEGRA NA AMERICA PORTUGUEZA (II).	<i>Nina Rodrigues</i>	344
DOS "VERSOS A DONA FLOR"	<i>Clovis Leite Ribeiro</i>	359
A "HISTORIA DA CIVILISAÇÃO" DO SR. OLIVEIRA LIMA	<i>Gilberto Freyre</i>	363
O SR. OZORIO DUQUE ESTRADA E O MEU LIVRO "COLLOCAÇÃO DOS PRONONES	<i>Agenor Silveira</i>	372
BIBLIOGRAPHIA		379
RESENHA DO MEZ		385
DEBATES E PESQUIZAS		402
NOTAS DO EXTERIOR		409
AS CARICATURAS DO MEZ		414



REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANGEIRO - 25\$000 NUMERO - AVULSO - 1\$800

As grandes enfermidades das Mulheres

Falta de menstruação - dôres uterinas - menstruação abundante -
menstruação dolorosa - flores brancas - dôres de cabeça, curam-se
radicalmente com UTEROGENOL

Precisa de um bom purgante?

Tome "PILULAS DA FAMILIA"

É o melhor remedio para molestias do estomago, figado, intestinos

Infuenza - Defluxo - Febre
:: **Dores no corpo** ::

Curam-se com PILULAS SUDORIFICAS "LUIZ CARLOS"

54 annos de successo - E' o mais recommendado - Não tem resguardo

VIGOGENIO

É O REI DOS FORTIFICANTES

Deseja engordar?	Tome VIGOGENIO
Está fraco e nervoso?	Tome VIGOGENIO
Quer ter boas cores?	Tome VIGOGENIO
Precisa de bôa memoria?	Tome VIGOGENIO
Quer augmentar no peso?	Tome VIGOGENIO
Está convalescente?	Tome VIGOGENIO
Está limphatico?	Tome VIGOGENIO
Tem fraqueza pulmonar?	Tome VIGOGENIO
Tem palpitações?	Tome VIGOGENIO

Attestam milhares de medicos a sua efficacia

É o verdadeiro fortificante

VIDRO 6\$000 EM QUALQUER PHARMACIA



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIO

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA No. 4

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

	BROCH.	ENC.
<i>Pequenos estudos de Psychologia Social</i> , notavel estudo do grande sociologo Oliveira Vianna	4\$000	5\$000
<i>A mulher que peccou</i> , novella do festejado escriptor Menotti del Picchia	4\$000	5\$000
<i>Casa do Pavor</i> , contos phantasticos por M. Deabreu	3\$000	4\$000
<i>Notas de um estudante</i> , ensaios criticos do erudito escriptor João Ribeiro	4\$000	5\$000
<i>Redempção</i> , notavel romance de Veiga Miranda, em 2. ^a edição	4\$000	5\$000
<i>A paizagem no conto, no romance e na novella</i> , ensaios criticos de Fabio Luz	4\$000	5\$000
<i>Sonho de Gigante</i> , estudos de J. A. Nogueira, o apreciado romancista de "Paiz de Ouro e Esmeralda"	4\$000	5\$000
<i>Joaquim Nabuco</i> , ensaio critico-biographico por Henrique Coelho	4\$000	5\$000
<i>A sedição do Joazeiro</i> , relato dos successos do Ceará em 1912, pelo conhecido publicista Rodolpho Theophilo	4\$000	5\$000
<i>Mula sem cabeça</i> , novellas de Gustavo Barroso, o conhecido João do Norte	2\$000	—
<i>O Mystério</i> , 2. ^a edição do apreciado romance policial escripto por Afranio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque	4\$000	5\$000
<i>Realidades e Apparencias</i> , ensaios criticos de Gilberto Amado	4\$000	5\$000
<i>Crepusculos</i> , versos de Moacyr Chagas, da Academia Mineira de Letras	3\$000	4\$000
<i>O bandido do rio das Mortes</i> , o procurado romance de Bernardo Guimarães, em edição popular	1\$500	—
<i>Hygiene e tratamento das molestias domesticas</i> , utilissimo trabalho do dr. Alberto Seabra	—	—
<i>O problema do Alem</i> , estudos do mesmo autor	4\$000	5\$000
<i>Meus odios e meus affectos</i> , critica literaria por Almachio Diniz	4\$000	5\$000



DIABÉTICOS

é preciso combater a perda de açúcar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais a vida e restabelecer o apetite e a função digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

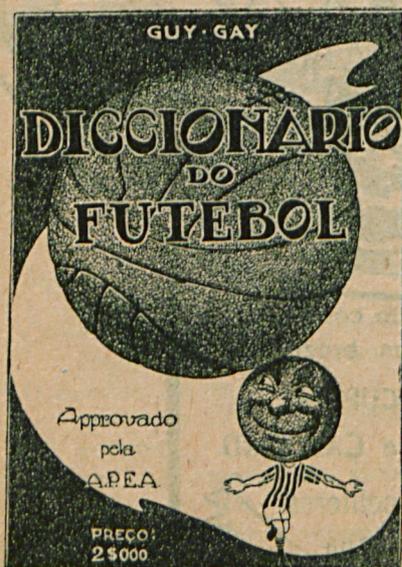
LOTERIA DE S. PAULO

Em 8 de Setembro

200:000\$000

Por 20\$000

Os bilhetes estão á venda em
toda a parte



ACABA DE APPARECER

Esportistas!

Jogadores!

Torcedores!

Eis o livro ha tanto procurado

Regras e termos nacionalizados.

O verdadeiro tratado do
Futebol Associação

Monteiro Lobato & C.
Editores

PREÇO 2\$000

Pelo Correio mais \$500.

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

N. 80

AGOSTO

1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO

& COMP. — SÃO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

FUNÇÃO SOCIAL DO CAVALLO NO PAMPA

F. J. OLIVEIRA VIANNA

I

EM confronto com o grupo centro-meridional, o grupo do extremo-sul offerece um contraste sensível no ponto de vista das relações de vicinagem. Estas têm allí uma amplitude e uma intensidade, que em vão procuramos no grupo do centro-sul.

Os homens da matta, o fluminense, o mineiro, o paulista, formam um typo de homens, que se caracterizam pelo seu temperamento reservado e discreto, de circulo social limitado, lentos na familiaridade e pouco accessiveis á camaradagem e á intimidade. Polidos, hospitaleiros, só com difficuldade, entretanto, se abrem ás confidencias da amizade. No seu lar, o hospede não entra em contacto com a familia sinão depois de inscripto no ról dos amigos intimos. Si se trata de um estrangeiro, então essa reserva se agrava: e as mulheres, esposa e filhas, não lhe apparecem, nem mesmo á hora das refeições quotidianas. Ha, na *Innocencia*, de Taunay, um quadro primoroso: é aquelle em que o autor nos descreve o cuidado e o escrupulo com que um velho fazendeiro,

dos do metal antigo, defende a intimidade do seu lar das ingenuas e inconscientes confidencias do naturalista Meyer, que se havia abrigado á sombra da sua hospitalidade. O fazendeiro Pereira — “Martinho dos Santos Pereira, de Piunby” — é o symbolo perfeito do homem do centro-sul: discreto, timido, reservado, zeloso até o ridiculo da dignidade da esposa e filhas. Saint Hilaire já observara, com a sua costumada acuidade, esse aspecto da sociabilidade matuta (1):

— “L’interieur des maisons, réservé pour les femmes, est un sanctuaire, où l’étranger ne pénètre jamais... Les jardins, toujours placés derrière les maisons, sont pour les femmes un faible dédommagement de leur captivité, et, comme les cuisines, on les interdit scrupuleusement aux étrangers.”

Sente-se em toda essa reserva o homem educado na solidão, isolado na immensidade do seu latifundio, de limitado contacto com a sociedade e o mundo, vivendo a sua pequena vida familiar em torno da lareira domestica.

Mesmo quando se desloca para outro meio, elle mantem as características do seu typo social. No extremo-sul, essa região de campos e florestas, que constitue a zona serrana, foi inteiramente colonizada, como se sabe, por paulistas da ultima camada. Pois bem; falando de Cruz Alta, um dos centros principaes dessa região, um observador contemporaneo nota a extrema escassez da vida social alli — e isto porque, segundo elle, a população “ainda participa do retrahimento proprio dos immigrants paulistas, que foram os maiores povoadores da região serrana.” (2)

II

Basta-nos, porém, que caminhemos um pouco para diante, descedo insensivelmente as suaves pleniplanícies do grande planalto, para que, attingindo a região dos pampas, se nos depare um povo inteiramente diverso desses serranos insociaveis e sombrios. São os pastores gaúchos, filhos dos grandes espaços e dos largos horizontes. De São Borja, de Santa Maria ou de Santa Cruz, em diante, o descrimen impõe-se. Fal-o, de prompto, o observador menos experiente ou o mais desprevenido e incurioso viajor:

— “O que mais me tem impressionado nesta capitania — escreve Saint-Hilaire — é o ar de liberdade que todos os que encontro apresentam, a naturalidade que elles mostram nas suas maneiras; não ha nelles aquella molleza, tão característica dos habitantes



do interior; são mais vivos nos seus movimentos; ha menos delicadeza na sua polidez — em uma palavra, são mais homens.” (3)

Essa vivacidade de gestos e de physionomia, essa ausencia de canhestrice nas attitudes, esses modos desembaraçados e francos, consequencia natural das condições particulares do pastoreio na savana, reflectem-se na vida social do gaúcho, fazendo-o um typo de jovialidade extrema e extrema sociabilidade em nosso povo.

Expansivos e joviaes nas suas reuniões familiares, como ruidosos nos seus comicios civicos, amam as diversões, as festas, as corridas de parrelheiros nos hyppodromos rusticos da campanha, e, nas festividades dos oragos aldeãos, as cavalladas sumptuosas e theatraes, em cujas marcações variadas, simulando minusculas batalhas, o gaúcho encontra satisfação, a um tempo, para o seu orgulho equestre e para o seu temperamento exuberante de animal bellicoso e carnívoro.

O proprio viver domestico do gaúcho soffre a repercussão dessa educação desafogada e livre das campanhas. As grandes lufadas do sul parecem varrer o gynecceu gaúcho com o seu largo sopro luminoso e oxygenado. Não ha allí, na physionomia e no gesto das mulheres, esse ar recolhido e tímido das criaturas formadas na obscuridade das alcôvas. Nas suas attitudes ha, ao contrario, um certo desempeno varonil; na sua palestra, desembaraço e segurança; e nenhum acanhamento diante de pessoas de outro sexo, nem mesmo diante de estrangeiros. Embora arredados das lides pastoris, como que se lhes communicam, por subconsciente suggestão, os gestos largos e os modos livres e as attitudes viris, que para a intimidade tranquilla do seu lar o campeador traz ao recolher-se á noitinha, da sua jornada trabalhosa, lá fóra, na amplidão desafogada das savanas.

Esse espirito de sociabilidade, alegre, festivo, estrepitoso, tão sensível á hora do chimarrão ou da carneagem na campanha, ou nas camaradagens instantaneas e ephemerias das feiras dos povoados, parece condição natural a todos os nossos grupos regionaes, economicamente organizados sob uma base pastoral. Encontramol-o nos campos dos goytacazes nos fins do seculo III, segundo o testemunho de Couto Reys (4). Encontramol-o na sociedade paulista, semi-agricola, semi-pastoral dos seculos II e III. Encontramol-o ainda hoje, entre os rudes vaqueiros dos sertões do norte, ao estrondear dos seus sambas sapateados, na alacridade communicativa dos seus desafios á viola.

Sómente o homem do centro-sul, acurvado, sol a sol, sob o cambão da sua enxada e preso ás tarefas de seu monotono viver agricola, “não fala, não canta, não ama, não ri” e é triste e soturno como o curiango (5).

III

Jovialidade e sociabilidade são estados moraes correlativos. Todo homem jovial é, por força, um homem sociavel, bem como no fundo de todo temperamento sociavel ha, em latencia, uma reserva de jovialidade incoercivel.

No extremo-sul, essa correlação resalta com uma evidencia maior do que em qualquer outro grupo regional. O gaúcho é jovial porque é sociavel; e é sociavel porque, o pastoreio na savana, desenvolvendo os habitos da cooperação e da solidariedade, é, de si mesmo, uma escola incomparavel de sociabilidade.

Na verdade, em contrario ao que acontece nas operações do labôr agricola, as operações mais importantes do pastoreio nas estancias resultarão infructíferas, si feitas sem a cooperação e a solidariedade de todos os campeiros. O “parar o rodeio”, o “sustar as disparadas”, o “reontar a tropa”, o “rondar o gado”, o “voltar uma manada” (6), operações fundamentaes do serviço pastoril, são todas operações collectivas, sem nenhuma possibilidade de realização individual.

Não se trata propriamente de especialização de trabalho, segundo as aptidões de cada um; que esta tambem se pratica nas zonas de trabalho agricola. Trata-se do trabalho combinado, do trabalho conjugado, da *solidariedade no trabalho*. E' a propria natureza da operação que gera o agrupamento profissional, constituído, dentro de cada estancia, pelo corpo de “capatazes e peões” — uns e outros sujeitos, assim, a uma aprendizagem quotidiana da solidariedade e á pratica de um regimen obrigatorio de cooperação.

Finda a jornada, ou nos intervallos de repouso, á hora da merenda, esse pequeno grupo de pastores não se dispersa: permanece unido em plena campanha, ou “matteando”, ou “carnêando”. O costume, aliás tão caracteristicamente gaúcho, do “chimarrão”, bebido, no meio de uma alegria enorme, numa unica vasilha, uma “bomba”, circulando de mão em mão, entre os presentes, não prova, só por si, o quanto é vivo o espirito de solidariedade e sociabilidade desse pequeno clan de campeadores?

IV

Mais do que o pampa e a labúta pastoril, é o cavallo, em si mesmo, o poderoso factor da sociabilidade entre os gauchos. O cavallo tem, no pampa, a funcção de ampliar os circulos da sociabilidade, tanto em extensão, como em profundidade. Deixando

de parte a sua grande função militar, é esta a grande função social do cavallo nas campanhas do sul.

Dada a sua abundancia, em nenhuma região do paiz o uso do cavallo é mais generalizado do que no extremo-sul. Desde as classes superiores ás mais baixas, todos possuem cavallo, todos andam a cavallo, todos viajam a cavallo. — “Não costumam mandar desmontados nem pretos a recados” — dizia em 1810 D. Diogo de Souza, governador da bella capitania do sul.

No centro-sul, onde o rebanho equino sempre foi relativamente escasso, o cavallo, justamente pelo facto da sua raridade, é um signal de distincção e fortuna: o baixo povo rural não o possui. O pequeno sitiante que adquire um “pequira” marchador ou mesmo uma egua passista, ascende socialmente aos olhos dos seus companheiros de peonagem: está “remediado”, caminha talvez para a classe superior dos fazendeiros. Tão raro é entre elles o cavallo.

Esta raridade do cavallo, e a consequente limitação do seu uso á classe superior ou media, influe poderosamente sobre a extensão dos circulos de vicinagem. Na classe superior e media, estes circulos são incomparavelmente mais amplos do que o das classes inferiores, que não podem utilizar-se do cavallo.

Os circulos de vicinagem são determinados pela extensão maxima, que a um individuo, peão ou cavalleiro, é dado attingir, de modo que possa estar, sem esforço e sem fadiga, de volta, *ainda com dia*, á sua casa de vivenda. Como no centro-sul o baixo povo dos campos não possui cavallo, o seu circulo de vicinagem é restrictissimo — e não vae além de 4 ou 5 kilometros de raio. Os fazendeiros, os negociantes villarejos, os sitiantes “remediados”, estes podem, com o cavallo, dilatar este raio para mais além de 2, 3 ou 4 leguas em de redór. Fóra deste limite maximo, em nossas regiões do centro-sul, desaparece o sentimento da sociedade vicinal.

No extremo-sul, não só pela abundancia de cavallos, como pela facilidade das disparadas na planicie, o circulo de vicinagem amplia-se consideravelmente, numa extensão desconhecida aos nossos ruraes do centro-sul e mesmo aos nossos resistentes campeadores do sertão. Como os “pulperias” dos pampas platinos, as “vendas”, que se encontram á beira das estradas, na região dos nossos pampas, é o ponto de encontro — diz o Padre Gay — dos peões de dez leguas em de redór. (7)

O cavallo corrige, assim, a dispersão social, inevitavel nessas regiões de planicies infinitas, sujeitas á acção demographicamente centrifuga do pastoreio. Dá, por isso, aos circulos da sociabilidade rural uma latitude surprehendente em nosso meio. Nas zonas agricolas do centro-sul, dez ou vinte leguas interpostas e não se



faz preciso mais para impedir qualquer contacto vicinal entre dous nucleos humanos.

O grupo de visinhos, que uma casa estancieira pode centralisar dentro da área do seu centripetismo social, é, pois, mais volumoso do que o que é possível congregar-se em torno da casa solarenga do senhor de engenho da costa ou do fazendeiro do planalto. Este grupo não é apenas mais volumoso pela maior amplitude da área vicinal no pampa; também o é pela maior profundidade dos círculos da sociabilidade: como nas regiões dos savanas todo mundo anda a cavallo, mesmo os moleques de recados, na confissão de D. Diogo de Souza, a massa social que afflue, ou pôde affluir, para junto do estancieiro poderoso é naturalmente mais numerosa do que no centro-sul e no norte — regiões em que os tres quartos da população rural são formados de pedestres.

V

Essa funcção solidarisante do cavallo não se reflecte apenas na vida social dos pastores rio grandenses. Ella também explica a singularidade da sua historia militar. Sem o cavallo, é impossível comprehender-se essa maravilhosa facilidade com que os grandes caudilhos gaúchos — desde Pinto Bandeira e Santos Pedroso nas guerras da Cisplatina até aos modernos caudilhos maragatos — conseguem congregar junto de si, rapidamente, um bando numeroso de guerrilheiros intrepidos.

E' a enorme latitude dos círculos de vicinagem no pampa que dá a razão dessa incomparavel capacidade organisadora dos cabeceilhas riograndenses. Logo ao primeiro rebate do inimigo, prestes accorrem para junto delles os camaradas distantes — e, dentro em pouco, todo um exercito fremente e ardego de cavalleiros destemidos se reúne, se organisa, se arregimenta e, brandindo as lanças agúdas, precipita-se, resôando, pelos descampados.

(1) Saint-Hilaire — *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas*, I, pag. 210.

(2) Hemeterio — *As missões orientaes*, pag. 368.

(3) Saint-Hilaire — *Voyage à Rio Grande du Sud*, pag. 21.

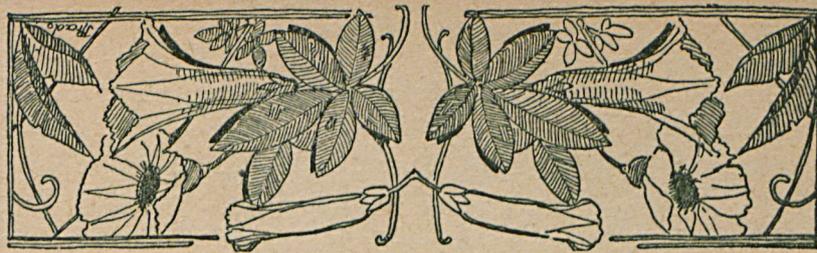
(4) *Populações meridionaes do Brasil*, I, pag. 243.

(5) Monteiro Lobato — *Urupês*, pag. 230 (1.^a edição).

(6) Lassanse — *Noticia synthetica sobre o Rio Grande*: vocabulario ao fim do volume.

(7) Gay — *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay* (Rev. Trimen-sal, V. XVI, pag. 834). E, nos grandes dias de corridas de parelheiros, dentro de um raio até de 20 leguas: V. Luiz Araujo Filho — *Recordações gaúchas*, 2.^a ed., pag. 36; Porto Alegre, 1905.





RAMO DE ARVORE

ALBERTO DE OLIVEIRA

Os versos de "Ramo de Arvore", edição íntima, continuam inéditos para o público. Aqui, pois, contribuimos para a sua divulgação, rendendo homenagem ao grande poeta.

RAIO ou vento em velha arvore algum dia
Fez que do tronco um ramo apenas reste
— Verde farrapo de que se reveste
Quem de amplo manto ha pouco se cobria.

No alto, sem gloria, dos irmãos que havia
Este a gloria relembra, e a copa agreste
Que balançava para Leste e Oeste,
A farfalhar em barbara harmonia.

Um ramo assim de planta assim ferida
Dou-te, um sómente. Se lhe falta vida,
E' que o tronco tambem já vae cansado;

Os mais, e acaso flores, não te importe
Nestes meus dias mãos saber que sorte
De raio ou vento m'os terá levado.

A ALMA DOS VINTE ANNOS

A alma dos meus vinte annos, n'outro dia
Senti volver-me ao peito, e pondo fóra
A outra, a enferma, que lá dentro mora,
Ria em meus labios, em meus olhos ria.

*Achava-me em teu lado, então, Luzia,
E da idade que tens, na mesma aurora
A tudo o que já fui tornava agora,
Tudo o que ora não sou me renascia.*

*Resenti da paixão primeira e ardente
A febre, resurgiu-me o amor antigo
Com os seus desvairos e com os seus enganoses...*

*Mas ah! quando te foste, novamente
A alma de hoje tornou a ser commigo
E foi contigo a alma dos meus vinte annos.*

CHORO DAS VAGAS

*N*ÃO são de aguas, apenas, e de ventos
No rude som, formada a voz do oceano:
Em seu clamor — ouço um clamor humano,
Em seus lamentos — todos os lamentos,

*São de naufragos mil esses accentos,
Esses gemidos, esse aiar insano;
Agarrados ao mastro, ou tabua, ou panno,
Vejo-os varridos de tufões violentos.*

*Vejo-os na escuridão da noite, afflictos,
Bracejando, ou já mortos e debruços,
Largados das marés em ermas plagas...*

*Ah! que são delles estes surdos gritos,
Este rumor de preces e soluços
E o choro de saudades dessas vagas!*



DECLINIO

*T*ARDE outonal que assim desmaias lentamente,
— Flôr de fogo a murchar em morosa agonia:
Nesse fundo de céu longinquo, do meu dia
Grande como o teu sol, vejo a camara ardente.

*Fumam os cirios, tolda o incenso o ar transparente,
O ouro do catafalco entreluz e irradia.
Zenith, auge, fulgor de pleno azul, Poesia,
Gloria, alturas, adeus! Tudo agora é Poente.*

*Quem, no abysmal descenso á tua occidua tumba
Entre serras e mar, o clarão que se acaba,
Tarde, reavivará? Quem te ampara e soccorre?*

*Ha uns trons de funeral no trovão que retumba,
Neste ruir de arrebóes ha um sonho que desaba,
Neste offêgo de luz ha um coração que morre.*





NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEOLOGOS

POR J. C. BRANNER

I
LUIZ AGASSIZ



NASCEU em Motier, Suissa, aos 28 de Maio de 1807 e falleceu em Cambridge, Massachusetts, aos 14 de Dezembro de 1873.

Educou-se em Bienne, Suissa, tendo começado o curso de Medicina em Zurich para mais tarde continuar os seus estudos de anatomia em Heidelberg. Depois disso matriculou-se na Universidade de Zurich, onde fez o conhecimento de von Martius, abandonando em seguida o estudo de Medicina para dedicar-se por completo ao de historia natural.

O seu primeiro trabalho de valor foi o estudo de peixes fosseis feito a instancias de von Martius e que serviu para despertar-lhe o interesse pela geologia do Brasil.

Tendo recebido o gráo de doutor em Munich e Erlangen, foi residir em Vienna, onde se dedicou ao estudo de peixes fosseis,

indo depois para Paris onde fez conhecimento com Cuvier e Humboldt.

Em Paris permaneceu até a morte de Cuvier em 1832, retirando-se para Neufchatel, Suissa, onde foi nomeado professor de historia natural, cargo que exerceu até a sua partida para Norte America em 1846.

De 1838 a 39 estudou o movimento das geleiras suissas e, estendendo as suas observações, concebeu a idéa de uma época glacial e em 1840 deu publicidade á sua classica obra "E'tudes sur les Glaciers".

Visitou tambem a Inglaterra, a Escossia e Irlanda e tambem ali concebeu a idéa da origem glacial do que é hoje considerado naquelle paiz o phenomeno glacial.

Em 1846, visitando os Estados Unidos pela primeira vez, descobriu logo ao desembarcar em Halifax, Nova Escossia, a presença da acção glacial no continente Americano.

Pouco tempo depois foi-lhe offerecida e por elle aceita a cadeira de professor de historia natural da Universidade de Harvard, cadeira que occupou até a sua morte, com o intervallo apenas de dois annos (1851-2) durante os quaes foi professor de historia natural na Universidade de Charleston, em Carolina do Sul. Em 1859 fundou o Museu de geologia comparada daquella Universidade.

Agassiz visitou o Brasil em 1865 dirigindo a expedição Thayer.

Esteve no Rio de Janeiro onde fez, sob os auspicios do Imperador D. Pedro II, varias conferencias sobre historia natural.

Os seus estudos foram feitos em sua grande maioria no valle do Amazonas, onde conseguiu reunir uma grande collecção de peixes.

O livro intitulado "A Journey In Brazil" (Uma viagem pelo Brasil) escripto pelo professor Agassiz e senhora, editado em Boston, em 1868, é um dos mais instructivos livros de viagens até agora escriptos sobre esse paiz, a despeito do facto de tratar da theoria da congelação Pleustocenica do Brasil, theoria essa que foi mais tarde rejeitada pelo proprio Agassiz.

A contribuição mais valiosa prestada á geologia brasileira por Agassiz, não foi tanto o seu trabalho geologico quanto o impulso dado ao estudo da geologia com a sua visita, e sobretudo por haver trazido em sua companhia Charles Frederik Hartt, ardoroso estudante de historia natural, que desde então se decidiu a devotar a sua vida ao estudo da geologia brasileira.



II

LUIZ FELIPPE GONZAGA DE CAMPOS

ENGENHEIRO civil e de minas, nasceu aos 21 de Junho de 1857, em S. Luiz do Maranhão, capital do Estado do mesmo nome.

Concluindo o seu curso preparatorio na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, matriculou-se em 1876 na Escola de Minas de Ouro-Preto, então recentemente fundada, terminando com brilhantismo o curso de 4 anos dessa escola superior, em 1880.



O seu primeiro anno de formado, dedicou-o a pesquisas particulares, apresentado varios estudos sobre minas de ouro existentes no Brasil.

Quando se organisou a Comissão Geographica e Geologica de S. Paulo, foi elle o primeiro geologista escolhido pelo Chefe Dr. O. A. Derby.

Tendo acceito o convite, permaneceu nessa Comissão desde 1881 até 1892; n'esse tempo escreveu uma serie de estudos sobre geologia do Estado de S. Paulo.

Em 1892 deixou a Comissão Geologica para continuar a sua carreira como engenheiro civil em cujo exercicio preparou uma serie de projectos ferro-viarios para a Companhia Cantareira (Estrada de Ferro Matto Grosso, Ribeirãozinho a S. José do Rio Preto) e, mais recentemente para a Noroeste Railway, de Baurú ao Rio Paraná.

As suas notas contem numerosas e importantes observações, sobretudo as que se referem ao Rio Tieté.

Dos estudos puramente geologicos por elle feitos durante esse periodo merecem especial menção os que se referem ao cascalho bituminoso de Marahú no Estado da Bahia.

Occupou o lugar de Engenheiro da Noroeste Railway, tendo sido nomeado delegado brasileiro junto ao Congresso Internacional de Telegraphia de Berlim.

Esse competente engenheiro brasileiro dedicou-se novamente á geologia, e tendo sido convidado pelo Dr. O. A. Derby para o Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, ahi occupou o lugar de Primeiro Geologo e, por morte de Derby, em 1915, foi seu successor na direcção dessa repartição federal.

III

GUILHERME SCHÜCH DE CAPANEMA

NASCEU aos 17 de Janeiro de 1824, na Freguezia de Antonio Pereira, perto de Marianna, Estado de Minas Geraes.

Seu pae foi o Dr. Roque Schüch, naturalista austriaco e professor do museu Imperial de Vienna; sua mãe foi Josephina Roth.

Seu pae acompanhou para o Brasil a então princeza que se casou com o Imperador D. Pedro I. Chegando ao Brasil, foi nomeado bibliothecario da casa Imperial e zelador das colleções numismaticas.

Havia então uma colonia Suissa-Allemã em Nova Friburgo que o Dr. Schüch visitou, fazendo ali o conhecimento de Josephina Roth com quem se casou.

Tempos depois, foi nomeado director de uma commissão scientifica seguindo para Minas Geraes, onde emprehendeu a manufactura do ferro, no Timbopeba, em Antonio Pereira. Foi emquanto occupado nessa industria que nasceu seu filho Guilherme Schüch.

Quando o Dr. Schüch regressou ao Rio foi nomeado director do Museu e preceptor da familia Imperial.

Guilherme foi educado sob o cuidado directo de seu pae, e mais tarde, em 1838, estudou engenharia na Escola Polytechnica de Vienna.

Pouco depois de seu regresso ao Brasil foi nomeado substituto de professor da Escola Central do Rio de Janeiro, mais tarde Escola Polytechnica, leccionando Physica.

Fez então relações com o astronomico Liais, e, como já houvesse feito conhecimento com Spix e Von Martius, emquanto na Europa, é provavel que tivesse sido influenciado por esses naturalistas no seu grande amor pela sciencia.

Em 1857 foi feito membro da Commissão scientifica de Exploração, organizada pelo governo Imperial para estudar a historia natural do paiz. Foi o auctor da parte geologica do relatorio apresentado por essa Commissão.

Occupou varios logares de importancia junto ao governo brasileiro, entre os quaes podem ser mencionados o de Director da Repartição dos Telegraphos e o de Director da Commissão de Limites com a Republica Argentina.



O nome de Capanema foi adoptado por elle em virtude da difficuldade que se tinha de pronunciar o seu verdadeiro nome.

Capanema era o nome de uma Serra perto de Ouro-Preto, em Minas.

Mais para o fim de sua vida o governo Imperial, em reconhecimento aos valiosos serviços por elle prestados, conferiu-lhe o titulo de Barão de Capanema.

Embora não fosse um escriptor prolixo o Dr. Capanema tinha um estylo claro e preciso na exposição de suas idéas.

Infelizmente as suas publicações nunca tiveram grande circulação, sendo algumas dellas muito raras.

Falleceu no Rio.

IV

JOHN M. CLARK

O Dr. John M. Clark nasceu no estado de Nova York aos 15 de Abril de 1857.

Foi educado no Amherst College e na Universidade de Gottingen. Depois de haver leccionado geologia por alguns annos, foi nomeado paleontologista assistente do Dr. James Hall, geologista do estado de Nova York, subindo de posto até que em 1904 veio substituir o Dr. Hall como geologo do estado de Nova York onde actualmente se encontra no exercicio dessa funcção.



O Dr. Clark merece destaque entre os que estudaram a geologia brasileira devido a excellente obra sobre as colleções paleozoicas do valle do Amazonas; é autor das publicações mais importantes sobre fosseis Devonianos e Silurianos d'essa região.

Essas colleções foram organisadas pela antiga Comissão Geologica do Imperio do Brasil e enviadas para o Dr. Clark pelo professor Derby quando um dos directores do Museo Nacional do Rio de Janeiro.

Esses estudos foram publicados nos archivos d'aquelle museu, volumes IX e X, e, juntamente com o relatorio do Dr. White sobre os fosseis do periodo mesozoico, constituem as publicações mais importantes até agora feitas sobre a paleontologia do Brasil.

O Dr. Clark reside actualmente em Albany, N. Y.

V

ORVILLE A. DERBY

(Traduzido do "Bulletin of the Geological Society of America"
Março, 1916)

ORVILLE Adelbert Derby nasceu em Kellogsville, Estado de Nova York, aos 23 de Julho de 1851, e suicidou-se aos 27 de Novembro de 1915, na cidade do Rio de Janeiro. Era o terceiro filho de John C. Derby e Malvina A. Lindsay Derby. Criou-se numa fazenda perto de Kellogsville, no condado de Cayuga, na região do Estado de Nova York, conhecida como Finger Lakes a 16 milhas ao sul de Auburn.



Derby matriculou-se na Universidade de Cornell em 1869, distinguindo-se logo no estudo de geologia, a ponto mesmo de ser escolhido pelo professor Charles Fred. Hartt, então lente de Geologia dessa Universidade, para acompanhá-lo numa excursão ao Brasil no verão de 1870.

A sua escolha para assistente do prof. Hartt nessa viagem deve-se muito a um incidente em que elle revelou um dos seus traços característicos: O professor Hartt teve de ausentar-se da Universidade por duas semanas e estava um pouco incerto quanto ao que deveria ser feito com o seu novo discipulo durante a sua ausencia; casualmente o professor Hartt deu-lhe o compendio de Hall sobre briozoários fosseis de Nova York — um trabalho que certamente teria arrefecido o entusiasmo da maior parte dos principiantes, mas, quando o Dr. Hartt regressou ao fim das duas semanas, encontrou Derby estudando pacientemente os briozoários. O professor Hartt sentiu-se naturalmente afeiçoado a esse estudante que tinha coragem de insistir no seu insípido trabalho, proporcionando-lhe pouco depois a oportunidade de visitar o Brasil. Derby promptamente accitou o convite, determinando assim ambos a sua carreira e a sua vida.

Em sua primeira viagem á America do Sul, visitou Pernambuco, fazendo as primeiras e mais consideraveis collecções de fosseis até então feitas em Maria Farinha.

No verão de 1871 visitou o Brasil de novo em companhia de Hartt, percorrendo o valle do Amazonas e fazendo uma importante collecção de fosseis carboníferos das pedras calcareas de Itaituba, no Baixo Tapajoz.

De 1871 a 1873 dedicou-se aos seus estudos, graduando-se nesse anno pela Universidade de Cornell. Durante o anno seguinte proseguiu os seus estudos de geologia, obtendo o gráo de doutor em 1874. A sua these versou sobre os Brachiopodos Carboniferos de Itaituba, Rio Tapajoz (On the Carboniferous Brachiopoda of Itaituba Rio Tapajoz), tendo sido publicada como o numero 2 do vol. I da Universidade de Cornell, Ithaca, 1874.

Foi essa a sua primeira publicação sobre a geologia do Brasil, valiosa não só pelo assumpto tratado como em vista de subseqüentes descobertas. Os fósseis de Itaituba eram encontrados em pedras de calcareo compacto, porem, como elles fóssem de natureza silicosa só podiam ser obtidos em forma satisfactoria com a dissolução das rochas adjacentes — novo e tedioso processo que teria por completo desanimado a maior parte dos jovens da idade de Derby. Em 1873, foi elle nomeado instructor de geologia em Cornell.

No verão de 1874 o professor Hartt preparou-se para visitar o Brasil de novo. Obtida a licença de ausencia, substituiu-o Derby no seu trabalho junto á Universidade de Cornell. O professor Hartt partiu para o Brasil em 1874, levando Branner como seu unico assistente. Chegado que foi ao Rio de Janeiro, Hartt immediatamente devotou todas as suas energias no sentido de convencer os homens de proeminencia do paiz, da necessidade de um mappa geologico do Imperio. Ao fim desse anno formou-se a "Commissão Geologica do Imperio do Brasil", tendo sido nomeados como assistentes O. A. Derby, Richard Rathbun e E. F. Pacheco Jordão. Em Dezembro de 1875, chegou Derby ao Rio de Janeiro, iniciando o seu trabalho a expensas do governo. Occupou esse cargo por menos de dois annos, por ter sido, com a mudança de Ministerio, abolida essa Commissão em 1877. Hartt falleceu no Rio nesse mesmo anno. Pouco tempo depois de extincta a Commissão Geologica, Derby foi nomeado director de Geologia do Museu Nacional do Rio, onde permaneceu até 1886, quando foi para S. Paulo como geologo do Estado. A obtenção do mappa geologico do Estado de São Paulo, foi um passo de grande importancia na geologia do Brasil, pois o conhecimento e o interesse de Derby na geologia do paiz em geral capacitaram-nos para comprehender os problemas geologicos desse Estado, tornando-o ao mesmo tempo autoridade por excellencia no paiz em materia de geologia. Em 1904 pediu demissão do cargo de geologo do Estado de S. Paulo. Em Janeiro de 1907 organisou-se um novo serviço geologico federal sob a direcção do Dr. Miguel Calmon, então Ministro das Obras Publicas, e Derby foi nomeado director desse Serviço, posição essa que occupou até o fim de sua vida.

As descobertas foram necessariamente diminutas ao começo,



porem o trabalho empreendido foi de grande importancia para o Brasil, visto que abriu novos horizontes ao desenvolvimento intelligente e scientifico dos recursos naturaes do paiz.

A primeira edição da "Geologia Elementar de Branner" foi assim dedicada: "A Orville A. Derby que dedicou a sua vida ao estudo de geologia do Brasil, tendo feito mais do que qualquer outro geologo para solver os seus varios problemas, esta obra é affectuosamente dedicada."

O que foi dito é apenas uma ligeira referencia aos grandes serviços prestados por Derby ao Brasil e á Geologia, sem menção alguma de muitos outros serviços por elle prestados á Sciencia e ao paiz.

Todos os que visitaram o Brasil, no interesse da Geologia, encontravam-n'o sempre disposto a prestar o seu auxilio.

O Dr. J. B. Woodworth de Harward, que visitou o Brasil em 1908 para estudar a glaciação perniana do sul do paiz, diz que "Sem o seu auxilio e attenção pessoal não me teria sido possível "conduzir de uma maneira satisfactoria, no curto espaço de tempo "disponivel, os trabalhos da "Shaler Memorial Expedition." Com "verdadeira gentileza latino-americana, indicou-me o caminho para "a descoberta do que elle proprio teria tido orgulho de descobrir, "— a presente occorrença de calhãos congelados nas camadas "de itillite do Paraná."

Acima de tudo Derby era um paleontologo. O trabalho administrativo não o fascinava. Pequeno era o seu interesse pela geologia estructural ou por seus methodos; foi forçado pelas circumstancias a se occupar da petrographia microscopica; seu interesse pela paleontologia era, no entanto, genuino, profundo, perfeitamente comprehensivo.

Atravez das suas responsabilidades burocraticas e dos aborrecimentos da vida encontrou sempre lenitivo e felicidade nas velhas caixas contendo fragmentos de fosseis que outros paleontologos teriam julgado de todo inuteis.

Pode-se attribuir ao seu acendrado interesse pela paleontologia a obra do Dr. C. A. White intitulada "Contributions to the Palentology of Brazil" (Contribuições á paleontologia do Brasil) publicada em 1877 no Rio de Janeiro, bem assim os seguintes e importantes escriptos do Dr. John M. Clark:

"Trilobites of the Erere e Maecurú Sandstones", Rio, 1876 "Upper Silurian Fauna of Rio Trombetas", Rio, 1899 e "Devonian mollusco of the State of Pará", Rio, 1889 e "Devonian Fossils of Paraná", Rio, 1913. Alem dessas publicações importantes ha varios escriptos sobre paleontologia que não são mencionados neste trabalho.



Existe ainda por publicar uma importante obra por D. S. Jordan, sobre os fosséis cretaceos do Ceará.

Durante os ultimos oito annos Derby se dedicou ao estudo do *Psaranius* e especimens congeneres.

O seu ultimo escripto versou sobre a *Tictea Singularis*, publicado no American Journal of Science (Jornal Americano de Sciencias) de março de 1915, Pag. 251-260.

Tendo de emprehender varios trabalhos experimentaes em regiões pouco conhecidas nos mappas, uma de suas primeiras preocupações, quando geologo do Estado de S. Paulo, foi a organização de um serviço topographico. A direcção desse serviço foi confiada a Horace E. Williams, um joven americano, a quem o Estado de São Paulo e o mundo scientifico devem uma serie de excellentes mappas topographicos escala 1:100,000 para não mencionar as explorações por elle feitas do leste desse Estado, na serra da Canastra, etc.

O numero de publicações por Derby sobre a geologia do Brasil é de 125. Naturalmente essas publicações abrangem uma serie variada de assumptos. Dez dellas referem-se a geologia e genese dos diamantes brasileiros. Publicou alguns escriptos sobre a Cartographia do Brasil, em que se mostrou muito interessado. Como auctor e argumentador scientifico, revelou-se sempre um homem precavido, admittindo a possibilidade de engano, já como conducta propria, já como advertencia aos seus assistentes.

Na ultima tarde que passei nos seus aposentos do Rio, elle se referiu a esse traço pessoal, accrescentando que isso o privaria de casar; era demasiado precavido para arriscar-se a tanto. Essa sua precaução serviu provavelmente de motivo para sua longa demora em publicar o resultado de seus estudos e observações accumulando por vezes o seu trabalho e o de seus assistentes.

Sem duvida acreditava que a demora tornaria possivel maior esclarecimento dos assumptos tratados, tornando seus relatorios finaes e completos em vez de preliminares e tentativos. Porem as demoras prolongaram-se de anno para anno até que seus assistentes ficaram desanimados e o Governo mais ou menos exasperado com a falta de resultados praticos que comprovassem o dispendio de tanto dinheiro. Foi sobretudo isso, que motivou o seu pedido de demissão de geologo do Estado de S. Paulo: Derby jamais sentiu-se obrigado a mostrar resultados.

Depois de haver sido geologo de São Paulo por dez annos, pouco haver publicado sobre a geologia desse Estado, perguntei-lhe certa vez, não sem contrariedade, onde estavam os resultados de seu trabalho. Respondeu: "Estão na minha cabeça." Tivemos que mudar de assumpto.



A verdade, porem, é que a geologia de São Paulo era difficil e envolvia problemas que elle não pudera resolver a sua inteira satisfação. Mostrava-se hesitante no usar a forma graphica, expondo-se assim á critica adversaria.

Infelizmente para o Brasil, para elle mesmo e para a causa da sciencia, jamais tomou parte activa na geologia economica do paiz. O seu primeiro e exclusivo interesse pela geologia, foi na geologia como pura sciencia. Para elle, um fossil era um objecto de belleza, de interesse, de valor, de felicidade perenne; porem, uma mina ou uma industria qualquer era, depois de tudo, simplesmente uma industria cujo fim principal era produzir dinheiro. E' desnecessario dizer que Derby e eu nem sempre concordamos em materia de questões geologicas, porem essas tendencias de opinião serviam para estimular o nosso interesse e descobrir a verdade final.

Um exemplo interessante da nossa opinião é o que se refere a certas camadas nas regiões de diamantes carbonados da Bahia. Chamava-os elle de Paraguassú e eu sustentava que eram Caboclo. Depois de um anno de discussão, mandou o seu assistente Roderic Crandall á zona em questão para esclarecimento da verdade. Foi Crandall, averiguando que nós não nos referiramos ás mesmas cousas, que ambas as series eram legitimas e que ambos estavamos certos.

Derby era um homem de illimitada firmeza e uma vez decidido a empregar certa medida não havia nada que o desviasse do caminho por elle traçado.

A sua vida inteira é uma demonstração de sua capacidade para triumphar em face de obstaculos que seriam intransponiveis para a maior parte dos homens — assim a sua resolução de devotar a sua vida á geologia do Brasil custasse o que custasse. Quantos de entre nós teriam vivido por quarenta annos em um paiz estrangeiro, privados como elle esteve, do contacto pessoal dos geologos de seu tempo, do seu povo, da sua propria familia? Desde que foi para o Rio, em 1875, até o dia de sua morte — quarenta annos — fez apenas duas visitas aos Estados Unidos.

A primeira dellas foi de Janeiro a Julho de 1883, quando foi a Washington, para dar andamento á publicação da obra do Dr. C. A. White, "Contribuições sobre a Paleontologia do Brasil", um trabalho de raro merito sobre a paleontologia da America do Sul.

Passou parte deste tempo em Boston, New-Haven, New-York e Philadelphia. A segunda visita foi em 1890, quando attendeu á reunião da American Association, em Indianopolis, regressando ao Rio via Inglaterra.

Quando a Comissão Geologica foi debandada em 1877, cada um de nós tomou rumo differente, menos Derby que não se



deixou desanimar por uma simples falta de fundos ou emprego; estava decidido a salvar os trabalhos de Hartt e seus collegas e, tanto quanto possível o conseguiu.

Pessoalmente Derby era um dos homens mais amáveis e de melhor coração que conheci. O seu tempo, as suas sympathias, o seu ultimo vintem estavam á disposição de seus amigos; sua mão direita nada sabia do bem feito pela esquerda. Os mendigos da rua tinham-n'o como uma das suas mais faceis presas. Gosava da melhor estima na communitade em cujo seio vivia. Esteve sempre ao lado da equidade do direito, jamais servindo de instrumento voluntario a aventureiros ambiciosos.

Por muitos annos foi considerado o maior geologo da America do Sul, e esse destaque não lhe foi imposto pelo facto de existirem poucos geologos na Sul America, mas por sua habilidade e incomparavel trabalho.

Em 1892 foi-lhe conferido o premio Wollaston da Sociedade Geologica de Londres tornando-se, por seus relevantes serviços, editor associado do Journal of Geology (Jornal de Geologia), e membro de varias sociedades de cultura nas differentes partes do mundo.

Collaborou com frequencia na "American Journal of Science" (Jornal Americano de Sciencia).

Naturalisou-se cidadão brasileiro mezes antes de sua morte. As circumstancias que determinarem o suicidio de Derby não são ainda de todo conhecidas ou antes, de todo bem comprehendidas. Nem as notas publicadas de todos os detalhes em mãos das autoridades, nem as muitas cartas de amizades particulares, esclarecem o mysterio.

O facto deu-se nos seus aposentos do Hotel dos Estrangeiros do Rio onde vivia desde oito annos.

A tarde anterior á sua morte passou-a em casa de um seu amigo brasileiro, voltando por volta de meia noite. Na manhã seguinte, foi chamado á hora do costume, tomou seu banho, tomou seu café, e leu os jornaes matutinos. A's dez horas, um mensageiro indo a seu quarto encontrou-o atravessado na cama, com um buraco de bala na cabeça e o revolver ainda preso na mão.

Não deixou palavra alguma de explicação ou de queixa sobre qualquer cousa e a quem quer que fosse. A impressão geral é que o seu suicidio deve-se ao desapontamento resultante da reduccion feita pelo governo da verba votada para o seu trabalho.

Tem-se procurado explicar o seu acto por outras conjecturas, porem esta deve ser e é accета como a unica legitima.

A historia das suas luctas para conservar o trabalho scienti-



fico que lhe fora confiado, fóra da politica e para tornal-o efficiente, não é novidade. Varios homens de sciencia tem-se visto em posições similares. No caso presente não existe duvida que o negocio foi complicado pela situação financeira do Brasil em consequencia da guerra européa. O governo viu-se em difficuldades financeiras e na necessidade de reduzir as despezas ao minimo possivel.

Não era de extranhar, debaixo das circumstancias, que o serviço geologico fosse considerado como um cuja verba pudesse ser reduzida, sem causar confusão no organismo administrativo do paiz.

Os jornaes brasileiros referem-se a Derby em termos os mais elogiosos; a sua morte é por todos mui merecidamente considerada como uma grande perda nacional.

O seu suicidio foi o seu ultimo e mais eloquente protesto contra a extinção do serviço geologico — a expressão final e culminante de seu profundo interesse e abnegada devoção pelo bem estar do paiz a que fielmente serviu por quarenta annos.

Uma lista de suas publicações sobre a geologia do Brasil, até 1909, foi publicada no boletim da Sociedade Geologica da America. Vol. 20 pag. 36-42.

A essa lista, devem-se acrescentar as seguintes que appareceram depois da data em que a mesma foi publicada.

BIBLIOGRAPHIA

Feições physicas e geologicas do Brasil. Boletim da Directoria da Agricultura da Bahia volume X pag. 241-248. Bahia 1907.

Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil. Boletim do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas vol. I pag. 69-82 Rio, Abril 1909.

Os minerios de ferro do Brasil. — Jornal do Commercio, Rio, 25 de Agosto, 1909.

Early iron making in Brasil. Engeneering and Mining Journal, New-York, Decembre 4, 1909.

The iron ores of Brasil. The Times London, Decembre 28, 1909 page 56.



The iron resources of the world. Stockolmo, 1910 pages 813-822.

Physical and geological features of Brasil. The Brazilian Year-book for 1909 pages 11-14 Rio de Janeiro n. d.

Estudios geologicos en el Brasil. Santiago de Chile, 1911 (Publication of the fourth congresso scientifico Latino Americano em 1908).

On the mineralization of the gold-bearing lode of Passagem, Minas Geraes Brasil. American Journal of Science vol. CLXXXII, September, 1911, pages 191-194.

O aproveitamento do carvão brasileiro. Jornal do Commercio, 24 de Abril, 1912 pag. 5.

Speculations regarding the genesis of the diamond. Journal of Geology — vol. XX July-August, 1922 pags. 451-56.

Observations on the crown structure of *Psaranius brasiliensis*.

VI

WILHELM LUDWIG VON ESCHWEGE

NASCEU a 15 de Novembro de 1777 em Aue, Hessen, Alemanha, e falleceu no dia 1.º de Fevereiro de 1855 em Wolfsanger proximo a Cassel, Allemanha.

Concluidos os seus estudos technicos foi Eschwege nomeado, em 1800, cathedratico da escola de Minas de Riegelsdorf, Hessen, sendo em 1803 chamado pelo governo Portuguez para assumir a direcção da Industria Metallurgica de Portugal.

Em 1805, em virtude dos serviços prestados a esse paiz, recebeu elle o titulo de Capitão de Artilharia.

Vindo para o Brasil em 1809, a serviço do Imperador D. Pedro I, foi incumbido de organizar uma collecção de mineraes.

Em 1821 foi nomeado pelo governo director geral das minas de ouro, de Ouro Preto, ou Villa Rica, nome pelo qual era então conhecida a cidade.



Durante os seus 15 annos de viagens e permanencia nos districtos mineralogicos do Brasil elle teve occasião de fazer varios estudos e observações que lhe permittiram escrever um valioso volume sobre geologia brasileira.

Em 1824 regressou a Portugal para assumir a direcção das industrias mineralogicas desse paiz. Ahi permaneceu Eschwege até que, em 1830, os acontecimentos politicos exigiram a sua retirada para a Allemanha.

Chamado novamente a Portugal em 1834, ahi permaneceu até 1852, regressando então, com o titulo de Marechal de Campo, a sua terra natal onde falleceu em 1855.

Os conhecimentos scientificos de Eschwege, a sua longa permanencia no Brasil, a sua familiaridade com os districtos mineralogicos brasileiros, quando a mineralogia nesse paiz atravessava a phase de seu maior desenvolvimento, tornam a sua obra sobremodo valiosa.

Varnhagen, na sua bem conhecida historia do Brasil accusa Eschwege de haver plagiado outros autores. Na pagina 1175, tomo II, dessa obra Varnhagen e Feldner, todos tres do corpo de engenheiros do Brasil, citando Auguste de Saint Hilaire em abono dessa asserção.

Saint Hilaire diz apenas que a "Memoire Technique de Eschwege sobre a fundição de Ipanema contem "quelques passages impruntés a Varnhagen." (*)

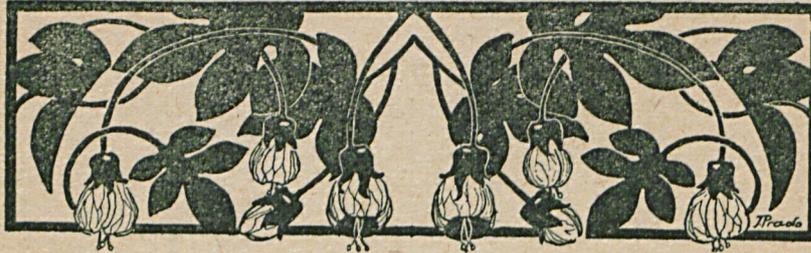
A unica obra de Feldner que contem dados sobre a geologia do Brasil é um pequeno resumido volume publicado depois de sua morte e mencionado nesta bibliographia.

Se Varnhagen publicou outros trabalhos sobre a geologia do Brasil são elles ignorados pelo autor deste artigo.

A verdade é que não pode haver duvida tanto da autoridade de Eschwege como geologo como do seu vasto conhecimento da geologia brasileira. Quem quer que viaje pelo Brasil, sobretudo pelo Estado de Minas, poderá verificar o seu completo conhecimento da geologia dessa região.

(*) Voyage dans les Provinces de Saint Paul et de Saint Catharine par Mr. Auguste de Saint Hilaire. Anotação da pagina 292, vol. I, Paris, 1851.





A RAÇA NEGRA NA AMERICA PORTUGUEZA

SOBREVIVENCIAS TOTEMICAS: FESTAS POPULARES E "FOLK-LORE"

NINA RODRIGUES

II

Em breve mostrarei que, até certo ponto, a semelhança dos contos populares entre povos afastados e perfeitamente isolados pôde ter uma explicação natural de modo a excluir a importação. Mas uma importação por vezes secular, sinão do conto, pelo menos da sua idéa-mater, (coisa que poderia ter succedido aos portuguezes) explicaria perfeitamente as actuaes diferenças de fórma destes dous contos. Em casos muito menos antigos encontram-se alterações analogas.

A existencia, no Brasil, desde data muito remota, de numerosa colonia Nagô, que ainda hoje consttue a maioria dos ultimos velhinhos africanos da Bahia; a transmissão á população mestiça e crioula das suas crenças, dos seus costumes e, largamente, de sua lingua, não permitem que se esteja a discutir sobre a possibilidade de ter provindo delles o cyclo brasileiro dos contos da tartaruga. Desprezando a pretensão theologica de Couto de Magalhães, de ver nas lendas do jaboti "o pensamento de educar a intelligencia do selvagem por meio da fabula ou parabola", o que o levou a emprestar aos pobres Indios sentimentos e raciocinios de povos cultos e até a moral christã de que estava possuido, e não levando em conta a sua supposição de que fossem ellas lendas religiosas, faz-se necessario procurar uma explicação natural para o facto e suas

causas. De todas a que parece mais defensavel é a de uma origem totemica. Contra ella no caso não podem prevalecer os argumentos oppostos por Ellis, que aliás a lembra e discute. E' da essencia mesmo do totemismo attribuir ao objecto ou animal "totem", de que se supõem descendentes os selvagens, virtudes e qualidades superiores. Por este modo tornam-se os animaes dignos de respeito e consideração, que não podem ser transgredidos ou violados sem graves consequencias para o individuo ou para o seu "clan". Assim, tornam-se racionais e comprehende-se como animaes estupidos possam ser dotados, pelo mytho e pelo conto popular, de grande tino e argucia. Esse facto tinha intrigado Couto de Magalhães. "Cada vez que reflecto na singularidade do poeta indigena, dizia elle (1), de escolher o prudente e tardo jaboti para vencer aos mais adeantados animaes da nossa fauna, fica-me evidente que o fim dessas lendas era altamente civilizador."

Mas a veneração totemica o explica, naturalmente, sem recorrer ao symbolismo que Couto de Magalhães emprestava a Indios ignorantes, sem presumir, com Ellis, em povos que não sabem observar, a intenção deliberada de exaltar a habilidade profissional dos animaes. A pericia com que a aranha teve a sua teia, a habilidade de que usa no apanhar a presa podem em rigor ser consideradas qualidades capazes de provocar a admiração e a especulação até de povos inferiores. Mas quaes sejam as qualidades admiraveis da tartaruga, do coelho, etc., é que Ellis não diz, nem eu pude descobrir.

A tradição na Costa do Ouro de que o genero humano descende de *Anansi*, a aranha; a existencia na Costa dos Escravos, de figuras de tartarugas gravadas nas portas dos templos, juntamente com leopardos, serpentes e peixes, animaes totemicos dos Ewes, não bastam para convencer a Ellis da possibilidade de uma origem totemica para os contos citados.

Porque, além de não existir actualmente na Costa do Ouro "clan" da aranha, allega elle: "como as comunidades da Costa do Ouro são heterogeneas, não se pode suspeitar que um "clan" inteiro se tenha extinguido; a menos que essa extincção se tivesse dado em época remota quando as comunidades eram homogeneas. Mas, neste caso, não parece haver razão sufficiente para que a memoria do "totem ancestral" se tenha conservado após a desapareição de todos os individuos que se supõem ter descendido delles."

Pareceu-me bem transcrever, por extenso, as razões de Ellis. Ellas patenteiam o esquecimento de que a transformação historica

(1) Couto de Magalhães: *O Selvagem*, Rio de Janeiro, 1876, p. 158.



de um phenomeno social vivo, como a organisação totemica, em um phenomeno tradicional ou de sobrevivencia, como o conto popular, constitue precisamente o processo da memoria dos povos, que não deve ser reduzida ás condições e leis da memoria dos individuos. Bem o comprehendeu Lang, quando expõe a razão porque o Unkulunkulú dos Zulús não recebe hoje culto algum. Os Zulús acreditam terem sahido da terra differentes tribus, tendo cada uma o seu chefe ou Unkulunkulú proprio. Estão accordes todas as testemunhas em affirmar que, si entre os Zulús as almas dos antepassados recebem culto, Unkulunkulú não recebe culto algum. “Embora as almas dos antepassados recebam culto, explica Lang (1), Unkulunkulú não é adorado, porque elle vivia ha tanto tempo que ninguem pôde fazer remontar a sua genealogia até ao Ser, que foi, ao mesmo tempo, o primeiro dos homens e o creador. Com o tempo, o seu nome desapareceu, e ninguem mais o usando, ninguem lhe deve mais culto e os ritos familiares, no que lhe diz respeito, cahiram em desuso.”

Acceita a origem totemica dos contos da tartaruga, não é impossivel admittir que existissem ao mesmo tempo, embora independentes, um cyclo africano e outro americano, desde que tambem na America, sinão no Brasil, existiram como na Africa, “clans totemicos” da tartaruga. Neste caso, a população brasileira podia perfeitamente têl-os recebido das duas fontes.

Sem duvida, o methodo ethnologico, substituindo vantajosamente o methodo linguistico, no estudo dos mythos, veio mostrar que provisoriamente se pôde considerar “a diffusão de historias praticamente identicas em todas as partes do globo, como o resultado da predominancia em todas as partes do mundo, em um momento dado, de habitos mentaes e idéas analogas.” Mas, no conceito dos auctores mais autorizados, como Lang, não se deve abusar das semelhanças entre os espiritos dos selvagens de todos os paizes e de todas as raças. Quando se trata de historias complexas e situações baralhadas, tem sido impossivel até hoje decidir si ellas se desenvolveram espontaneamente, si procederam de um centro commum, ou si passaram de raça a raça e, assim, se dilataram por todo o mundo.

Muito mais forte deve ser tal reserva quando se conhece precisamente, no caso dos nossos contos populares, de um lado as intimas e antiquissimas relações entre os Indigenas estudados por Couto de Magalhães e as populações brasileiras vizinhas, em que se encontrava o elemento Negro; e, de outro, que, como fica demonstrado neste estudo, os Negros, independentes do Indio, transmitiram á população brasileira contos africanos da tartaruga. E'

(1) Lang: *loc. cit.* p. 166.



um dever, portanto, que se impõe, o de esmerilhar si, de facto, existem dous cyclos distinctos destes contos, ou si, ao contrario, foi um cyclo importado do outro.

A idéa de uma importação americana para os contos da tartaruga dos Negros da Costa dos Escravos, é, pôde-se affirmar, insustentavel. Nunca os africanos da Africa estiveram em contacto directo com os Indios brasileiros. Podiam ter recebido os contos indirectamente pelos Negros americanos que voltaram á Africa. Além das emprezas norte-americanas da repatriação dos Negros, foi grande, sobretudo no seculo XIX, o exodo dos libertos brasileiros, principalmente para a Costa dos Escravos. Estes Negros tinham convivido largamente, nos engenhos e plantações, com a população mestiça brasileira, e poderiam, assim, levar para a Africa os contos em estudo. Mas pondere-se que esses contos não existem, na população brasileira em um cyclo fechado ou concatenado, como nos Indios selvagens ou nos Africanos. Ora, em geral os nossos escravos pretos, que poderam regressar á Africa, não tinham tido convivencia com os Indios selvagens e, sim, com o elemento indigena da nossa população composita. De sorte que a idéa da introdução na Africa, dos contos do jaboti dos Indigenas americanos, levados pelos libertos africanos, que os tivessem tomado á população brasileira em que esses contos não formam um verdadeiro cyclo, concilia-se muito mal com a existencia de um pensamento dominante, de um motivo mythico tão accentuado, como é o da tartaruga na Costa dos Escravos.

Ao contrario, a idéa de que os Indios brasileiros tenham recebido os contos da tartaruga, dos Negros, tem a seu favor as maiores probabilidades. Hartt, que estudou, como Couto de Magalhães, os mythos da tartaruga no Amazonas, já tinha verificado que um desses contos, — o veado e o jaboti, — existe tambem na Africa. Não consegui consultar o opusculo *Amazonian Tortoise Myths*, de Hartt, mas affirma Lang que Hartt considerava muitos desses contos como de importação africana.

Ora, de facto, as relações dos povos negros da Africa com os Indios não domesticados da America, só puderam ser muito indirectas, por meio dos escravos que voltaram á Costa, impregnados dos hábitos e costumes antes da população brasileira do que dos Indios puros. Mas o contacto, na America, dos Indios com os Negros pode ser muito intimo, duradouro e efficaz, não só no commercio da população vizinha com as tribus indigenas mais proximas, como pelos escravos fugidos, que se internavam nas mattas, constituíam quilombos ou se incorporavam aos Indios. Já mencionei, segundo as informações de Lang, o caso dos negros Bonis, da Guyana, que, evadindo-se e constituindo-se em povo



livre, se dividiram em "*clans totemicos*", dos quaes um era precisamente da tartaruga.

Aos Indios estudados por Couto de Magalhães e Hartt podem-se applicar os conceitos do seguinte juizo de Sylvio Romero, apreciando o valor dos estudos existentes sobre a nossa ethnologia: "os viajantes e autores deste seculo, incomparavelmente mais autorisados e desprevenidos, é que nos podem esclarecer. O que, porem, de melhor podem adiantar se refere a tribus indias que não estão no caso de interessar-nos directamente. Suas pesquisas, quanto ao problema das origens, teriam o mais elevado gráo de valor se fossem feitas entre populações no todo selvagens; e, quanto á questão dos idéas que dos "tupys" passaram ao brasileiro, se taes pesquisas fossem effectuadas nos descendentes directos da grande raça, que existem mesclados á nossa população. Assim, porem, não acontece. Seus estudos quasi sempre são feitos em nucleos que nem são o selvagem primitivo nem o representante brasileiro. São populações sempre desviadas das suas antigas idéas, sem contudo poderem ser contadas como parte no nosso povo; as tribus semi-barbaras das margens de alguns dos rios do valle do Amazonas, que vivem, ha tres seculos, em contacto com as populações vizinhas."

Já deixei claro o que se deve pensar, da affirmação de Sylvio Romero, de que os nossos Negros, ou eram de populações desviadas de suas crenças e costumes, pela proximidade das possessões portuguezas, ou vinham de tão tenra idade que delles nada sabiam.

Na hypothese de uma importação africana, comprehende-se que a estupenda riqueza em chelonios das regiões amazonicas e o papel capital que desempenham na alimentação e nos costumes das populações ribeirinhas, pudessem ter sido os factores que influíram para systematisar, no sentido destes animaes, a adaptação dos contos importados. E' facto que, nestas condições, o processo de adaptação inocula vida e animação aos contos, attribuindo os feitos aos animaes da região e distribuindo a acção pelas scenas conhecidas. E sem tal recurso facilmente se extinguiriam.

Não é méra supposição a influencia que exerce o meio na constituição dos contos populares. Claramente ella se revela na intervenção dos mesmos factores ou elementos na formação dos contos populares das regiões ou zonas equivalentes. São, via de regra, os mesmos animaes dos climas quentes que figuram nos contos populares da Costa d'Africa e do Norte do Brasil.

No seguinte conto, tomado a Ellis, da sua rica colleção de contos do kagado ou da tartaruga, colligidos entre os Nagôs, figuram, precisamente como no conto brasileiro de Sergipe, colhido por Sylvio Romero, o kagado e o teyú ou lagarto.



Conto da Costa dos Escravos

(Ellis)

Houve em tempo uma fome em que era muito grande a falta de alimentos por todo o paiz.

Um dia o teyú (leazard) tinha ido á roça procurar alguma cousa que comer, quando encontrou uma grande rocha de inhame. O dono da roça estava perto da rocha. Elle gritou: "Abre-te, rocha" e a rocha abriu-se. O dono entrou, tirou inhame e sahio. Depois disse: "Fecha-te, rocha" e a rocha fechou-se. O teyú vio tudo, ouvindo tudo o que o homem disse e foi para sua casa. No dia seguinte, ao cantar do gallo, elle foi ter á rocha e disse: "Abre-te, rocha", e a rocha abriu-se. Elle entrou, tirou inhame para levar para casa e comer e disse: "Fecha-te rocha" e a rocha fechou-se. Todos os dias o teyú fazia assim.

Um dia, kagado, a fada de cabeça pellada, encontrou o teyú, em caminho carregando inhame e perguntou-lhe: "Camarada, de onde você tira essa comida?" O teyú respondeu-lhe: "Si eu lhe contasse isso e o levasse ao lugar, eu seria morto." A fada de cabeça pellada disse-lhe: "Não, eu não direi palavra a ninguem. Faça o favor de levar-me." Ao que o teyú disse: "Está bem; venha chamar-me amanha ao canto do gallo."

No dia seguinte, muito antes de cantar o gallo, o kagado foi ter á casa do teyú. Ficou fóra da casa e gritou: "kôkôrôkô, kôkôrôkô." Entrou, accordou o teyú e disse-lhe: "O gallo já cantou." "Deixe-me dormir, disse o teyú: ainda não é hora de cantar o gallo." "Bem", disse o kagado. Elles foram dormir até o canto do gallo. O teyú então levantou-se e os dous sahiram juntos. Assim que chegaram no lugar, disse o teyú; "Abre-te rocha" e a rocha abriu-se. O teyú entrou, apanhou o inhame e veio para fóra. Disse elle ao kagado: "E' tempo de ir embora. Tome seu inhame e venha." "Espera um minuto", disse o kagado. "Está bem", disse o teyú: "Fecha-te rocha." E foi sem esperar.

O kagado, a fada de cabeça pellada, carregou-se de inhame. Botou inhame nas costas, na cabeça e nas pernas.

O teyú tinha ido para casa, accendeu fogo, deitou-se de costas com os pés para cima, como si estivesse morto e ficou assim o dia inteiro.

Quando o kagado, a fada de cabeça pellada, estava prompto para sair, elle foi mandar a rocha abrir-se, mas não se lembrou do que devia dizer. Elle disse milhares de palavras, mas não acertou com as proprias, e a rocha ficou fechada.

Neste meio tempo chega o dono da roça. Elle abriu a rocha e achou dentro o kagado. Apanhou e deu-lhe e deu-lhe a valer.

"Quem te trouxe aqui? perguntou o homem. "Foi o teyú quem me trouxe", replicou o kagado.

Então o homem amarrou uma corda no kagado e levou-o ao teyú. Quando o homem chegou em casa do teyú, achou-o deitado de costas, com os pés para o ar como si estivesse morto. Sacudiu-o, e disse-lhe: "Esta fada de cabeça pellada disse que foi você que a levou á minha roça e mostrou-lhe o meo paiol de inhame."

"Eu?", disse o teyú. "Você pode ver por você mesmo que isso era impossível. Eu não estou em estado de sair de casa. Ha tres mezes que eu

estou doente aqui. Ainda não sei onde é sua roça." Então o homem pegou o kagado e arreventou-o em pedaços.

E o kagado, gemendo e chorando, disse n'um tom de piedade:

"Barata, vem remendar-me. Formiga, vem remendar-me."

A barata e a formiga emendaram os pedaços do casco e os logares das emendas ficaram como até hoje mais salientes."

Ellis faz notar que, neste, como nos demais contos em que o kagado faz má figura, resultam seus desastres da sua gulodice, que lhe não deixa fazer as cousas a tempo e com methodo.

No conto brasileiro em parte equivalente, é Nossa Senhora quem remenda o casco do kagado, precipitado do Céu, aonde tinha ido a assistir uma festa escondido na mala do urubú.

Mas aqui, como no conto africano, foi, ainda, do desejo de divertir-se que lhe adveio o desastre.

O cyclo dos contos do jaboti, kagado ou tartaruga não exgotta, porem, a contribuição africana ao *folklore* brasileiro. Fallece-me espaço para registrar toda a riquissima colleção de contos que se poderia colher entre os ultimos Africanos sobreviventes na Bahia.

E' curiosa a equivalencia de muitos desses contos aos de origem aryana.

Mas a ordem de idéas, a que serve esta excursão nos dominios da psychologia comparada, não exige mais do que simples exemplificação, para o que de sobejo bastam os contos aqui insertos.

Respeitei-lhes religiosamente a feição hybrida de idéas e palavras africanas enxertadas em idéas e exposições brasileiras.

O KIBUNGO É O HOMEM

(Pessoal)

Kibungo é um bicho meio homem, meio animal, tendo uma cabeça muito grande e tambem um grande buraco no meio das costas, que se abre quando elle baixa a cabeça e se fecha quando levanta. Come os meninos, abaixando a cabeça, abrindo o buraco e jogando dentro as creanças.

Foi um dia, um homem que tinha tres filhos, sahio de casa para o trabalho, deixando os tres filhos e a mulher. Então appareceu o *kibungo* que, chegando na porta da casa, perguntou, cantando:

"De quem é esta casa,
auê
como gérê, como gérê,
como érá?

A mulher respondeu:

A casa é de meo marido,
auê
como gére, como gére,
como érá.



Fez a mesma pergunta, em relação aos filhos e ella respondeu que eram d'ella. Elle então disse:

“Então, quero comel-os
auê
etc; etc.”

Ella respondeu.

“Pode comel-os, embora,
auê
etc; etc.”

E elle comeu todos tres, jogando-os no buraco das costas.

Depois, perguntou de quem era a mulher, e a mulher respondeu que era de seu marido. O *kibungo* resolveu comel-a tambem, mais quando ia jogar-a no buraco, entrou o marido armado de uma espingarda de que o *kibungo* tem muito mêdo. Aterrado, *kibungo* correu para o centro da casa para sair pela porta do fundo, mas, não a achando, porque as casas dos Negros só têm uma porta, cantou:

“Arrengo desta casa,
auê,
Que tem uma porta só,
auê,
Como géré, como géré,
como éra.”

O homem entrou, atirou no *kibungo*, matou-o e tirou os filhos pelo buraco das costas. Entrou por uma porta, e sahiu por um canivete, el-rei, meu senhor, que me conte sete.”

O KIBUNGO E A CACHORRA

(Pessoal)

Foi um dia uma cachorra cujos filhos, todas as vezes que ella paria, eram comidos pelo *kibungo*. Então para poder livrar os novos filhos do *kibungo* que queria comel-os, metteu-os n'um buraco e ficou sentada em cima, vestida com uma saia e um collar no pescoço. Chegando o *kibungo* e, vendo a cachorra assim vestida, a desconheceu e teve mêdo de approximar-se. Então passando o kagado, elle perguntou-lhe:

Otavi, ôtavi, longôzôe
ilá ponô êfan
i vê pondêrêmun
hôtô rô men i cós
assenta ni ananá ogan
né sô arôrô alé nuxá

O kagado respondeu: “Não sei, *kibungo*.”

Passou a raposa. *Kibungo* fez a mesma pergunta cantando, e a raposa respondeu que não sabia. Passou então o coelho e o *kibungo* fez-lhe ainda a pergunta, foi quando este disse: “Ora, *kibungo*, você não conhece a cachorra vestida de saia com o collar no pescoço?” Ahi, o *kibungo* correu atraz da cachorra para matal-a, e esta atraz do coelho. Nesta carreira entraram pela cidade. Os homens mataram o *kibungo* e a cachorra matou o coelho. Entrou por uma porta, e sahiu pela outra, rei meu senhor, que me conte outra.”

Acredito que estes dous contos sejam de origem bantú, mas não encontrei um negro que me soubesse dizer em que lingua ou dialecto africano é a cantiga do *kibungo* existente no ultimo. Para semelhante difficuldade concorreram muito as alterações da pronuncia crioula e o facto de ser o trecho cantado e não recitado. Vai escripto, porem, como o entendi. Aliás a palavra "*longozoê*" é evidentemente o *logosé*, tartaruga, dos Gêges, como *ogan* é a palavra *senhor*, da mesma lingua.

Kibungo é termo de frequente emprego e muito conhecido na população bahiana, mas de variadissima accepção. Para uns, o *kibungo* é o diabo ou um feiticeiro; para outros, designa todo o individuo desaceiado, maltrapilho; para alguns, é uma especie de animal selvagem; finalmente é para muitos um ser extranho, especie de lobishomem, ou cousa equivalente.

E' de notar que na lingua da Lunda o lobo é chamado *chibungo*.

Mas, para ter-se idéa exacta da concepção popular da entidade *kibungo*, é preciso ir mais longe e remontar a historia dos povos Bantús.

Buscando penetrar no significado preciso do termo *Quimbundo*, escreve o Major Dias de Carvalho (1):

"Sem nos importar agora a origem dos povos da região central de continente africano, o que me parece não offerecer já duvida alguma é que dahi vieram os povos por diferentes emigrações para a costa occidental, e lá encontramos o vocabulo *cabunda*, mas com um significado que não é bem o "bater" de Cannecattim, que me parece melhor tornar conhecido tal como me foi explicado. Supponha-se um grupo de homens armados, que veem de longe sem ser esperados a uma terra estranha; os povos desta, atemorizados por gente que lhes é inteiramente desconhecida, fogem-lhe ou, humilhados e surprehendidos, sujeitam-se ás imposições. Aquelles, esfomeados, a primeira cousa de que tratam, é de correr immediatamente ás lavras e devastar tudo para comerem, e em seguida vão-se apossando do que encontram, incluindo mulheres e creanças. Se lhes convem a terra, estabelecem nella a sua residencia permanente: se não, seguem o seu caminho.

"A acção que esse grupo praticou chamam *cumbundo*, e a cada individuo que faz parte do grupo, *quimbundo*, o que eu creio ter interpretado bem por "invadir, invasor."

Da idéa e dos sentimentos de terror e desprezo, inspirados pelo *quimbundo* invasor, talando de surpresa os campos e roubando

(1) Dias de Carvalho: *Ethnographia e historia natural dos povos da Lunda*. Lisboa 1890 pg. 123.



creanças e mulheres, associados á idéa e ao terror inspirados pelo lobo, *chibungo*, nasceu evidentemente na imaginação popular a concepção dessa entidade estranha — o *kibungo*, que os Bantús transmittiam ás nossas populações do Norte e que nellas persiste agora, após o desaparecimento dos povos de que se originou.

PORQUE DAS MULHERES, UMAS TEM OS PEITOS GRANDES E OUTRAS PEQUENOS

(Pessoal)

Um homem tinha um cachorro (cão) de raça, muito bom. Quando ia ás mattas, si matava sacuê (gallinha de Angola) ou outro bicho vinha trazer ao dono. E este já estava acostumado. Um dia em que elle foi a caça com seu cachorro, este matou uma sacuê e a trazia ao dono, quando uma mulher, muito grande e valente, de peitos tão grandes que cahiam no chão e faziam um grande barulho quando ella andava, não só tomou e comeu a sacuê como o cachorro. O dono cançou de chamar, o cachorro não veio. No dia seguinte, elle voltou ao matto e principiou a procurar o cachorro e a cantar :

Avúp-cê, mababú,
Avun-cê, nôgô-é-zin,
Avún-cê, mababú,
Avun-cê, nôgô-zo,
Avún-cê, mababú,
Avun-cê, nôgô-abô,
Avún-cê, mababú,
Avun-cê, aúê-na
A son coticolô kê
búbúm.

De repente appareceu-lhe a tal mulher enorme, de peitos volumosos, que toda enfurecida e batendo com os pés no chão, cantou ameaçadora :

Náná né die, paraíá
Un só aum tóédu, paraíá
Tô, tô, tô, paraíá

(Que ella tinha o direito de comer tudo que o se mata; que tinha sido ella quem comeu a sacuê e o cachorro; que quem quizesse se approximasse).

O homem fugiu e foi contar o caso ao rei.

O rei reuniu logo muitos homens e todos armados, seguiram para o matto, para ver a mulher de peitos enormes. Chegando lá, o homem poz-se a cantar; assim que acabou, appareceu de repente a mulher, que lhe respondeu da mesma forma e todos deitaram a fugir.

A' vista disto, o rei mandou chamar homens de outras terras e com elles foi de novo procurar a mulher. Assim que o dono do cachorro acabou a sua cantiga, a mulher appareceu e logo que acabou de cantar todos correram outra vez.

Então, as mulheres da terra disseram que, como os homens já tinham ido tres vezes combater a mulher de peitos grandes e tinham sido batidos e havim corrido, desta vez iriam ellas. Não quizeram saber de espadas,

nem de armas; cada qual se apoderou de colher, de vassoura, de panela etc. Quando a expedição chegou aos mattos e o homem do cachorro cantou a sua cantiga, a mulher monstro appareceu.

Cahiram as mulheres sobre ella de colher, de vassoura, de panela e para logo a mataram. Então cada qual tratou de apoderar-se de um pedaço do peito da mulher; as que poderam apanhar um pedaço grande tiveram os peitos muitos grandes, as que só alcançaram um pedacinho ficaram de peito pequeno e é por isso que as mulheres não têm peitos do mesmo tamanho.

A FEITICEIRA QUE TIRAVA OS OLHOS E OS BRAÇOS

(Pessoal)

Dous irmãos mabaças (gêmeos) não gostavam de ir á malhada que era muito longe. Quando iam era tão longe que levavam lume (isca), para accender o fogo em caminho. Um dia, elles foram, não levaram lume, e o fogo que levavam apagou-se no caminho com a chuva. Ficaram elles muito afflictos, sem saber onde encontrar lume.

Olharão para todos os lados e viram lá muito longe uma fumaça. Então foi o mabaça mais velho buscar o lume. Elle andou muito, mas era tão longe que nunca mais chegava. Por fim chegou a casa. Entrou muito de vagar e viu a mulher tirar os olhos, o nariz, a bocca, os braços as pernas e botal-os no chão para dar de comida.

Então elle sahiu com muito cuidado e de fóra gritou: "Oh de casa?" De repente todos os pedaços da feiticeira saltaram nos seus logares e ella gritou: "O que quer?" Pediu-lhe que lhe dêsse fogo, porque o delles se tinha apagado e não podiam fazer comida. A mulher tratou de indagar si elle não tinha visto ou observado alguma cousa em casa della. O menino disse que não, que nem havia entrado.

Ella deu o fogo e elle sahiu. Mas apenas chegou em caminho, elle pegou na gaita de que todos usam na Costa (d'África) e cujo som se ouve de muitas leguas e cantou:

"Que tinha visto cousas extraordinarias; uma mulher que botava no chão os olhos, a bocca, o nariz, os peitos, os braços, etc., para dar-lhes de comer."

Assim que a mulher ouviu aquillo, sahiu correndo atraz do menino e por fim o alcançou. Elle, porem, disse que não tinha sido quem havia cantado, tanto que não tinha gaita. A velha correu-o todo e não a encontrou porque elle a mettu no rabo.

A velha voltou. Mal voltou, porem, o menino poz-se de novo a cantar. A velha resolveu comel-o.

Elle levou o fogo, accendeu o fogão e fez a comida para os dous, contando ao irmão tudo que tinha visto.

A' noite, a velha foi ter á casa do menino disposta a comel-o e pediu agasalho. Os mabaças disseram que sim e deram-lhe cama.

Mas os mabaças tinham 25 cachorros terriveis. Quando durante á noite a velha queria levantar-se para comer o menino, ella fazia um relampago e os cães ladravam. Ella chamava os meninos e dizia que os cachorros que-riam mordel-a, mas elles affirmavam que não tivesse receio.



Não tendo conseguido nada, de manhã ella pediu ao menino que a acompanhasse a sua casa e fosse tirar uma lenha de que ella precisava. O menino foi tirar a lenha e a velha mandou-o subir a uma arvore e soltou toda a gente della que principiou a corroer os pés das arvores para matar o menino.

O menino que estava no alto de um páo muito grande gritou pelos cães que de repente cahiram sobre os atacantes e os mataram como á feiticeira.

Não é sem interesse apreciar a feição diversa a que se pode prestar o mesmo thema de contos populares conforme a civilização e a cultura de povos de raças ou estirpes diferentes.

Do thema da menina modesta, affectiva, que, maltratada da madrasta em beneficio da propria filha, mal educada, invejosa, dura de coração, recebe das fadas uma recompensa, com exemplar castigo da inveja da sua riyal, proveio evidentemente o conto aryano da Maria Borrallheira com todos os seus matizes e variantes. Nos Negros, essa revolta do sentimento da justiça contra castigos não merecidos, ou contra a recompensa immerecida da má conducta, teve tambem o seu echo na repulsa e condemnação anonyma da opinião publica e della nasceu uma versão equivalente, que se incarnou no seguinte conto nagô:

MEU ALO E' SOBRE UMA MULHER CUJA FILHA FAZIA AZEITE DE DENDÊ

(Ellis)

Um dia, quando a menina acabava de fazer o azeite de dendê, levou-o á feira para vender. Ella ficou na feira vendendo o seu azeite até ao escurecer. Quando chegou a noite o *Iwin*, fada ou espirito, chegou a ella, comprou azeite de dendê e pagou-lhe com alguns cawries. A menina contou os cawries, achou um que estava quebrado e pediu ao *Iwin* o que faltava. O *Iwin* disse-lhe que não tinha mais cawries. E a menina começou a gritar: "Minha mãi me baterá si eu voltar para casa com cawry quebrado." O *Iwin* partio e a menina o acompanhou. "Vai-te embora, disse o *Iwin*, volta para casa, porque ninguem pode entrar no paiz em que eu moro." "Não, disse a menina, eu irei onde tú fores até que me pagues o meo cawry."

A menina seguiu e caminhou um caminho muito longo, até chegar ao paiz em que a gente fica em pé sobre as cabeças dentro dos seus pilões e pila o inhame com a cabeça.

Então elles caminharam ainda um caminho muito longo e depois chegaram á margem de um charco. E o *Iwin* cantou:

"Oh! joven mercadora de azeite de dendê,
Agora debes voltar atraz.

A menina respondeu:

Emquanto não receber meu cawry,
Não deixarei tuas pizadas,



Replicou o *Iwin*:

Oh! joven mercadôra de azeite de palma,
Cêdo este rastro desaparecerá
No rio de sangue,
Então deves regressar.

E cantaram. Ella: "Não regressarei." Elle: "Vês a escura floresta?" Ella: "Não regressarei." Elle: "Vês a montanha pedregosa?" Ella: "Não voltarei. Sem receber o meu cawry, não deixarei teu rasto."

Andaram ainda um caminho muito longo e por fim chegaram á terra dos mortos. O *Iwin* deu á menina alguns côcos de dendê para fazer azeite e disse-lhe: "Come o azeite e dá-me o *há-há* (1) (a polpa)." Quando o azeite ficou prompto, a menina deu ao *Iwin* e comeu o *há-há*.

O *Iwin* deu-lhe uma banana e disse: "Come a banana e dá-me a casca." Mas a menina descascou a banana, deu-a ao *Iwin* e comeu a casca.

Então o *Iwin* disse á menina: "Vai e apanha tres *adôs* (cabacinhas). Não apanhes os *adôs* que gritam: "Colhe-me, colhe-me, colhe-me", mas colhe aquelles que nada dizem e então volta a tua casa. Quando estiveres a meio do caminho quebra um *ado*, quebra outro, quando estiveres á porta da casa, e o terceiro quando estiveres dentro de casa." E a menina disse: "Muito bem".

Ella colheu os *adôs* como lhe tinha sido ensinado e voltou para casa.

Quando estava a meio caminho quebrou um *ado* e eis que apparecem muitos escravos e cavallos que a seguiram. Quando estava á porta da casa, a menina quebrou o segundo *ado* e logo appareceu muita gente, carneiros, cabras, aves, mais de duzentos e a seguiram. Quando estava dentro de casa, quebrou o ultimo *adô* e de repente a casa ficou cheia a transbordar de cawries que sahiam pelas portas e janellas.

A mãe da menina tomou vinte pannos da Costa, vinte voltas de contas de valor, vinte carneiros, vinte cabras, vinte aves e mandou levar de presente a *Iyale*, mulher em chefe (Regimen polygamico em que das esposas uma occupa o primeiro logar).

Esta perguntou d'onde tinha vindo tanta cousa, e quando soube, recusou accetar o presente dizendo, que mandará sua filha fazer o mesmo e facilmente obterá assim a mesma cousa.

Então a *Iyale* fez azeite de dendê e deu a sua filha para ir vender na feira. A menina foi e o *Iwin* comprou o azeite e pagou com cawries. Elle deu o numero certo de cawries, mas a menina escondeu um e pretendeu que não tinha recebido todos. "O que posso fazer? disse o *Iwin*, eu não tenho mais cawries." Oh! disse a menina, eu o seguirei á sua casa e então você me pagará." O *Iwin* disse: "Pois bem."

Quando os dous estavam caminhando junto, o *Iwin* começou a cantar como da primeira vez:

"Oh! joven mercadora de azeite de dendê,
Deves voltar a tua casa.

E a menina: "Eu não voltarei." O *Iwin*: "Deixa a minha pista." A menina: "Eu não voltarei." O *Iwin*: "Bem, vamos por deante." E seguiram até ao paiz dos mortos. O *Iwin* deu á menina côcos de dendê para fazer azeite e disse-lhe que comesse o azeite e lhe trouxesse o *há-há* e a menina fez assim. O *Iwin* disse-lhe: "Muito bem." Deu-lhe uma banana, para que

(1) Entre nós, os Africanos chamam *bambá*, provavelmente simples variante de pronuncia do *há-há* de Ellis.



comesse a fruta e lhe trouxesse as cascas e a menina fez assim. Então o *Iwin* disse-lhe: "Vai e colhe tres *adôs*. Não colhas os que dizem: "Colhe-me, colhe-me, colhe-me", mas os que ficam calados.

Ella foi; deixou de parte os que estavam calados e colheu dos que pediam fossem colhidos. O *Iwin* disse-lhe: "Quebra um a meio do caminho, outro na tua porta e o ultimo dentro de casa.

A meio caminho, a menina quebrou um *adô* e eis que numerosos leões, leopardos, hyenas e cobras apparecem. Elles correram atraz da menina, fatigaram-se e a morderam, até chegar á porta de sua casa. Então ella quebrou o segundo *adô* e sahiram animaes ainda mais ferozes que cahiram sobre ella, morderam-na e rasgaram-na. A porta da casa estava fechada e só havia em casa uma pessoa surda. A menina pediu ao surdo que abrisse a porta, mas elle não ouviu. E ahí na soleira os animaes selvagens mataram a menina.

Encontro nos Nagôs da Bahia esta versão quasi sem alteração como se pode ver no conto seguinte:

A MENINA CAITON OU COMBOÇA (?) (OU ENTEADA)

(Pesoal, tomada a velhos nagôs)

Era um dia uma menina que a madrasta ou dona da casa maltratava muito, obrigava a trabalhos muito pesados, ao passo que a sua filha não fazia nada, vivia passeando, deitada ou dormindo.

Um dia que a menina não poudé vender todo o milho de Angola que tinha levado á feira e perdeu uma parte d'elle, resolveu ir por ahí a buscar a terra das fadas.

Começou a seguir um caminho muito longo. Lá adeante encontrou *acarajé* e pediu-lhe que lhe ensinasse a estrada. *Acarajé* disse-lhe que o ajudasse a preparar-se que lhe ensinaria o caminho. Ella o fez de boa vontade e elle indicou-lhe a estrada. Andou, andou e lá adeante encontrou umas pedras com forma de gente que lhe pediram que ella as collocasse melhor. A menina com muito esforço conseguiu fazer e as pedras lhe ensinaram o seu caminho. Adeante encontrou *adjinacu'* (kagado?) que tambem lhe pediu prestasse o serviço de auxiliar-o no trabalho que estava fazendo e a menina prestou-se de boa vontade. Tambem *adjinacu'* mostrou-lhe o seu caminho. Muito adeante encontrou uma onça parida, a quem pediu que ensinasse o caminho e a onça, perguntando-lhe si não tinha medo de ser comida, respondeu que a comesse logo para acabar a sua vida. A onça ensinou-lhe o caminho. Adeante encontrou um menino que batia feijão. Pediu que lhe ensinasse o seu caminho; o menino disse que o fazia si ella o ajudasse. Promptamente o fez e o menino ensinou-lhe o caminho. Seguiu e depois de andar muito chegou a um logar em que o cachorro latio; perguntaram "quem está ahí?" disseram-lhe: "entre." Ella passou e encontrou a mãe d'agua, *Ye-maanjá*, com os cabellos cheios de alfinetes, a qual pediu á menina que a catasse. A menina começou a catal-a, ficou com os dedos ensanguentados e sem dizer nada, sem se queixar, ia enxugando o sangue no corpo.

Então a mãe d'agua escolheu seis entre muitas cabacinhas e deu-as á menina, dizendo que voltasse para casa, daí a meia legua quebrasse duas cabacinhas, no meio do caminho quebrasse outras duas e em casa quebrasse as duas ultimas.



A menina fez assim. D'ahi a meia legua, quebrou as duas cabacinhas e para logo sahiram um cavallo todo arreado e muitos escravos que a queriam conduzir na cabeça. No meio do caminho, quebrou as duas outras e sahiram muitos animaes, rebanhos com a gente para conduzir. Quando quebrou as ultimas, em casa sahiu tanta riqueza que o dinheiro não cabia na casa.

A madrasta, vendo aquillo e sendo muito invejosa, disse á filha que a enteada tinha ido e ella não sabia buscar tanta riqueza.

A filha indagou o que a outra tinha feitò e foi tambem á terra das fadas. Seguiu viagem. Encontrou *acarajé*, que lhe perguntou aonde ella ia. Ella respondeu: "Não é da sua conta." E tendo lhe perguntado *acarajé* si sabia o caminho, ella respondeu que não queria saber. Depois encontrou as pedras que lhe fizeram o mesmo pedido que á outra menina. Ella respondeu que não estava para machucar suas mãos. A' *adjinacu'* que lhe perguntara aonde ia, ella respondeu que não era de sua conta. Disse-lhe *adjinacu'*: "Aqui está o caminho, vai, vai." A' onça e ao menino, que batia feijão, ella não quiz ajudar e respondeu que não era da conta delles onde ella ia.

Finalmente chegou onde estava a mãe d'agua. E como esta a convidasse a catal-a, respondeu que não estava para ferir suas mãos.

A Mãe d'agua deu-lhe então tres cabaças, uma para ser quebrada no meio do caminho, outra perto de casa e a outra em casa.

Quando quebrou a primeira, sahiu de dentro uma cobra que se poz a picar a torto e a direito, deixando todos aleijados. A menina só poude escapar correndo muito. Quando perto da casa quebrou outra, de dentro sahiram animaes ferozes que a perseguiram até a casa. Quebrou a ultima dentro de casa e de dentro sahiu uma onça que comeu a gente della toda.

Em conclusão, os contos populares confirmam a poderosa influencia exercida pelos Negros na formação da nossa psychologia popular, mas pouco ensinam em particular acerca dos povos negros de que provieram.

São os Gêges e os Nagôs que mais claros vestigios deixaram da sua acção.

No conto da *menina dos brincos de ouro*, é de notar que seja tão conhecido na Bahia e no Maranhão, onde verifiquei pessoal e directamente a existencia de negros Yorubanos e Gêges e a disseminação das suas crenças na população brasileira, sendo curioso que escapasse a Sylvio Romero que parece ter feito as suas observações em Estados em que dominava, sobretudo, o elemento "bantú". Nova confirmação ao meu asserto de que os povos negros não foram distribuidos igualmente pelos Estados brasileiros.

Ha nos contos colhidos por mim, alguns que são certamente "bantús." Quanto aos colhidos entre os Gurunsis, Haussás, etc., não é possível dizer si os Negros os trouxeram de suas terras respectivas, na Africa, ou si os aprenderam uns dos outros, no Brasil.





DOS “VERSOS A DONA FLOR”

CLOVIS LEITE RIBEIRO

IV

*CHOVE. Do céu cinzento, em torrente, a água cáe
sobre a cidade;
innunda tudo — as arvores, as casas,
a rua;
sobre a vidraça tamborila e escorre,
escorre e tamborila.*

*E, abandonado e só, no tédio e no desgosto
deste dia de chuva,
deste dilúvio universal,
eu penso em ti;
a tua imagem linda — ó manhã de verão!
paíra serenamente
entre as gottas de chuva,
enchendo de alegria o espaço todo, o céu,
a terra, o ar, a vida!*

*Sinto-a sorrir nas arvores, nas casas,
entre as folhas de um livro que não leio;
sinto-a*

*dentro do coração, que palpita por ti
e onde não chove nunca, onde todos os dias
há o arrebol do teu sorriso;
onde as nuvens são sonhos e onde os sonhos
são nuvens soltas pelo céu em fóra...*

V

*E' meia-noite. Além, o relógio da torre
dá doze badaladas
lentas.*

*E, a escuta-as, sonóras e vibrando
pelo remanso cálido na noite,
dentro de mim acorda
a suave lembrança dos teus olhos;
deito-me
e apago, já da cama, a lâmpada velada.*

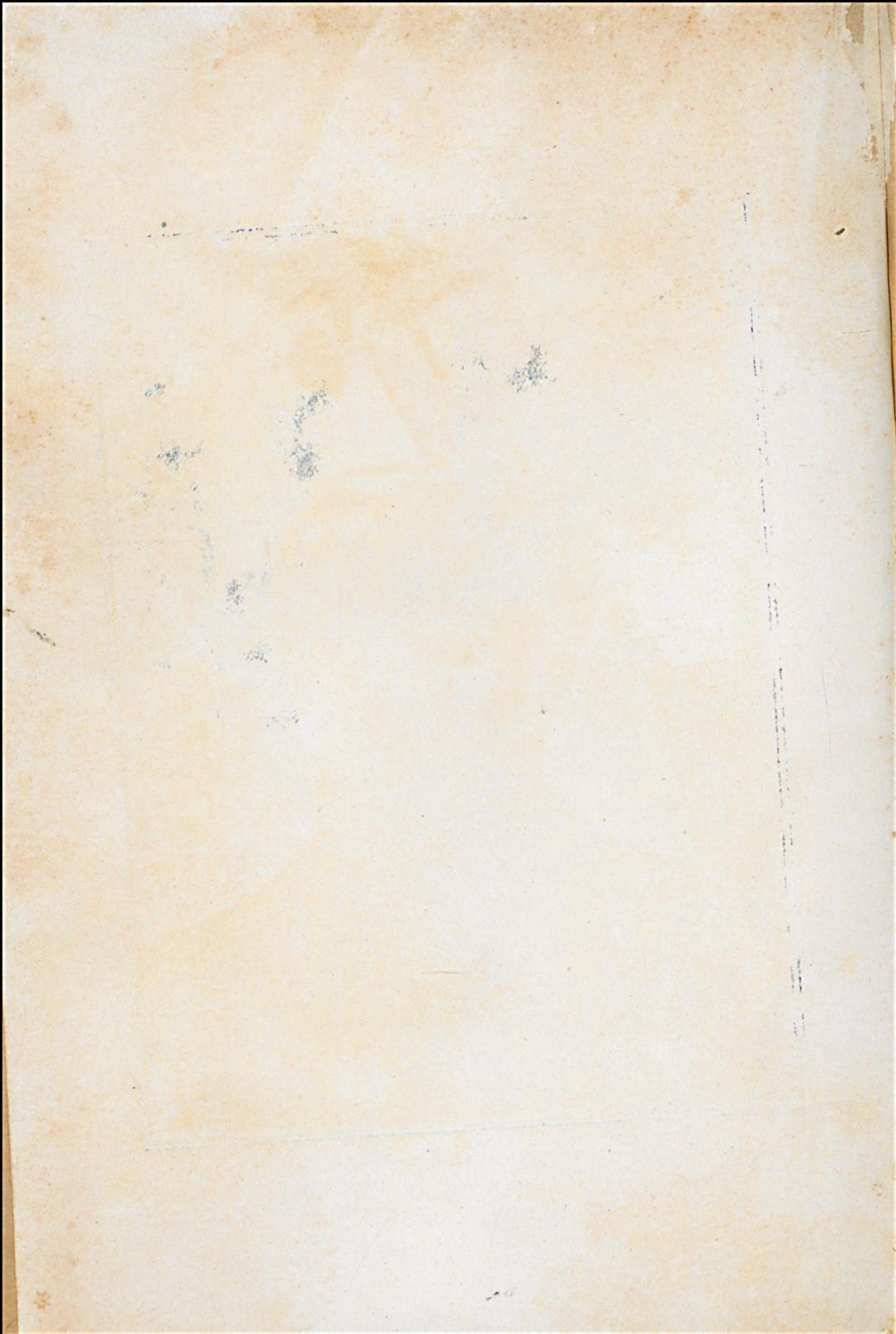
As horas passam...

*É súbito, sem ruído, lentamente,
a porta do aposento vai-se abrindo...
Surge a orla bordada de um vestido,
um braço níveo, uma cabeça linda,
e surge linda, e linda me appareces.
Caminhas para o leito,
sentas-te á beira delle.
Desabrocha-te a bocca um fúlgido sorriso,
fitas-me longamente os olhos somnolentos,
pões com cuidado as mãos na minha fronte ardente;
debruças-te sobre mim
e eu mal sinto, através de uma nevoa de sonho,
que poussa em minha bocca a tua rosea bocca.
Quero tomar-te o busto em meus braços. Anceio
por sentir o calôr do teu corpo suave.
Mas frouxos pendem
os braços sobre o leito e, a sorrir, te levantas
e foge-me a sorrir da bocca a tua bocca...*

GALERIA DOS EDITADOS



ROSALINA COELHO LISBOA,
autora do "Rito Pagão".



cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15

— "Oh vem!" quero dizer. E os lábios ficam mudos.

Lentamente te afastas
e a sorrir, a sorrir, sempre a sorrir caminhas,
de costas, sem rumôr, para a porta do quarto.
Somes...

E, da janella aberta não sei como,
na torre esguia e negra
ouço o relógio
dar horas.

E as badaladas lentas, compassadas,
entôrno ao sino velho,
tomam formas...

Nisto, um rodar distante vem trazer-me
o êcho da vida.
A pouco e pouco vão sumindo, numa bruma
densa e fluctuante,
os relevos da scena... Somnolento
desperto... Olho espantado o quarto escuro,
salto do leito, abro a janella em par...

Pela noite serena, além, na curva azul
de um céu longinquo,
as estrellas scintillam bruxoleando,
— salpicos de ouro!
E a tua rubra bocca, a sorrir para mim,
que em pensamento eu sinto e em pensamento eu beijo,
vem, linda Flôr, me encher,
vem me encher de ternura o coração ancioso!

VI

A lua, Dona Flôr, vai no espaço. E parece
uma linda pastôra, a tanger o rebanho
das brancas nuvens — baixo relevo
no firmamento quasi azul
dêsta noite serena de verão.



nhia — assume o do Sr. Oliveira Lima relevos cathedralescos. Menos poeticamente: dá a idéa dum Roíís Royce cahido de repente entre carros de boi. Vem supprir na litteratura pedagogica do Brasil, falta notavel. E suppril-a triumphalmente. Fazer estudar a mocidade do Brasil e de Portugal o compendio de Botelho ou o de Moreira Pinto ou o doutro qualquer lambão é, agora, duplo peccado: de commissão e de omissão.

Referi-me ao poder de simplificação que o sr. Oliveira Lima revela. Parece-me o forte do auctor de "Dom João VI no Brasil". A massa, o peso, a repetição sempre lhe repugnaram ao espirito, amigo da harmonia e da simplicidade. Surprehende o muito de material que, na "Historia", entre setecentas e tantas paginas, conseguiu sandwichar o auctor. Vê-se que o livro resulta de leituras enormes. Mas, ai de nós, estudantes, si o Sr. Oliveira Lima não possuísse a arte anatolcana de simplificar! Possue-a. De cada genero de vida, de cada typo de cultura — o egypcio, o grego, o catholico-medieval — é a medulla que elle põe a nú; é a essencia que distilla; é a nota mais intima, mais viva, mais caracteristica que destaca. Assim dos persas informa pittorescamente o historiador que "primitivamente eram montanhezes simples, desprezando o luxo, abstemios, vivendo do espirito em boa parte, sem grande força intellectual creadora como os gregos, nem profunda inspiração religiosa como os hebreus, mas amigos da poesia e da arte e dispondo de uma fantasia animada e conceituosa... Soldados antes de tudo, pouquissimo fizeram no terreno das artes mechanicas e contentavam-se com que o centro politico de tão vastos dominios fosse tambem o emporio de variadissimas producções, vendo-se ao lado dos linhos de Egypto, os chales de Cachemira da India e as musselinas de Sardes na Lydia". Da capital do imperio dos Medas e dos Persas já informára que era "itinerante, pois a côrte costumava passar a primavera em Susa, ia veranear nas montanhas da Media, em Echata, e fazia de Babylonia a sua Riviera". Tudo isto está saborosamente dito. Ha ahi precisão e côr. Livre da nevrose verbal que no Sr. Ruy Barbosa como no Sr. Coleho Netto chega a ser por vezes pathologica, o sr. Oliveira Lima dá em meia pagina a synthese dum typo de cultura. Em alguns casos vae ao exaggero e, na ancia de economia, ensardinha palavras. Noutros procura dizer quasi num só folego, numa sentença só, o que ficaria melhor em duas ou tres. Não poucas vezes, ao ler a "Historia", senti a tentação de partir a meio sentenças. Aliás o defeito é velho no Sr. Oliveira Lima: encontro-o em "Pernambuco e seu desenvolvimento historico" e em "Aspectos da litteratura colonial brasileira".

No dispor do seu material revela o auctor da "Historia" que



os factos de significação social ou, si quizerem, sociologica, mais o interessam que o puro recordar de incidentes dynasticos e militares. Faz-se aqui manifesta a influencia da litteratura historica da Allemanha sobre o Sr. Oliveira Lima.

Si é verdade que Voltaire, no seu "Essai sur les Mœurs", desvirginou o campo da historia conscientemente social — porque inconscientemente já existia nos relatos do pae Herodoto e no Velho Testamento — foram os allemães os primeiros a definitivamente estabelecer a idéa e o methodo que o nome de *Kulturgeschichte* especifica. Basta lembrar os fortes estudos de Winckermann e de Justus Moser. Hoje, na Allemanha como na Inglaterra, na Italia, na Russia, nos Estados Unidos e um pouco em toda a parte, continuam o methodo e a idéa da historia social a revelar, de victoria em victoria, aspectos novos e relações despercebidas no desenvolvimento humano. O sr. Oliveira Lima applicou-o ao passado do Brasil em "Pernambuco", no estudo da litteratura colonial e, com maior relevo, em "Dom João VI no Brasil" — obra prima da litteratura historica em portuguez, talvez a unica escripta por brasileiro, digna de figurar ao lado das producções de Herculano e Oliveira Martins.

Creio que o reparo mais desfavoravel que se possa fazer ao recente livro do Sr. Oliveira Lima é o logar subalterno que, na hierarchia de factos dá o auctor ao elemento economico. Aliás este reparo, que lhe fiz em carta, aceita-o o Sr. Oliveira Lima; apenas o justifica, ou antes o explica, com a escassez de espaço. Dada, porém, a limitação de espaço, o material a sacrificar deveria ser outro, não o economico.

E' verdade que a tendencia do dia é o exaggero do factor physico-economico. Já passa a mania, nevrose, doença o methodo de explicar o mais complexo problema historico, como pura questão de saccos de assucar ou de poços de petroleo. Não falta gente mais papista que o papa; não faltam marxistas que o são mais que o pápa Karl (1). Ha do Professor Seligman, da Universidade de Columbia, excellente estudo sobre a theoria de materialismo historico que elle prefere intitular de "interpretação economica da historia". Traduz ahi o auctor, duma carta de Engels, o mais intimo collaborador de Marx, o trecho que procurei verter ao portuguez: "A condição economica é a base, porém os varios elementos da superstructura — as fórmias politicas que assumem os conflictos de classes e seu resultado, as constituições — as formas legaes, e tambem todos os pontos de vista politicos, juridicos, philosophicos, religiosos... todos estes elementos exercem influencia sobre o desenvolvimento das luctas historicas, deter-

(1) Entre estes Kausty, Achille Loria e Charles Beard.



minando-lhes a forma em alguns casos". (2) Engels, como se deprehe de esta confissão clara como agua, acceitava a influencia doutros factores, fóra o economico. E' provavel que assim pensasse Marx. Seus discipulos, porém, parecem dominados da mania de abrir as portas de tudo quanto é problema historico com uma só chave: o dito materialismo economico. Na litteratura dos Estados Unidos a mania culminou numa obra de genio em que o auctor procura reduzir a Constituição da Republica a puro documento economico — o broquel das classes capitalisticas contra as operarias. (3)

A similhantes excessos não succumbiu o sr. Oliveira Lima. Mas, si escapou a um extremo de opinião e de methodo, succumbiu a outro. Seu livro raramente põe a nù a raiz economica de muita cousa bonita que passa por originaria do céo. Da organização economica dos gregos, dos hebreus, dos romanos diz muito pouco. Passando em revista a historia da Europa no seculo XIX, seu interesse quasi inteiro se concentra no movimento liberal que produziu a democratisação das formas politicas. Não apresenta ao estudante a marcha ascendente do capitalismo que, desde o seculo XVI, começa a affectar as phases todas da vida e da cultura europeas. E' de raspão, em notas á ligeira, como quem não quer perder tempo com futilidades, que se occupa da reacção do socialismo contra o chamado liberalismo economico, do apparecimento de syndicatos e cooperativas, da dissolução das "guilds" medievaes. Num fugitivo topico sobre a liga de Manchester fal-a crer expressão de fraternidade humana. Fraternidade humana! A lueta em volta da liga de Manchester foi pura fricção de interesses economicos: os da burguesia contra os da aristocracia territorial. Si redundou em beneficio dos pobres, o resultado foi indirecto. O que a liga queria era deslocar para as mãos dos uzineiros, donos de fabricas e capitalistas a somma enorme de poder que a aristocracia territorial vinha monopolizando. Para isto era mister trombetear cousas idyllicas sobre fraternidade humana; fel-o a voz de John Bright, que alem de boa garganta possuia a solemnidade dos gestos — o puxar dos punhos da camisa e o erguer dramatico dos braços, em posturas de effeito. Perdeu o Sr. Oliveira Lima excellente occasião de apresentar ao estudante este vivo contraste: muito melhor tratados eram os escravos no Brasil, no meiado do seculo XIX, que os trabalhadores nas minas e fabricas da Inglaterra. Que conto da carochinha, a philanthropia da *bourgeoisie* britannica! Mas é

(2) Seligman — The Economic Interpretation of History (1917) pag. 142.

(3) Refiro-me a "The Economic Interpretation of the American Constitution", de Beard.



preciso não esquecer que no Brasil acreditaram nella Joaquim Nabuco, José Verissimo e o Sr. Ruy Barbosa.

No correr de sua narrativa leva-nos o Sr. Oliveira Lima á presença de grandes personagens. Destaca-lhes o caracter em notas ligeiras porém vivas e flagrantes. De Alexandre, por exemplo, informa que era "feito de contrastes, unindo a generosidade com a ferocidade, a temeridade com o senso de governo e a visão politica com a intemperança. Não havia pois na sua personalidade o simples appetite de mando. Alem de incorporar territorios e arrastar povos ao captiveiro, havia a preocupação utilitaria de ligar terras e populações pelos laços de commercio; havia mesmo a intenção de hellenizar o mundo, dando-lhe leis communs, costumes communs e uma lingua commum". Isto quanto a uma figura já meio legendaria, de volta de quem o historiador faz desaparecer nevas de fantasia, apresentando-a, tanto quanto possível, na pura nudez humana. Porém, si a distancia muita vez poetisa de tal modo personagens historicos a ponto de os desfigurar, também os prejudica a proximidade. Por isto dizia Lemaitre que a critica dos contemporaneos era conversa... Vejamos, entretanto, como o Sr. Oliveira Lima retrata uma figura de hontem — historicamente ainda inseputa. E' um caso typico: Francisco Solano Lopez. De Lopez estamos fartos de caricaturas. Não ha historiador brasileiro que o não caricature como si o dictador fôra um gnomo mau de conto da carochinha. Vem o Sr. Oliveira Lima e eleva Lopez ao seu tamanho natural. Salienta-lhe a "inexcedivel constancia". Rememora-lhe "a morte heroica", em Cerro Corá, onde o paraguayco recusou entregar a espada ao inimigo, "defendendo-se ainda depois de ferido". Excellente ensejo, aqui, de que se não aproveitou o auctor, para arrancar da cabeça do brasileiro Chico Diabo os louros dum heroismo officializado ás pressas. Chico foi duma cobardia vergonhosa: sobre uma creatura a sangrar, já ferida e prostrada, é que elle applicou sua lança, varando com morbida delicia as carnes flaccidas do coitado.

Mas não é só de homens de acção que se occupa o historiador. Na sua obra de amplexidade cathedralesca também figuram as creaturas de imaginação creadora como Leonardo da Vinci, as de espirito critico como Bacon, Erasmo e Descartes, as de mente investigadora como Darwin e Pasteur.

Apresenta-as ao estudante o Sr. Oliveira Lima. Vae pegar o velho Socrates em flagrante, no jardim de Academus, onde o mestre ensinava, sob arvores, a discipulos attentos e encantados, que "ao culto do bello deve unir-se o do bem". Vae pegar Abelardo á sombra d'alguma cathedral onde o Bergson da escholastica parára para discursar a quatro ou cinco mil pessoas. Vae pegar o Dr. Thomaz de Aquino, entre arcadas medievaes, pro-



duzindo a sabedoria ainda viva da "Summa Theologia". Depois a idade moderna, os expoentes doutro typo de cultura: Copernico, Luthero & C.^a, Loyola, Erasmo, Shakspeare, Leibnitz, Racine, Lope de Vega... É continúa o cortejo, através das paginas da "Historia", de grandes intellectuaes e de grandes artistas, até os de hoje, até esse admiravel Gerhart Hauptmann que um amigo meu viu ha pouco numa taverna de Berlim esvasiando aos goles seu copo de cerveja. Que amplexidade, a desta obra! Surprehende. Teria surprehendido ao proprio heroe de Eça, aquelle que "emquanto tirava do bolso a charuteira, construia uma synthese profunda sobre a guerra do Peloponeso" e de quem o Sr. Oliveira Lima me parece ás vezes a copia — uma das taes copias que a vida faz á arte, segundo Wilde... Noto entre os intellectuaes apenas duas omissões; e tão importantes que as não sei explicar: Giordano Bruno e Mendel. E' possivel até que estejam n'algum canto de pagina, onde escaparam traiçoeiramente aos meus olhos. Mas duvido. E como omittir Bruno e Mendel numa historia, por mais breve, que inclúa o que o Professor Robinson chama, em livro recente, (1) "the mind in the making"? Ambos foram grandes révolucionarios intellectuaes. Giordano levou á Europa inteira a flamma pura de "Gli Ercio Furori". Quanto ao abbade Gregorio Mendel, suas experiencias em torno dos mysterios de hereditariedade, hão feito perder o prumo ao Darwinismo intransigente. O grande cientista catholico tem direito a figurar entre os homens que maior influencia exerceram sobre a sciencia nos ultimos annos. E sua influencia tende a crescer.

Ha no livro do Sr. Oliveira Lima espantosas affirmativas em tom categorico. São poucas felizmente. Porém quem fosse basear sobre ellas a psychologia do autor o haveria talvez de julgar um padre-mestre do typo de Monsenhor Pinto de Campos, com o ar zangado e cheio de sufficiencia. As opiniões definitivas... E' perigoso ter opiniões definitivas. Perigoso, porém facil. E' mais facil formar uma opinião que fazer um laço de gravata. Não é o muito, porém, o pouco saber que faz proliferar opiniões definitivas. O muito saber leva á quase certesa de que jámais se encerra a verdade numa opinião definitiva. A verdade anda sempre entre dois amores, partida a meio — esposa de Menelau e amante de Paris. E' rebelde á monogamia. Mas não quero divagar. Destacarei factos. Quem é, no Brasil, por exemplo, que possui o maior numero de opiniões definitivas sobre o maior numero de assumptos? E' o Sr. Carlos de Laet? E' o Sr. Afranio Peixoto? E' o Sr. Oliveira Lima? Não: é o Sr. Medeiros e Albuquerque. Na Inglaterra é Wells. Nos Estados Unidos é o Dr. Crane. Mas vol-

(1) James Harvey Robinson — The mind in the Making (1921).



temos ás affirmativas categoricas que duas ou tres vezes faz o Sr. Oliveira Lima no seu livro. Uma é esta: "A religião entre os persas iniciou-se, como as demais, pelo culto do fogo e dos astros, etc." Em assumptos de origens sociaes, mais do que em quaesquer outros, deve a gente guardar-se de exprimir opinião definitiva. O que se sabe dellas é mais que duvidoso. O sr. Oliveira Lima tem todo o direito de fazer-se echo duma theoria de origem de religião; mas não vejo onde fundar seu direito de apresentar a mesma theoria, controvertida por autoridades em anthropologia, como facto. Qual a origem da religião ou das religiões? Como se manifestou primeiro a religiosidade do homem. Ninguem o sabe. Para meu mestre, o Professor Giddings, começou no "mana" ou a idéa de forças contagiosas que o homem primitivo suppunha residir em certos objectos ou creaturas. Explica-o o Professor Giddings: "*It, for so more often than not the mysterius power is referred to, can cause good or bad luck; it can pollute; it can cause sickness and it can kill, or it can cleanse and heal; it is contagious, passing from object to object or from person to person. by contact*". (1) Em outras palavras, o "mana" do sociologo americano é a idéa que ainda hoje sobrevive nas crenças de sorte, boa ou má, e seu contagio — o que se conhece ahi no Brasil por "urucubaca". Porém Giddings não apresenta a sua theoria em tom categorico. Estudante dos classicos gregos, ha de ter lido o seu Pyrrho... E elle adverte que o conhecimento que se possui de origens sociaes "is largely a scientific induction". Tichenor, no seu estudo "Primitive Beliefs", é mais radical. Confessa humildemente que nada de certo se conhece da origem da religião. Diz elle: "Who or what were the first objects worshiped we do not know. Neither do we know when worship began". Para o Professor Franz Boas a religião começou sob forma anthropomorphica, o homem primitivo considerando os elementos como "beings endowed with will power, and willing to help man or thereatening to endanger him". (2) Mas não limita o Professor Boas os elementos ao fogo e aos astros. Fal-o o Sr. Oliveira Lima. Fal-o como si fora cousa certissima.

Outra affirmativa em tom categorico do Sr. Oliveira Lima: que o suffragio feminino já foi posto em pratica com felicidade nos Estados Unidos. Em primeiro logar é cedo para afirmar o successo ou o fiasco do suffragio feminino em pratica. Pondo porém numa balança os resultados da curta experiencia — os beneficios numa concha e os maleficios noutra — estou que a dos maleficios pezaria mais. A acção do suffragio feminino tem sido

(1) Franklin H. Giddings — A Theory of History.

(2) Boas — The Mind of Primitive Man.



principalmente no sentido de “extinção de sexo” para usar a phrase duma senhora, Arabella Kenealy, em livro recente. Dizia-se que o elemento feminino, de posse do voto, traria á corrupta atmospherá da politica norte-americana um sopro purificador. Ilusão. Contribuiu talvez, num impulso hysterico, para a lei que estabeleceu a prohibição do fabrico e venda de bebidas alcoolicas. Mas fóra disto qual tem sido a influencia da mulher por meio do voto? Nenhuma. A não ser que a tenha descoberto a Senhora Bertha Lutz na sua recente visita a este paiz, como delegada ao interessante Congresso de Baltimore. Muito mais estava fazendo a mulher americana ha dez ou onze annos quando o suffragio era ainda sonho.

A terceira affirmativa em tom categorico vem nas notas preliminares ao texto da historia. Ahi declara o Sr. Oliveira Lima que “os factos accusam e a historia registra um progresso humano constante”. Temo parecer amargo; mas licito me seja perguntar: que factos? que historia? Elimina o Sr. Oliveira Lima do seu livro “lendas para as quaes é mister a fé”. Mas a idéa de infinito progresso na marcha humana, a esta elle apresenta como facto puro e coado. Entretanto para a mesma é mister a fé... Scientificamente me parece impossivel proval-a. Em primeiro logar: qual seria o padrão do progresso? Seria o mechanico — ferrocarris, telegraphos, telephones, cadeiras de mola & C.^a? Seria o do culto do bem? Seria o intellectual? O artistico? Mui difficil chegar a um accordo. Mui difficil provar que nós, os do seculo XX, no meio das nossas machinas, fabricas, Victrolas, casarões de trinta andares, *jazz bands* e outras maravilhas, vivemos vida superior á dos gregos. Ou mesmo á dos nossos avôs medievaes. Falta cor e falta alma á nossa vida. E’ possivel que tenhamos avançado kilometros em conforto material. Mas no que os philosophos francezes do seculo XVIII chamavam, todo anchos, “perfectibilidade”, quem dirá que hemos excedido a Europa da idade media? Na Europa da idade media a vida era simples porém bella. Os pratos, os moveis, as vestes eram o trabalho de artesãos. Havia no menor dos objectos um sopro d’arte, a caricia de mãos pacientes, o reflexo d’uma alma. Hoje, sob o industrialismo triumphante, tudo é symetria — a symetria chata da machina. Por outro lado morre-se menos e vae-se mais depressa dum logar a outro! Mas encaremos nosso progresso sob outro ponto de vista: o moral. A bondade humana ha crescido desde a edade media? Corre hoje mais abundante que no tempo de São Francisco de Assis o “leite da ternura humana?” Soffre menos a operaria numa fabrica de cigarros, onde se entysica aos poucos, que uma escrava brasileira de 1810 cujo officio fosse catar pio-lhos á senhora? Nenhum paiz faz gala de maior progresso moral



que os Estados Unidos. Seus missionarios andam por todo o mundo ensinando a gente a cantar hymnos traduzidos ás pressas do inglez. Seus pregadores dão graças a Deus por não ser esta grande republica corrupta e má como a Europa. E rememoram, cheios de piedade pelo passado, os tempos do "police verso" e da Santa Inquisição. Entretanto, é ás ventas destes *castrati* intellectuaes e sem o protesto delles, que no Norte dos Estados Unidos os brancos espingardeam os pretos como si foram suinos bravos e no Sul atam-n'os a arvores, meio-nús, para queimal-os aos gritos de alegria. Bello progresso moral! Em Roma, o fim esthetico neutralisava d'algum modo o horror do "police verso". Na reacção catholica, havia o fim religioso, a ancia nobre de guardar a pureza da crença. Mas no mata-negros dos Estados Unidos a mola é simplesmente esta: rivalidade economica de raças.

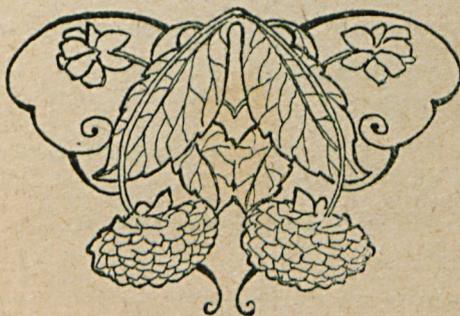
Diante disto, destes factos, destacados á tóa da historia, é que eu pergunto: que factos autorisam a suave lenda de progresso e perfectibilidade? Ha tantos contra como a favor.

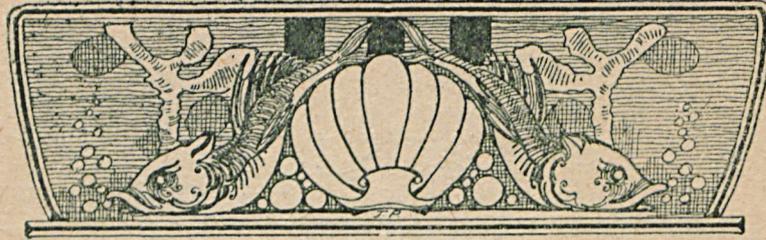
Procurar submeter todos os factos á theoria do progresso, como Condorcet (1) e depois d'elle Comte (2) e ainda hoje Robinson (3) é que me parece mui pouco scientifico. Por outro lado não me parece immoral a idéa dos historiadores gregos (Polybio & Cia.) e dos catholico-medievaes de que a marcha humana accusa decadencia. Ater-se a uma ou a outra theoria é pura questão de gosto. De gosto e de fé. Talvez a unica attitude que se pudesse estabelecer scientificamente seria a de interpretar os factos da historia como uma série de mudanças.

(1) Condorcet — Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain (1795).

(2) Comte — Philosophie Positive.

(3) Robinson — The Mind in the Making.





O SR. OZORIO DUQUE ESTRADA
E O MEU LIVRO
"COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES"

AGENOR SILVEIRA

DEFENDEREI o meu livro "Collocação dos Pronomes" da crítica inepta, desleal e injusta que lhe fez o Sr. Ozorio Duque Estrada em parecer estampado no último numero da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, sobre o celebre concurso de lingua portugueza; e provarei, porque é preciso tornal-o bem patente:

que as accusações do Sr. Ozorio Duque Estrada pela maior parte não procedem;

que os seus reparos, respeitantes a pequenissimas futilidades grammaticaes, em nada podem diminuir o merecimento de uma obra em que se discorre sobre topologia pronominal obliqua;

que não se recommenda pela fidelidade a transcripção que faz dos textos censurados;

que aponta desacertos discutiveis e occulta acertos evidentes, dignos mesmo de menção;

que é pouco solido o seu preparo, ainda com relação ás disciplinas que professa;

que é limitado o seu discernimento;

que não tem competencia para julgar.

Vejam os que elle articulou contra o livro e glosemos o ridiculo arrazoado de fls. 331 da *Revista*:

a) "Logo no prefacio, este condemnavel gallicismo: "*de maneira a manuseares o livro*".

Um gallicismo, afinal, conseguiu o Sr. Ozorio descobrir, depois de pacientes e penosas investigações, no meu compendio de duzentas e tantas paginas de pronomes e de texto!

Não conheço toda a obra do Sr. Ozorio Duque Estrada, e o meu mais ardente desejo é permanecer até o cabo da vida em tão ditosa ignorancia; conheço, porém, de lombada, os seus grossos volumes das suas "Dissertações sobre a differença existente entre o *Jota* e o *I* romano" (1), documento de formidavel perseverança, em que o Sr. Ozorio vasou, segundo dizem, todas as energias, todas as reservas intellectuaes de que dispunha; — fardo com que bateu ás portas da Academia e que lhe valeu, definitivamente, o titulo de immortal. Mas esses mesmos volumes, escriptos, como sem duvida o foram, em linguagem castigada, estarão isentos do deslize por mim commettido, e das manchas invernaculas de certas expressões? Não quero crel-o, nem verificá-lo com estes olhos que a terra ha de comer.

b) "O verbo *forrar* em construcção impropria, como esta: *procuramos estudar, forrando-te o trabalho de pensar*."

Desconhece o Sr. Ozorio o emprego do verbo *forrar* nesta accepção. Pois abra o dictionario e convencer-se-á do atrazo em que vive a tal respeito. Quando o dictionario não o elucide com exemplos, a analogia entre *forrar* e *poupar* lhe desfará toda e qualquer duvida nesse sentido. Si eu posso *poupar* ao leitor a tarefa de pensar, por quê não poderei *forrar-LHE* essa tarefa?

Na mesma accepção empregou Frei Luis de Sousa o verbo *forrar*, como se pode ver da seguinte passagem: "... com a obrigação em que estamos a quem fiou sua historia de nossa diligencia, avendo outra de tão bom estilo que pudera bem *forrar-nos* O trabalho," (*Frei Luis de Sousa, Annays d'El-Rei D. João III*, pag. 305, Lisb. 1844). Do que ahi fica resulta patente a impropriedade, não do emprego que fiz de tal verbo, mas da censura do professor Ozorio, a quem não cessarei de aconselhar o proveitoso folheio, nocturno e diuturno, dos nossos modelos classicos. (2)

(1) Entre o *Jota* e o *I* romano,
Que differença se achasse,
Trabalhava ha mais de um anno. N. TOLENTINO.

(2) Os exemplares puros com nocturna
E diuturna mão sejam versados. F. ELYSIO, *Carta a Brito*.



Houve, porém, má fé na transcrição da phrase reprovada. Eu não disse: "procuramos *estudar*, forrando-te o trabalho de *pensar*." E' redacção duque-estradeira. O que eu escrevi foi o seguinte: "procurámos estudar e *esclarecer*, forrando-te o trabalho de *pensar*." Tudo, evidentemente, para escurecer o valor de um livro sem maior exame refugado!

c) "*Autores e obras com que allegamos*. Ha ahi emprego archaico, raro e precioso do verbo *allegar*, que tem hoje regimem muito diverso."

Mas é impertinencia do rigido censor, porque, si não revivessem archaismos, não chegariam a ser grandes nas letras, e benemeritos da lingua, os Latinos Coelho, os Camillos, os Herculanos, e agora Ruy Barbosa. A observação do Sr. Ozorio carece de fundamento, e só provém de estomago damnado, que rejeita systematicamente as mais inoffensivas iguarias.

d) "A pags. 62: diz o autor que a parte esquecida de um exemplo de anacolutho é sujeito da oração, mas que o verbo com elle não concorda, e sim com sujeito diverso. Isso importa em reconhecer duas idéas subjectivas, quando o que existe é a duplicidade (emprego pleonastico) do objecto indirecto, e não de sujeito, como no proprio exemplo do autor: *Este...* Deu-lhe o *supremo Deus*, etc."

Erro? Nenhumamente. Deficiencia expressional, quando muito. Explicarei melhor meu pensamento, transcrevendo a estancia completa de Camões:

"*Este*, depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deu-lhe o *supremo Deus*, em tempo breve,
Um filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino lusitano."

Lus., III, 26.

Não ha negar que o demonstrativo *este* é *sujeito apparente* desde o começo da phrase até cinco linhas adeante, pois em "deu-lhe" intervém o anacolutho, cuja sombra lhe apaga a identidade. Ahi, sómente ahi é que o desprevenido e surprizo leitor dá pela presença do *sujeito real* da oração, que é — o *supremo Deus*.



Logo... dualidade subjectiva — conclue o divulgador das cousas de Despauterio.

Não: são dois sujeitos distinctos, mas um só verdadeiro, na sentença em discussão.

e) “A pags. 85: classifica o pronome *isto* como *adjectivo demonstrativo* — erro de taxinomia bastante original, porque, si é certo que alguns autores enquadram algumas vezes simples adjectivos na categoria dos pronomes, ninguem se lembrou ainda de atirar o que é inquestionavelmente pronome para a classe dos adjectivos.”

Manifesta semrazão. O professor Carneiro tambem atira para a categoria dos nomes, ou *substantivos*, aquillo que, no entender do Sr. Ozorio Duque Estrada, é *inquestionavelmente pronome*. E diz: “Os nomes syntheticos ou genericos são nomes geraes, de pessoas ou coisas, que nem designam um individuo, nem uma pura e mesma qualidade, mas um conjuncto de qualidades ou attributos, applicados aos individuos de modo vago e indeterminado: *Isto, isso, aquillo, tudo, nada, algo...*” etc. (*Serões Grammaticaes*, 2.^a ed., pag. 279).

Eis ahi tres opiniões divergentes: a minha, que não vale um caracol, numerando entre os *adjectivos* os vocabulos *isto, isso, aquillo*; a do Sr. Ozorio, impondo que taes palavras são *pronomes*; a do sabio professor bahiano, affirmando que são *substantivos*. Mas, porque *allá van leyes donde vá su gusto*, (1) dirá o Sr. Ozorio que foi elle, de nós tres, o unico que acertou...

Ninharias! Puerilidades!

f) “Nas conjuncções, confunde a correlativa ou consecutiva com as integrantes, quando inclue na categoria das ultimas o que deste periodo: *Não sejam tanto de cera que se deixem imprimir.*”

Pouco me dá seja *integrante* ou *consecutiva* a conjuncção *que*, no exemplo assignalado. Distincção inutil em assumpto de topologia pronominal. O que importa saber, ahi, é si a palavra pertence á categoria das *attractivas* ou das *repulsivas*. O mais não passa de pura hasofia grammatical.

Uma cousa muito para fazer sentir, neste apertado transe da minha legitima defesa, é a circumstancia de em todos os tempos se haverem notabilizado os Ozorios Duque-Estradas pelas reve-

(1) Allá van versos donde vá mi gusto. ESPRONCEDA, *Obras*.



lações que fizeram de altos segredos do adverbio e da conjunção... (1)

g) “Não raro divide o autor erradamente as syllabas, pois que liga o *S* ao *T* em *vestem*, ao *C* em *discurso* e ainda ao *T* em *mostraram*, etc.”

Eis ahi como o divertido professor mostra a sua ignorancia até nas mais comezinhas concernencias do officio de escrever! Apreso-me em provar a insensatez de similhante affirmação.

Assumpto de muito momento, com effeito, é este da divisão das syllabas, pois o que não acerta com as articulações do vocabulo — já o disse Duarte Nunes de Leão — faz officio de mau trinchante, que não atina com as juncturas daquillo que vae cortar. Isto em relação ás palavras cujo prefixo se conhece, devendo este ficar no fim de cada linha ou regra, como: *ab-undante*, *in-hospito*, *des-astre*, *des-tecer*, *ex-orbitar*, *pen-ultimo*, *pen-umbra*, *pen-insula*, *trans-atlantico*, etc. etc. Mas, além deste criterio e de outros, que devemos ter em vista ao separar os membros de uma palavra, ha o da *compatibilidade* ou *incompatibilidade* das consoantes, e não me consta que até hoje tenham brigado, em se juntando, o *S* e o *T*. O proprio Duarte Nunes divide: *ca-sto*, *te-stamento*; da mesma forma por que eu dividi *ve-stem*, *mo-straram*. Não contendem, igualmente, o *S* e o *C*, o *S* e o *M*, o *S* e o *P*, o *S* e o *Q*, o *M* e o *N* e outros grupos de consoantes. Exemplificando: *fi-sco*, *e-scudo*, *e-spasma*, *Ga-spar*, *me-squinho*, *da-mno*, *so-mno*, (Veja *Origem e Orth. da Ling. Port.*, Lisbôa, 1784, pags. 237 e segs.).

Não é, portanto, passivel de censura o meu processo de divisão de syllabas. Será scientifico, ou pelo menos razoavel, o do Sr. Ozorio Duque Estrada? — Ora eu muito folgaria de saber como esse Sr., tão versado em raizes (etymologia e cultura de batatas) dividiria, por exemplo, as syllabas de *intersticio*. *Inters-ticio* ou *Inter-sticio*?

h) “E’ copiosa a colheita, mas não ha nella systematização pratica dos phenomenos...”

Que quererá dizer, na escuridão cerrada deste periodo, o Sr. Ozorio Duque-Estrada? Em primeiro lugar, o phenomeno é só um, variando em seus aspectos (Veja AG. SILVEIRA, *Colloc. dos*

(1) Com uma pitada nos dedos,
E o Madureira na mão,
Revelava altos segredos
Do adverbio e da conjunção. N. TOLENTINO.

Pronomes, cap. IX, §§ 78 e seguintes). Depois, não se concebe systematização pratica de phenomenos numa colheita de exemplos.

"Os exemplos colhidos — devia redigir o Sr. Ozorio, não foram, no volume, praticamente systematizados." Mas foram, em que peze á cegueira do reverendissimo censor. Os peiores cegos são os que não querem ver. Outro methodo, outro plano que adoptasse, não me permittiria abarcar todas as hypotheses, remover todas as difficuldades que o problema ainda hoje offerece. Lembre-me o Sr. Ozorio melhor *systematização de phenomenos* (tem graça! é phenomenal!), que eu muito e mui sinceramente lh'o agradecerei, e prestará com a sua collaboração no meu trabalho, inestimavel serviço á humanidade sequiosa de aprender. (1)

i) "... uma successão muito longa de regras, das quaes não poucas sem verdadeiro apoio nos factos da linguagem."

Mas dá-se justamente o contrario do que assevera o Sr. Ozorio: todas as regras se fundam em textos de escriptores vernaculissimos, quando não decorrem de factos provados e acceitos em philologia, como a *clareza*, a *emphase*, a *analogia*, a *distancia*, a *euphonia*, a *pausa*, etc.

Nem ha para quê extranhar serem as regras em numero elevado. Assumpto menos vasto, como o da pessoalidade e impessoalidade do infinito, não poude o professor Carlos Goes aplainal-o sem prescrever 33 regras, afora as excepções. Resolveu-o, aliás, brilhantemente, com aquella visão larga e segura que o norteia em tudo quanto escreve sobre lingua portugueza.

j) "Trata-se, pois... de monographia pacientemente elaborada, mas de merecimento bastante apoucado."

Não, não é de valor apoucado uma obra que a imprensa recebeu com applauso, e na qual, não sómente jovens leitores, mas grammaticos de reconhecido talento, confessam haver aprendido "cousas de outrem não sabidas, nem siquer sonhadas". Não é de somenos importancia, como pretende o petulante zoilo, um livro espontaneamente adoptado no Gymnasio Official do Estado de São Paulo, corporação onde pontificam, em portuguez e literatura, os sabedores da estirpe de Freitas Valle, Silvio de Almeida, Eduardo Carlos Pereira, Plinio Barreto e outros prestantes cidadãos. Não é tão inferior assim um repertorio de regras entre as quaes ha uma para evitar o erro grosseiro e lamentavel em que incorreu

(1) Obra que, si elle a acabasse,
Feliz do genero humano! N. TOLENTINO.



o Sr. Ozorio, escrevendo: "dir-se-ia *que* o invisível *apraz-se* em agitar esse temperamento..." (Veja o seu próprio parecer sobre obras de erudição, a pags. 36 da *Revista*). Apoucado é o discernimento do balofo julgador, que sabe enxergar dois senões, aliás discutíveis, em um volume de duzentas e tantas paginas, e não pode, ou não quer ver os duzentos e tantos acertos contidos nas proposições e conclusões desse volume; apoucada é a competência grammatical do critico, afirmando, como de cathedra, que a palavra *isto* é pronome, quando nada mais é que um *substantivo*; apoucada, verdadeiramente mesquinha, é a justiça do Sr. Ozorio Duque Estrada — peor que a de Guimarães, (1) pois condemna um tratado em que apparecem novidades philologicas, explanadas com clareza e honestamente resolvidas, só por haver o seu autor empregado, no prologo, uma expressão menos corrente, que o ouvido boto do aristarcho repelle por mal soante!

E a um lobishomem destes, com fumos de super-homem, se conferem as gloriosas preeminencias da immortalidade, e se dão 400\$000 por mez "para taxar, com mão rapace e escassa, os trabalhos alheios que não passa." (2)

Mas,

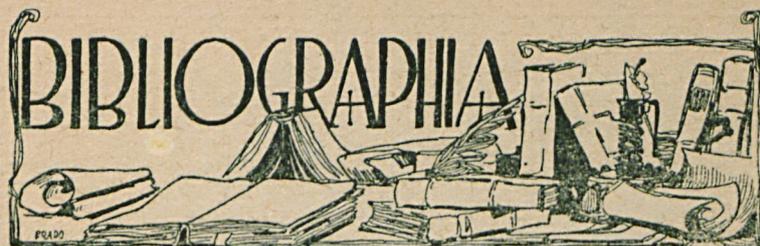
... essas honras vans, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer. (3)

Santos, Julho, 1922.

(1) ... onde prendem os homens e soltam os cães (dict. conhecido).

(2) CAMÕES, *Lus.*, VII, 86.

(3) IDEM, *ibid.*, IX, 93.



*Veiga Miranda — REDEM-
PÇÃO — Ed. de Monteiro Lo-
bato & Cia. — S. Paulo —
1922.*

“Redempção” é a justiça dos destinos coroando, longinquamente, um conjunto de vidas humildes, empaarelhadas, na sua diversidade, pela mesma boa sorte. Tem essa face de commum com os excellentes romances em que tudo acaba bem e o dedo de Deus apparece distinguindo meritos e aquinhoando recompensas. A prole do velho senhor de escravos, mesmo em seus ramos bastardos, é abençoada como o é a do colono italiano cuja filha se casa com o legítimo neto daquelle. “Redempção” geral: a bastardia que se reintegra nos seus direitos conspurcados; o immigrante pobre e condemnado, que se redime na filha amada pelo filho do patrão; este que se redime pela fortuna e pelo casamento de amor... E’ um hymno, um hymno ardente á renovação da terra.

Comtudo, os seus processos são os do realismo, com o seu amor da minucia, das longas descrições exactas, dos estudos de pathologia social. Logo á primeira pagina descreve-se, minuciosamente — o que? — um cafésal, comprehende-se, por fim. Mais adiante, a faina agricola; logo mais, a séde da fazenda. E sempre, em todas as descrições, a predominancia do adjectivo no esforço vão de em- prestar vida ao estylo.

Afrouxa-se assim o trama romanesco, cuja emotividade não foi, de- certo, convenientemente estudada. Ao contrario, não topariamos alli

com vulgarissima sessão de jury, em que consiste a móla do drama. E’ muito artificial, principalmente na- quellas circumstancias: jury rela- pso, que abdica de suas funções, ajuizando ás cégas.

“Redempção” conta, entretanto, al- gumas scenas vivas. Aliás, o livro, em segunda edição, está julgado pe- la critica e pelo publico, não tendo estas linhas outro intuito que o de méra noticia.

*Ribeiro Couto — A CASA DO
GATO CINZENTO — Montei-
ro Lobato & Cia. — São Paulo
1922.*

O auctor é conhecido pelo livro de versos “Jardim das Confidencias”, que fez successo ao apparecer em São Paulo e Rio. Mas o poeta não revela o prosador. A poesia de Ri- beiro Couto não é mesmo a mais reveladora de um conjunto de attri- butos mentaes que, pelos simples ver- sos, o reputassem desde logo em outras provincias literarias que não essa. Não são versos conceituosos. Não são quantidades artisticas per- feitamente mensuraveis. Ao contra- rio, são versos fugidios, de uma escola que prima por não dizer nada e por fugir a toda a consistencia de forma. Assim ninguem suspeitaria, sob o poeta, o narrador que ora se manifesta.

“A casa do gato cinzento” é uma collectanea de contos muito de serem lidos por senhoritas. São mí- mosos, extraordinariamente mimosos, tanto pelos themas, como pela for-

ma. O seu espirito é a mesma sentimentalidade da sua poesia, com o que está muito ao par das modernas correntes da novella na Europa e na America.

S. Galeão Coutinho — SEMEADOR DE PECCADOS — Ed. "Casa Novidades" — Santos — 1922.

A "Casa Novidades", de Santos, inaugura com este volume a sua secção editora. "Semeador de peccados" consta da novella desse titulo e dos contos — "Carnaval", "Tio Elesbão não falha..." e "D. Violante das Torres Negras."

Sente-se que o auctor escreve ao correr da penna, com desembaraço, procurando dizer coisas inéditas. O ineditismo, porém, não é o do estylo ou da forma: é o do proprio thema o que o escriptor busca. Em "Semeador de Peccados", narrativa pobre de episodios, é tudo mais ou menos pervertido—provinciano que volta da capital para o matto com todos os vicios, entretendo-se a perverter moçoilas. A narrativa corre na primeira pessoa, a titulo... de confissão. Não a distingue muita consistencia, nem lhe sobra coordenação de episodios. E' tudo mais ou menos solto, alinhavado. Ahí está, entretanto, material para um narrador vivaz e nervoso, que ainda teremos de apreciar.

A construcção novellesca patenteia-se melhor em "Carnaval", onde, em maior proporção, se mede a capacidade imaginativa de Galeão Coutinho.

Trata-se de duas costureirinhas, cujo destino passa a divergir até os extremos oppostos do vicio faustoso e da miseria virtuosa. Descrevem-se os transe da uma e outra até que se encontram e se reconhecem. E' dia de carnaval e o vicio dá esmola á virtude... Ha talvez nisso muita casualidade para que haja intenção: o carnaval parece ter chegado exclusivamente a proposito para intitular o conto. Dahi a injustificação do artificio, que, aliás, tem o seu arcabouço apreciavel.

Moacyr de Abreu — CASA DO PAVOR — Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

O genero phantastico vae fazendo escola em São Paulo. Gabriel Marques e Moacyr de Abreu são os seus coripheus, ambos inspirados, sem duvida, numa das feições de Lobato.

Como sempre, vão além, muito além do modelo, na face imitada, com esquecimento das outras, que ambientaram aquella. Dahi, a desproporção da obra.

A verosimilhança, por exemplo, nunca desaparece das paginas tragicas de "Urupês." O pouco de phantastico que ahí existe funda-se mesmo nella: os seus mysterios são mysterios que se explicam e se desvanecem no momento opportuno. São illusões para effeito. São como justificações do predominio das apparencias na vida.

Ora, esse criterio, que é o de todos os mestres do phantastico, Pöe e Erkman á frente, desampara a "Casa do pavor", como a "Os condemnados", livros, aliás, diversos. Enquanto este explora o horrivel, o sangrento, o medonho, aquelle persegue o mysterio, o imperscrutavel, o inaudito das coisas vividas.

Si a originalidade bastasse para consagrar uma obra, "Casa do Pavor" seria um grande livro. E' original, é mesmo muito original.

Menotti del Picchia — A MULHER QUE PECCOU — Monteiro Lobato & Cia. S. Paulo — 1922.

Ha nesta novella uma revoltante falta de originalidade. Não é preciso eleger por craveira o teratologico para que seja alguem original. A propria vulgaridade é o melhor elemento de creação nova. Basta que a visão seja pessoal e seja proprio o conceito das coisas. Ver com seus olhos, meditar com os seus miolos, coisa é que leva á arte: fixação de approximações novas, novos aspectos, contrastes ineditos, toda uma metaphysica realisada em factos, em ima-



gens, em idéias, que se approximam, que se contrapõem, que se confundem e que se créam, reciprocamente.

Em "A mulher que peccou" não ha nada disso. E' uma historia de peccado corôada de um crime: adulterio e morte, caso policial noticiado em "factos diversos."

Isso, narrado a principio em estylo terso e vivaz, mas, logo mais, alinhavado á pressa, com visiveis signaes de abandono da phrase. O auctor, capaz de descobrir a aresta dos factos, a saliencia typica, o relevo caracteristico, aquillo por onde um acontecimento vulgar se fixa em nossa retentiva mais que outros, embora mais consideraveis — preferiu tomar a acção em bruto, pela sua face mais lisa e deslisar por ella, noticiosamente. Foi pena.

Procedesse de outra forma, com um pouco de acuidade, e não teriamos de assignalar, sómente a scena da interpeção do seductor pelo marido e a figura da leitora de folhetins, obsecada pelos seus herôes, mas muitas outras, apresentadas com igual vivacidade. São originaes tal scena e tal figura? Pouco importa; surgem-nos á vista com relevo.

Dir-se-á que a novella se destina ao grande publico e não ás élites. E' uma distincção sybilina. As grandes qualidades artisticas são perceptíveis a todos e o povo só consagra as inferiores quando não lhe dão as outras. Mesmo destinada á massa, "A mulher que peccou" poderia ser outra, dados os talentos do auctor.

B. F.

Anna A. de Queiroz Carneiro de Mendonça — ALMA — Ed. E. Brasil Editora — Rio — 1922.

A auctora pertence á nobre phalange das cultoras do verso no Brasil. Não é este o seu primeiro livro. Outros tem dado a publico, o que vale dizer que é uma vencedora.

"Alma" contém versos que se avalliam por "Ballada":

Na velha torre, que ainda existe,
Do seu castello amplo e feudal,
Vivia outr'ora, loura e triste,
Uma princeza medieval.
Debalde pela redondeza,
Mais de um fidalgo quiz depôr
Aos pés da pallida princeza
A sua espada e o seu amor.

Jean Finot — L'ATELIER DES GENS HEUREUX — Ed. "La Revue Mondiale" — Paris.

Jean Finot, o philosopho optimista, que vinha pregando as normas de uma vida melhor, dá-nos neste volume, sahido pouco antes de sua morte, um como que resumo de sua obra, "uma especie de breviaño capaz de mostrar uma rota aos que soffrem, aos que procuram um fim, aos que desejam ver apparecer diante de si um novo ideal".

Não mais se encontram aqui — escreve Nicolas Ségur — considerações theoricas, nem uma parte demonstrativa, como nos volumes precedentes. Considerando o producto de sua experiencia e de suas meditações, Jean Finot não nos dá desta vez senão os pensamentos e os aphorismos que constituíam a extrema culminancia de sua philosophia".

"De accordo com a escola stoica, de accordo com o novo idealismo emersoniano, proclama justamente que as raizes da felicidade devem ser procuradas no contentamento interior, na susencia de más paixões, na libertação de toda escravidão dos sentidos. Uma harmonia do espirito e do corpo, um equilibrio entre nossos desejos e nossas possibilidades de alegria, depois a resolução inabalavel de sempre acquiescer a tudo que cada dia nos traz e de tudo aceitar — eis o segredo da felicidade..."

Ernest Coustet. — OU' EN EST LA PHOTOGRAPHIE — Ed. Gauthier Villars & Cie. — Paris.

Os progressos realizados durante os ultimos annos nos dominios da

photographia simplificaram, por um lado, o uso dosapparelhos, mas, por outro lado, complicaram a technica e a pratica photographica. Era mister, pois, afim de informar aos innumerados amantes da photographia, escrever, não um tratado para uso apenas dos profissionaes, mas um guia simples e claro, indicando facilmente os methodos e processos da moderna arte de retratos. E' o fim procurado e alcançado pelo sr. Ernest Coustet, cuja obra vem de ser editada pelos srs. Gauthier-Villars, na "Collection des Mises au Point".

E' um bello volume, em que se expõem o estado actual da arte e suas possibilidades proximas. Para não se tornar prolixo, o autor assignala apenas os methodos modernos de comprovado valor. E' trabalho que interessa a todos os profissionaes e amadores da photographia.

Ernest Mercier — L'UNION D' ELECTRICITE' & LA CENTRALE DE GENEVILLIERS — Ed. "Revue Industrielle" — Paris.

A "Revue Industrielle" de Paris (57, rue Pierre Charron) acaba de editar, em volume in-quarto de bello aspecto, interessante trabalho do sr. Ernest Mercier, administrador-delegado da "Union d'Electricité": — a descripção technica da usina de Genevilliers, a maior usina do mundo, construida em dois annos por aquella sociedade.

Cinco grandes plantas fóra do texto, e mais de cincoenta photographias illustram a obra, que assim se torna precioso documento para todos os que se interessam pela producção de energia electrica.

A proposito da referida usina, escrevia "Le Temps" em Novembro de 1921:

"Após a victoria, um grupo de industriaes, de sabios, de engenheiros, constituiu a "Union d'Electricité" destinada a reorganisar as distribuções electricas na região parisiense.

"O plano consistia em fazer de-

sapparecer em pouco mais de dois annos quatro usinas electricas do termo de Paris, substituindo-as por uma usina de 200.000 kilowatts a principio de 320.000 kilowatts depois — a usina de Genevilliers.

"Esta usina levantou-se e sua fama já transpoz os oceanos.

"Os grupos geradores electricos são constituídos por unidades de 40.000 kilowatts: são os mais possantes turbo-alternadores do mundo, em um só corpo. No ponto de vista do rendimento, despezas e exploração, estes geradores realisam as condições mais favoraveis; batem um record."

René Bastianini — CURSO DE HISTORIA DE LA LITERATURA CASTELHANA — Ed. A. Garcia Santos — Buenos Aires.

A livreria A. Garcia Santos, de Buenos Aires, acaba de editar o "Curso de História de la Literatura Castelhana" do professor René Bastianini, vice-reitor do Instituto do Professorado Secundario daquela capital.

Obra approvada e adoptada officialmente nos collegios argentinos, apresenta numerosos trechos selectos, e explicações dos fastos da literatura castelhana. A um tempo anthologia e historia, conjugação esta que tira a aridez, que em geral se encontra nas selectas de leitura escolar, é obra de folego, a que o autor promette continuação. O primeiro volume, que temos á vista, si bem que contendo perto de 500 paginas; estuda apenas as origens da literatura castelhana até o seculo XVI.

Otto Prazeres — A PRESIDENCIA DA REPUBLICA — Typ. O Norte — Rio de Janeiro.

Aos que não se immiscuem em inglorias lutas politicas, causa especie o titulo do presente volume. Afigura-se que nelle se encontrará uma



avalanche de argumentos a favor de um dos candidatos á suprema magistratura da Nação, o que, desde logo, engulha.

Não ha tal, porém. Lendo-se as primeiras paginas inferem-se os bons intuitos do autor. Nada de opinião. Pretende-se, apenas, narrando factos e juntando documentos, "resguardar as altas funcções do Congresso, como organ do Estado"... Intuito de duvidosa realização, a que por certo não attingiu. A obra, no entanto, tem coisas interessantes: as noticias historicas que dá das eleições presidenciaes na Republica. Começando pela Constituinte, mostranos como se adoptou o systema de eleição directa — 88 votos contra 83 — e depois, quatriennio por quatriennio, como se elegeram os demais presidentes. Revive, assim, episodios varios da historia da Republica, como o das declarações de voto de Assis Brasil, Muniz Freire, Barbosa Lima, Frederico Borges, Annibal Falcão e Demetrio Ribeiro, em 91; o do protesto Galeão Carvalhal contra Campos Salles, em 98, o da indicação Fausto Cardoso, revogando a Constituição e proclamando a dictadura, em 1902; os da campanha civilista de 1910, alem de outros mais recentes. Ha tambem breves capitulos sobre o tribunal de honra no Chile e nos Estados Unidos, e sobre a regulamentação dos pronunciamentos na Republica do Salvador.

A maior parte do volume, porém, é occupada pela eleição de 1922, pelos longos discursos e cartas que a respeito se pronunciaram e se escreveram, o que muito facilitou a confecção do volume. Aliás, o sr. Prazeres não pretendia senão contar factos e publicar documentos...

Brenno Arruda — FLOR DE MANACA' — Ed. Anuario do Brasil — Rio 1922.

Dois perfis de mulher, tão ao gosto de Alencar, se debuxam nesta novella, por signal dedicada á memoria do grande escriptor. Filhas dos

mesmos paes, são, porém, typos antagonicos: uma é delicada, affectiva, com todos os caracteristicos das almas formadas no seio de familia que se pauta pelo velho regimen das familias brasileiras; outra, entregue muito americanamente ao sabor de sua vontade, é arrojada, é ousada, é energica. Amam, porém, a um mesmo rapaz, que pende afinal para a segunda. E a primeira vê, na flôr de manacá, pela manhã branca, á tarde roxa, o symbolo de sua vida: "a tristeza e a alegria, alternando-se, até não se sabe quando, até a morte, talvez."

E' todo o livro isso: uma serie de pequeninos nadas da vida de duas meninas rivaes.

O estylo do autor é simples, não desprovido de encantos.

Lorenzo Stanchina — LOS DORMIDOS — SEGUNDAS NUPCIAS — Ed. "Elpis" — Buenos Aires 1922.

"Elpis" — a revista argentina dos novos — edita nestes folhetos dois dramas do sr. Lorenzo Stanchina, recebidos ambos com encomiasticas referencias pela imprensa do vizinho paiz.

Luiz Gallina Junior — METHODO DE CALLIGRAPHIA VERTICAL — Ed. L. Vieira & Cia. — S. Paulo — 1922.

Dá o A. neste folheto as razões que o levaram a organizar sua Collecção Aurea de cadernos de calligraphia vertical, bem como amplas explicações sobre o ensino pelo methodo que preconisa. E' trabalho de grande utilidade ao professorado.

Paulo Monte Serrat — EDUCACÃO — Typ. Nacionalista — S. Paulo — 1922.

O A., professor publico em S. Paulo, publica em folheto uma con-

ferencia que realizou sobre problemas do ensino.

Paulo Monte — QUESTÕES DE PORTUGUEZ — Typ. Brasil — Juiz de Fóra.

Professor em Minas, o A. reúne neste folheto algumas das suas lições de portuguez. Como elle proprio o diz em prefácio, nada de novo se encontra nellas: compendiam, apenas noções elementares de grammatica. Denota, comtudo, esforço louvavel.

Ruy Nobre — A OPINIÃO PÚBLICA NOS E. U. DA AMERICA DO NORTE — Edição Isis — Rio.

Em cerca de quarenta paginas, publica-se longa conferencia pronunciada no Rio. Olhos voltados para a democracia do Norte, procura o A. estabelecer as normas por que deve orientar-se a opinião popular no Brasil.

Alejandro Andrade Coelho — LA CONDESSA EMILIA PARDO BAZÁN — Imp. National — Quito — 1921.

Conhecido publicista equatoriano dá-nos neste opusculo consciencioso estudo critico sobre a illustre escriptora espanhola ha pouco fallecida.

Paulo Alberto — CHISPAS — Imp. Official — Bahia.

A poesia humoristica no Brasil, depois de Arthur Azevedo, só nos deu Bastos Tigre e um ou outro nome. Os demais, imitadores sem talento, para ali ficam a confundir graça, ironia, satyra com piadas apimentadas de sal grosso.

Estão nesse caso estas *Chispas*, de que se não salva nem a grammatica...

Ulysses de Albuquerque — AO SOL DO SERTÃO — Typ. da Penitenciaria — Recife — 1922.

Ao Sol do sertão é um livro de versos que nos vem do interior de Pernambuco. Cantam-se nelles aspectos e typos do sertão nordestino: a secca, as montanhas azues, a fazenda velha, o retirante, o vaqueiro, o cangaceiro, o cantador...

Não são versos escandidos. Ha nelles muito que respigar mas, por outro lado, muito que aproveitar. Vejam-se para exemplo, estes versos, copiados ao acaso:

"Sou filho do sertão. Tostou-me a fronte
A ardencia tropical de um sol de fogo.
Vi-me preso ao deserto... e em desaffogo,
Buscava o azul longinquo do horizonte.

Ante a sombra e o silencio, a Natureza,
Na hora triste e dolente do Sol Posto,
Fez que a saudade me velasse o rosto...
Fez da minh'alma um campo de tristeza.

Araujo Filho — RHYTION — Ed. Emp. Industrial — Recife — 1922.

Dá uma ideia do poeta pernambucano Araujo Filho a seguinte traducção de Santos Chocano:

Senhor! Bem sabes que eu sou bom! Es-
leuta.
Arvore sou com fructos e com flôres;
— Fructos, que não têm sumo de rancores,
— Flores, que não têm gotta de cicuta.

Coração forte e leal, que sonha e lucta!...
— Folhas verdes e passaros cantores,
São todo o encanto e todos os amores
Desta alma, ao lodo e ás trevas, impolluta.

Si o céo me deu a vibração de Poeta,
Tu és, Senhor, o Nume que me inquieta,
Tu és, Senhor, meu Sol de gloria e graça...

Arvore sou de espirituaes sentidos...
E meus versos apenas são os ruidos,
Que o vento faz nas folhas quando passa.



PASQUINO E A LEI...

No anno do centenário, talvez no proprio dia, dar-se-á o maior attentado á civilização no Brasil — a suppressão da imprensa. O congresso nacional (merece esse nome?) extinguirá assim o anonymato...

Ora, o congresso não é ingenuo e sabe que o anonymato, como a injuria e a calumnia, como o despeito e a cólera, não se extingue de modo algum e, menos, por lei. Pasquino sempre existiu. Não nasceu do jornal, como delle não proveio este. São instituições áparte, aquella mais humana que esta. Pasquino é fundamental; a imprensa é formal apenas.

E uma lei de imprensa vae supprimir o anonymato...

Visivelmente, o legislador se engana e, em vez do extinguir, crêa. Em lugar de dizer:

"Art. I — Fica prohibido o anonymato" — escreve, antes,

"Art. I — Institue-se Pasquino officialmente."

E' claro. Depois que um santo padre parahybano, heróe obscuro da sciencia applicada, inventou a machina de escrever, que depois nos veio dos Estados Unidos e se espalhou pelo mundo, constituindo esse outro maravilhoso instrumento de progresso que é a dactylographia — especie de automovel que, no capitulo Imprensa, se oppõe á ronqueira locomotiva de Guttemberg, o prélo, ou, para falar uma linguagem mais em dia, essa estrada de rodagem, que supplanta o trem de ferro do pensamento, — depois della, diziamos, que vale uma lei da imprensa?...

Sem duvida, Pasquino se lançará do

trem de ferro, em movimento, para o Fordinho que lhe corre paralelo e então é que havemos de vêr o novo film americano de sensação, cujo titulo seria, como em "Preto contra branco" — "Estrada carroçavel da palavra versus estrada de ferro dô pensamento"...

Pasquino se faz dactylographo, é patente. Pasquino se adapta e acompanha o seu tempo: para o seu officio, emparelha a dactylographia com a estrada de rodagem.

E, com taes manhas, supprima-se o anonymato. Não. Pasquino corteja s. excia. Pasquino é immortal. Pasquino ri...

B. F.

A LEI DE IMPRENSA

Realisou-se a 8 do corrente, em S. Paulo, uma reunião de intellectuaes para protestar contra o projecto da lei restrictivo da liberdade de imprensa, que ora corre pelas casas do Congresso Nacional.

A assembléa, que se revestiu de solenidade, foi aberta pelo sr. Amadeu Amaral, que pronunciou as seguintes palavras:

"Achamo-nos reunidos, conforme o convite publicado pelos jornaes, para protestar contra o projecto de lei restrictiva da liberdade de imprensa, apresentado ao Senado Federal pelo sr. dr. Adolpho Gordo.

Todos estão de accôrdo, inclusive a parte san da propria imprensa, em que necessitamos de pôr um dique á excessiva licença de que gosam certos jornaes, de que é preciso tornar "effectiva" a res-

pensabilidade do jornalista, corollario forçado da ampla liberdade que a Constituição lhe concede. O projecto, porém, ultrapassou e trahiou essa aspiração geral. E' um projecto monstruoso, sob qualquer aspecto que seja encarado.

Juridicamente, é mal feito, como o tem demonstrado a critica dos jornaes e dos competentes; é inconstitucional, segundo o pensamento de eminentes juristas, entre os quaes se destaca o grande Ruy Barbosa: é contraditorio em alguns artigos, inexequível em outros.

Politicamente, é um projecto inhabil, porque apparece no momento menos opportuno, a todos os respeitos; é anti-democratico, porque representa um verdadeiro retrocesso na marcha das idéas liberaes no Brasil, e é impatriotico, porque vem lançar o ridiculo sobre o nosso paiz perante a civilização e a cultura universaes, — vem lançal-o justamente á custa de uma das classes que mais trabalharam pelo advento da independencia, prestes a ser commemorado!

Até literariamente o projecto é infeliz, pois é visível a sua redacção defeituosa.

Cumpre-nos, pois, protestar, como brasileiros, pelo que esse attentado representa de lesivo á causa da liberdade em nosso paiz, e especialmente como paulistas, porque a lei foi aqui elaborada e porque nos toca, mais que a ninguem, combater o espirito reaccionario, cada vez mais visível nos dirigentes do nosso Estado.

Quanto á origem situacionista da lei, já se podia suppôr verdadeira desde começo, pois foi noticiado, sem constestação, antes da abertura do Congresso, o facto de se haver celebrado uma reunião em palacio, para tratar desse assumpto. Hoje, porém, as conjecturas transformaram-se em certeza diante das declarações do deputado Carlos Garcia, como recebem o concurso de novos indicios, cujo conjuncto por si só assumiria forte valor probante. Um desses indicios consiste em que, dados os costumes da politica situacionista de S. Paulo, nem o sr. senador Gordo, nem qualquer outro representante do Estado tomaria de modo algum a liberdade de apresentar, por iniciativa propria, projecto de tanta relevancia. Esse projecto foi elaborado aqui, com o visto dos donos da situação politica, sahio provavelmente

dos gabinetes de palacio; tem o carimbo official.

Quanto ao alludido espirito reaccionario dos politicos paulistas, elle é indiscutível. Não é de hoje que saem daqui, em vez de leis e resoluções humanas, constructivas, justas e liberaes, projectos e actos restrictivos de franquias e liberdades.

O direito de reunião, em S. Paulo, praticamente, não existe: os comicos publicos são a cada passo impedidos ou dispersados á força, sob variados pretextos. Até sédes de associações têm sido muitissimas vezes varejadas pela força, com absoluto desprezo da lei. O "habeas corpus" é correntemente burlado, de longa data, pela nossa policia, com falsas informações e habeas manobras; não vale absolutamente nada a liberdade individual. A politica de S. Paulo constringe tambem o nosso progresso politico; bate-se contra o voto secreto, repelle o voto livre... Nesta série de attentados, a lei contra a imprensa é apenas mais um,— e a série ameaça continuar.

Esse ultimo attentado é um insulto á consciencia dos cidadãos livres. Repillamol-o. Não nos esqueçamos de que nunca, em parte alguma, a minima parcella de liberdade foi concedida aos dirigidos pela generosidade dos que mandam; a liberdade sempre foi arancada aos bocados pelo valor dos homens altivos. Sigamos esse exemplo."

Falou a seguir o sr. dr. Moacyr Piza. Em documento publicado pela imprensa— começou — já uma vez dissera que nada de mais odioso se apresentava ao seu espirito do que a opposição systematica. Entretanto, com dôr o notava, tal caminho levavam as coisas, tanto no Estado como no paiz, que não era possível criticar com justiça, sem fazer opposição. A lei da imprensa estava ahí para proval-o: elaborava-a o governo em pleno estado de sitio, como para dar mais uma demonstração do seu desprezo pelas publicas liberdades.

Porque não havia duvida que o projecto Adolpho Gordo era um projecto governamental — e do governo de S. Paulo. Declarava-o o dr. Carlos Garcia na Camara Federal, defendendo o monstrengo; e, quando não houvesse tal declaração, bastava considerar o estylo da obra para esclarecer definitivamente o ponto.

O projecto tem um artigo, que dispõe no seu paragrapho 1.º: "Todo o artigo que contiver accusações ou injurias, embora vagas, sem declinar nomes, para ser publicado na secção ineditorial, deverá a firma do seu autor ser reconhecida por um tabellião do local em que fôr editado o jornal ou periódico na presença de duas testemunhas idoneas, conhecidas do tabellião e domiciliadas no mesmo local. O reconhecimento da firma será publicado após a assignatura."

Tal disposição não podia ter sido redigida pelo dr. Adolpho Gordo, homem habituado a escrever frequentemente, senão com pureza vernacula, ao menos por forma intelligivel. O sr. Adolpho Gordo endossára com certeza a redacção, apenas... por honra da firma — da firma do estadista que nella se trahia...

Mas a redacção, no projecto, sendo muito, era nada. O peor de tudo estava em que elle, começando no seu artigo primeiro, pela reproducção de um dispositivo constitucional, o que na realidade fazia era ferir fundo a Constituição, restringindo a liberdade de pensamento.

Não era o dr. Moacyr Piza, nunca foi — observa — infenso a uma lei, capaz de pôr termo aos abusos de certos jornalistas, retaliadores profissionaes da reputação alheia. Mas o projecto Adolpho Gordo, conforme estava concebido, não representava, absolutamente, aquillo que seria desejavel para extinguir o mal de que todos se queixavam. O projecto Adolpho Gordo queria corrigir um abuso com outro ainda maior e mais perigoso: o abuso do poder, impondo á nação uma lei, que a deprimia em face dos paizes cultos. Porque, no anno do centenario da Independencia, era uma vergonha procurar impedir a manifestação livre do pensamento, num paiz que se diz republicano. E isto, revogando por uma lei ordinaria um dispositivo constitucional.

Mostra, em seguida, o dr. Moacyr Piza, os absurdos e incongruencias do projecto, detendo-se por algum tempo, na analyse dos seus dois primeiros artigos.

Falou, mais, o dr. Moacyr Piza, sobre o direito de responsabilidade, segundo o projecto, explicando o seu absurdo; e, depois, mostrou que não é a falta de uma lei de imprensa, propriamente, que tem rebaixado o jornalismo, escandalizando a

gente patricia. O que se encerra na Constituição e no Código Penal, se fosse cumprido, bastaria para tolher e evitar todos os abusos, se não fossem os processos corruptores da nossa politica. Ha jornalistas venaes, porque ha administradores venaes. A venalidade daquelles é consequencia da venalidade e da covardia destes. Se existem jornalistas que insultam por dinheiro, é porque existem governos que lhes dão dinheiro para escreverem os insultos. E não será a lei Adolpho Gordo que logrará remover essa miseria. A lei Adolpho Gordo o que poderá é aggravala, ainda mais, se possivel.

Termina propondo que a assembléa proteste vehementemente, telegraphando nesse sentido ao presidente da Republica, aos presidentes da Camara e do Senado Federaes e á Associação Brasileira de Imprensa.

A assembléa resolveu telegraphar ao presidente da Republica e aos presidentes do Senado e da Camara Federal, nos seguintes termos:

"Numerosos intellectuaes, jornalistas, estudantes, operarios e mais cidadãos livres, reunidos nesta capital, protestam energicamente contra o projecto de lei de imprensa que representa um vergonhoso retrocesso na historia politica do paiz.

Protestam, outrosim, contra o facto da discussão do projecto na vigencia do estado de sitio, o que constitue uma violencia innominavel — Amadeu Amaral, Moacyr Piza, Gama Rodrigues."

A' Associação Brasileira de Imprensa e aos jornaes do Rio foi passado identico telegramma, com o seguinte accrescimo:

"Fazendo este protesto, pedem licença para suggerir aos jornaes do Brasil o alvitre de se suspender a publicação durante tres dias, como expressão eloquentissima do sentimento nacional."

CONCURSO DE NOVELLAS

"La Novela Semanal", de Buenos Aires, resolveu instituir no Brasil um concurso de novellas.

Além de animar em nosso paiz o culto das letras, tem aquella publicação o intuito de estabelecer maior contacto entre o povo argentino e o brasileiro. E' um verdadeiro intercambio mental que se

vae abrir entre as populações dos dois maiores paizes desta parte do continente. A effectiva permuta de impressões, de idéas, de emoções, por esse meio iniciada, representa a maneira pratica de se realizar a interpenetração dos espiritos, que assim se encaminham para melhor se conhecerem.

"La Novela Semanal" é uma grande expressão da cultura popular na Argentina. Destina-se ao povo. O seu publico orça pelas centenas de milhar. Não tem outra preocupação senão a de sêr lida, o que não é merito pequeno. Alimentando o gosto da leitura, simplesmente, é relevante função que desempenha na sociedade argentina. A collaborar nesse intuito são chamados agora os escriptores brasileiros, novos e consagrados.

As novellas devem ter acção movimentada, excluindo-se o realismo crú e o regionalismo.

São as seguintes as bases do concurso:

1.º) — Os originaes, rigorosamente ineditos, serão escriptos á machina, de um só lado, em papel block, em numero de quarenta a cinquenta laudas. Serão assignados por pseudonymo, que se reproduzirá em envelope fechado e laerado, em cujo interior se encontrará o nome e o endereço do autor.

2.º) — Um jury seleccionador escolherá as dez melhores novellas, cujos titulos serão publicados pela imprensa do paiz.

3.º) — As novellas escolhidas passarão ao estudo de outro jury, cuja composição se fará publicar depois de feito o julgamento, segundo o qual se distribuirão os seguintes premios:

1:000\$000 á melhor novella;

500\$000 á seguinté;

250\$000 a cada uma das oito que se seguirem em merecimento.

4.º) — A propriedade dos originaes em portuguez, bem como as suas traducções, passa a propriedade da empresa.

Os concorrentes enviarão seus trabalhos, até 31 de Dezembro de 1922 em carta registada, pelo correio, ao sr. Benjamín de Garay, á rua dos Gusmões, 70 — S. Paulo.

J. C. BRANNER

O grande geólogo norte-americano J. C. Branner, recentemente fallecido, foi um de-

dicado amigo do Brasil. Não só consagrou Branner annos da sua vida ao estudo da nossa geologia, como ainda escreveu uma grammatica portugueza para uso dos seus conterraneos, com o fito de estimular as relações entre os dois paizes. Sempre com as vistas voltadas para cá, acompanhava a nossa vida, os passos de nossa sciencia, não perdendo ensanchas de demonstrar a sua estranha sympathia pelas nossas coisas. O estudo, cuja publicação iniciamos hoje, prova-o exuberantemente. Nelle Branner biographa numerosos sabios que, como elle, estudaram o Brasil.

GRAHAM BELL

Acaba de fallecer nos Estados Unidos, na sua bella villa de milionario, cercado de geral consideração, Graham Bell, o inventor do telephone.

Um bemfeitor da humanidade? E' licito hesitar na resposta. Basta pensar um momento nas torturas que o telephone inflige, em toda a parte, aos que delle se servem. Esse aparelho, contado entre os mais aperfeçoados instrumentos modernos de supplicio, digno successor daquelles que rangeram outrora na Torre de Londres ou que figuram nas collecções medievas de certos museus, é um forte exasperador da neurasthenia contemporanea. Fica bem entre os vendedores ambulantes que batem ás portas, as fechaduras que recalcitram, as correrias de automoveis, as torneiras que não se fecham, os escapamentos de gaz e cem outros "pequenos" inconvenientes das boas coisas da civilisação.

Póde-se, porém, dizer sem temor de erro que Graham Bell foi um bemfeitor do Progresso, — esse outro Mercurio indifferente que traz cobras e asas no caduceu.

A morte desse homem, em idade avancada, no meio dos confortos que o seu engenho fizera por augmentar, contrasta singularmente com a de outros inventores, definindo duas correntes da civilisação e duas etapas do progresso humano. Reflieta-se, por exemplo, na tragedia da vida e da morte de Tellier, o famoso e genial inventor francez a quem se deve a criação e o impulso inicial da "industria do frio", e que de frio e fome expirou numa escura mansarda, só, desprezado, tiritante,

depois de ter feito cair uma chuva de ouro sobre a Republica Argentina e de ter enchido a rebentar as arcas de muito milionario das varias Americas!

E' tocante pensar que a ventura de Graham Bell se deveu, em grande parte, a dom Pedro II.

Singular destino o de dom Pedro! Raros lhe reconhecem dotes extraordinarios, quer intellectuaes, quer moraes. Foi, para a maioria, um bom homem, bom, intelligente, bem lido, bem conversado, sympathico, — mas sem nada de extraordinario. O terno mysterio das almas e das suas irradiações! Dom Pedro era um homem como tantos, não é assim? e contudo, em toda a parte onde se achou, elle positivamente derramava confortos e animações sobre o coração calcinado e trepidante desta vermina humanal, azafamada atrás da fortuna, do prazer, da gloria, da illusão; derramava-os, ao parecer, até quando não pensava nisso, por uma função espontanea e radical do seu ser profundo, como as rosas dão perfume ou como as abelhas constroem toda a trama inconsciente da sua vida em torno do mel que fabricam!

E dom Pedro, como todas as almas grandes, ha de ser sempre, para os analysistas de almas, uma especie de composto accidental de varias qualidades mediocres... Como estes raios de analysistas enxergam as coisas á sua semelhança!

Mas vamos a Graham Bell. Em que influiu Pedro de Alcantara no seu destino? O caso tem sido divulgado, e nós nos arriscamos a contar a historia a quem a saiba melhor que nós; mas não importa.

O caso é que dom Pedro, estando na exposição de Philadelphia, em 1876, antes que ella se abrisse ao publico, e sendo lá recebido com as honras e as amofinações do rigor, lá encontrou, a um canto, um joven engenheiro de aspecto melancolico. Audacia feliz do engenheiro, instincto divinatório do monarcha affeito a descobrir soffrimentos subterraneos, seja o que fór, o facto é que o imperador do Brasil entabou conversação com o pobre moço encolhido, cuja pessoa e cujas pretensões em absoluto não faziam parte do programma da visita.

E Bell timidamente explicou a dom Pedro que tinha um invento. — um aparelho provido de fios de aço, destinado

a levar a voz humana a distancia... Esse invento, sentia Bell certa difficuldade em expol-o no mostruario internacional de Philadelphia, porque havia por lá escassa boa vontade a respeito de tão exquisita prenda.

Dom Pedro ouviu-o e dirigiu-lhe palavras de animação, pelas quaes mostrou haver logo descortinado a importancia que o telephone poderia vir a ter nas relações humanas. Foi o golpe de sol, a descarga de fortuna, o instante decisivo e feliz do desencorajado inventor, porque os circumstantes, despertos pela scena, movidos pelo exemplo da real longanimidade, entraram a tomar mais a serio o inventor do telephone, e o primeiro telephone se installou e funcionou na exposição.

Haverá talvez algo de lenda nesta historia? Não o cremos.

Em 1875, era mais possivel do que hoje, mesmo nos Estados Unidos, ser um inventor encarado como um simples maluco importuno. Ainda hoje, em toda a parte, a fortuna pende mais para os que descobrem pequenas coisas praticas do que para os que dão com algum segredo de montã. Os Colombos que acham Americas e morrem humilhados e martyrisados são relativamente mais numerosos do que os genios que dão com a sua Canaan mediante um novo typo de botões de camisa ou um novo molho de tomates.

Seja exstrictamente verdadeiro, porém, ou não o seja, o episodio tem uma verdade profunda, porque em tudo se harmonisa com a indole curiosa, aberta e benevola do imperador, e não aberras das tradições de má sorte ligadas aos inventores, que ao menos em começo têm de pagar o seu tributo ao grande Caapora do universo. Em começo... e depois, no fim, e para sempre!

(“Estado de S. Paulo”).

SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO

Acaba de fundar-se em S. Paulo a Sociedade de Educação, composta de professores e outras pessoas que se interessam pela causa do ensino.

Os fins da Sociedade são: estudar questões referentes á educação e ao ensino; promover a realisação de congres-

tos, conferencias e cursos; trabalhar pela disseminação do ensino em seus varios ramos e graus; publicar uma revista e manter uma bibliotheca pedagogica.

Haverá seis commissões permanentes: a 1.^a, de educação primaria; a 2.^a, de ensino secundario; a 3.^a, de educação profissional; a 4.^a, de pedagogia; a 5.^a, de publicação da "Revista".

A directoria será eleita cada anno, com excepção do secretario geral, cujo mandato deve durar por tres annos.

A primeira directoria eleita compõe-se dos seguintes senhores: presidente, dr. Oscar Freire de Carvalho, lente da Faculdade de Medicina; vice-presidente, Renato Jardim, director da Escola Normal; secretario geral, Antonio de Sampaio Doria; 1.^o secretario, Alexandre de Albuquerque; 2.^o secretario, José Rizzo; thesoureiro, Djalma Forjaz.

As commissões permanentes estão assim constituídas:

Ensino primario: srs. Guilherme Kuhlmann, Armando Gomes de Araujo e Romeo do Amaral Camargo.

Ensino secundario: srs. drs. A. Rodrigues Alvéz Pereira, Jorge Haddock Lobo Filho e J. de Freitas Valle.

Pedagogia: srs. dr. José Carlos de Macedo Soares, dr. Carlos da Silveira e dr. Oscar Thompson.

Educação profissional: srs. Roldão de Barros, Aprigio Gonzaga e João Lourenço Rodrigues.

Ensino superior: srs. dr. Spencer Vampré, dr. Ovidio Pires de Campos e dr. R. Santiago.

Revista: srs. Leo Vaz, dr. Fernando Azevedo, dr. Almeida Junior e Brenno Ferraz do Amaral.

"O Estado de S. Paulo", noticiando o facto, faz os seguintes commentarios:

"Concluindo esta noticia, não podemos senão congratular-nos vivamente com os fundadores da promissora agremiação. Está nas tradições d'"O Estado", folha fundada por um educador illustre, o interesse pelas coisas do ensino. Pode-se dizer que nos seus quarenta e tantos annos de existencia, não atravessou este jornal época nenhuma de olvido e desleixo acerca desses assumptos, quer no que se refere á informação, quer no que toca a exame e debate de opiniões e resoluções. Pode-se por ahí fazer idéa da sincerida-

de com que felicitamos as pessoas que vão dotar a nossa capital com um orgam tão indispensavel da sua vida consciente.

Em S. Paulo, poucos, para não dizer ninguem, têm o direito de atirar a primeira pedra, em questões de ensino. Governos e Congressos erram, frequentemente, com as suas reformas, sub-reformas e contra-reformas, suas inopinadas variações de opinião, sua desorientação evidente; mas a triste verdade (já o temos dito) é que, assim ou assado, quem tem feito alguma coisa, em materia de ensino, sob a Republica, são os governos e os Congressos.

Outrora, sob a Monarchia, ao contrario, pouco, quasi nada faziam os dirigentes; mas o interesse dos particulares, nas camadas mais esclarecidas, era notavel. Sociedades propagadoras de instrucção, associações fundadoras de estabelecimentos de ensino, conferencias, estudos, relações de viagens, projectos, tudo isso era commum. Era, tambem, commum verem-se homens eminentes na politica e em outras altas esferas de actividade preoccuparem-se com assumptos de ensino — preocuparem-se normalmente, continuamente, e não uma vez por outra, á guiza de passatempo ou de ambicioso artificio.

São dessa época Ruy Barbosa, com seus luminosos pareceres, estudos e projectos; Rangel Pestana, com sua acção constante no jornal, na escola, nas associações; João Kopke, com sua absorvente dedicacão ao ensino, de que se fez apostolo e praticante, renunciando a tudo o mais, quando para tudo o mais tinha aptidões; Americo de Campos, José Bonifacio o moço, Alberto Salles, Luiz Gama, e tantos outros.

Hoje, pode-se dizer sem excesso de expressão que os homens "de responsabilidades", ao contrario dos de outrora, fazem questão de não ter e não adoptar idéa alguma sobre o ensino, como sobre qualquer outro assumpto — antes de se conhecer a palavra magica d'Aquelles-que tudo-podem, que no caso vertente são o chefe do governo e os que lhe ficam á mão direita.

Se é isso que se nota do lado dos homens graúdos, da parte da massa a situação não é melhor. O nosso povo habituou-se a esperar tudo do governo, e só



ao governo confia a missão de resolver e provêr.

As próprias municipalidades, órgãos directos do pensamento publico, se abandonam gostosamente á tendencia de entregar ao centro tudo quanto se refere a ensino, e assim chegam a supprimir escolas, em vez de as augmentar. Neste ponto a Camara da capital dá um optimo exemplo: não mantem uma só escola, nesta época em que se fala, a todo o momento e por toda a parte, em combate ao analfabetismo!

Se, porém, nem os cidadãos mais graduados, nem o grosso do publico se interessam por estes assumptos, ha, evidentemente, individuos isolados, e não poucos que apaixonadamente procuram vencer a atonia geral e pôr relevante materia no logar que lhe compete entre os objectos de maior importancia social. A maioria, porém, senão quasi a totalidade dessas pessoas trabalha, ou voluntaria, ou forçadamente, numa sombra profunda. Dir-se-iam trabalhadores de sapa, em logares escondidos ás vistas do publico. Existem, é certo, a Liga Nacionalista, a Loja 7 de Setembro e outras agremiações que se esforçam; mas essas agremiações bemfazejas se occupam especialmente de criar escolas primarias, e nós estamos considerando a materia mais sob o aspecto da propagação e agitação de idéas, do exame e discussão de tudo quanto convem, nesse tão vasto departamento de estudos e realisações, conjuntamente o maior e o mais importante de todos.

Resalta, pois, a benemerencia do movimento iniciado com a Sociedade de Educação, centro de estudos de caracter scientifico.

Temos aqui meia duzia de sociedades economicas, que trabalham com extraordinaria actividade, e cujos "compte-rendus", publicados quasi diariamente, quer pela sua extensão, quer pela variedade dos assumptos discutidos, dão bem a impressão de grandes colmeias em permanente e alacre labor. Onde as associações intellectuaes? Não queremos dizer que as economicas não o sejam, mas são-no em caracter restricto. O que nellas predomina são os objectivos immediatos. São enfim associações de acção, e de acção primaria, tendente a satisfazer as necessidades vegetativas. Gremios que estudem, agitem,

propugnem, impulsionem as altas questões e os primaciaes reclamos relativos ao melhoramento physico, intellectual e moral da sociedade em que vivemos, eis os que têm faltado, eis os que não devem continuar a faltar, sob pena de sermos considerados um povo de vista curta.

A essas associações deve caber evidentemente a dianteira. A sua missão abraça todas as outras espheras de actividade, pega com a raiz e com o fim de todos os esforços constructivos.

Seja pois bemvinda a Sociedade de Educação!"

A IMPORTANCIA DA LINGUAGEM

A mais importante de todas as materias que figuram nos programmas das escolas é, sem duvida, a linguagem. Ella pode ser considerada como a base mesma de quaesquer outras disciplinas, porquanto é muito certo que nenhum estudo será de resultados praticos e efficientes se não pode ser vulgarizado por uma palavra facil e clara. Os homens de preparo, que não contam com os recursos expressioaes necessarios para externarem os seus conhecimentos, são como energias apenas em potencia, forças negativas, capacidades fragmentaes e incompletas.

Toda a idéa que não encontra uma forma condigna, perde o seu prestigio. Embora encerre verdades definitivas, certezas irreformaveis, ella pode ser sophismada se for expressa por palavras frouxas, ordenadas sem um rigoroso criterio de unidade e consequencia. Por isso, os espiritos que não se apuram na linguagem, esbarram amiu'de nas maiores difficuldades, mesmo quando dotados de cultura apreciavel e menos commum.

Importa ter sempre em vista que qualquer homem que se dedica aos prazeres da intelligencia, nunca o faz para ficar com os conhecimentos que adquire armazenados num canto da cerebro, como frivolos adornos. Pelo contrario, á medida que se estende o seu horizonte mental, mais imperiosa elle sente a necessidade de propagar idéas, de disseminar juizos, de espalhar noções que auxiliem os seus semelhantes, dando-lhes um accrescimo de cabedaes com que possam enfrentar com vantagem as difficuldades ou duvidas que o atormentam. Um espirito de cultura

superior, que se isole do mundo, que não tenha a nobre preocupação de alliviar ao rebanho humano os seus tédios e abatimentos, que não o socorra nas horas de perplexidade e incerteza — é um egoista sem relevo social, uma como sombra inutil. Se é assim, é bem de ver que todo o homem de estudo precisa cultivar em si a belleza da linguagem, adquirir a palavra fluente e a locução pittoresca, afim de envolver as suas idéas numa atmosphera de sympathia que as torne amáveis e de facil circulação.

Não ha quem possa apresentar argumentos que justifiquem o desleixo da linguagem. Todo o homem pensa, e para pensar com clareza é mister escrever ou falar com identica supremacia. Quem não sabe dar aos seus pensamentos uma formula verbal fiel e correcta, deforma-os e degrada-os, porque todos os defeitos de uma phrase se transmittem na propria essencia das idéas que ella exprime.

Pode-se, por isso, dizer que na linguagem todo o individuo perfectamente se define, revelando o seu senso esthetico, o seu criterio, a sua coherencia e a sua capacidade de analyse, raciocinio e conclusão. Aquelle que não possui essas qualidades, indispensaveis para escrever ou falar correctamente, nunca poderá culminar em nenhum ramo do pensamento. Todo o seu saber será nebuloso e de alcance precario emquanto se manifestar pela palavra achamboada e toseca.

Accresce ainda que o exercicio constante da linguagem dá ao espirito uma agilidade, um poder de improvisação, um sentimento de proporção e logica, que lhe permittem encarar quaesquer factos ou aspectos, delles extrahindo todas as lições que comportam. Ha pessoas de illustração muito relativa, mas que, mercê da sua virtuosidade vocabular, logram abordar quaesquer problemas, sempre se havendo com a desenvoltura dos que nelles se especialisaram. Isso porque a opulencia dos seus recursos verbaes suppre muitas falhas do seu preparo, podendo, assim, emprestar ao assumpto um brilho que experta nos outros espiritos a mais benevolente receptividade.

Estes ligeiros articulados, mostram á sociedade, penso, o quanto o exercicio da linguagem é importante, e como, por isso, deve preceder a quesquer estudos.

Todo o homem, antes de mais nada, deve aprender a pensar, por isso que dessa forma elle se apercebe de um dos mais poderosos elementos de victoria na vida. Sabendo pensar com acerto, elle encontrará as mais risonhas facilidades em todos os estudos que solicitem a sua intelligencia, assim como poderá encarar com serenidade os obstaculos e tempestades que o assaltem na sua jornada. E, sendo certo que é na linguagem que elle pode munir-se desse valioso cabedal, é para ella que deve dirigir os seus mais diligentes cuidados, se não quizer subverter-se na massa dos mediocres.

Americo Bruschini.

(“Folha da Noite”).

DO ESPORTE

Fernando de Azevedo realisa actualmente no Brasil quasi um paradoxo. Latinista de verdade, bate-se pelo athletismo com o denodo de apostolo. Entre nós, os denominados estudos classicos envelhecem a alma dos que delles se alimentam. Somente se olha o passado; o saudosismo empolga o homem.

O illustre autor de “Antinoüs” e da “Educação Physica” debruça-se sobre o futuro, como as grandes arvores seculares cujas raizes mergulham no passado, enquanto a ramada sonha com a primavera que lhe trará uma folhagem mais virente e com ella a canção perdida, gorjeada nos ninhos e estalando no riso das crianças, que se acolhem á sua sombra.

Querer ligar o passado e o presente ao futuro, sonhando viver na alma de uma descendencia cada dia melhor, é apanagio de raros brasileiros. E, mau grado tudo, os moços de agora são a todos os respeitoos melhores que os de minha geração.

Sob o titulo “O Sport está deseducando a mocidade brasileira” o joven Sussekind de Mendonça, em paginas vibrantes e que se lêm com o maior agrado, procura demonstrar que o esporte desviou a attenção da juventude dos livros e dos estudos. Ha erro de apreciação: os examinadores mais velhos, os lentes das escolas superiores é que se transformaram e, o relativo arrocho das bancas examina-

doras de outróra, foi substituído pela "bica" como no meu tempo se dizia.

Qual a culpa dos moços com o seu esporte? No desprezo por este, julgo eu, está a explicação para os vergonhosos exames por decreto surgidos com a grippe, e cujas consequências vão apparecer no futuro. Nascu no Senado Federal o hediondo projecto; foi nelle approved e igual resultado obteve na Camara; havia ainda um poder capaz de annular a incrível medida: o presidente da Republica poderia ter obstado, impedindo por intermedio do seu "leader" a triumphal marcha; nada fez, sancionou. As congregações dos gymnasios, das escolas superiores, os immortaes da Academia de Letras, que fizeram?

Houve protestos isolados, entre a gente velha; mas a maioria concordou, votou, silenciou. Protesto collectivo, e o que é mais, prohibição que os seus membros participassem das vantagens que a escandalosa lei facultava sob pena de exclusão da companhia, eu só conheço o da Liga Nacionalista de S. Paulo.

Partiu dos moços de hoje, que fazem esporte, a repulsa á triste dadiua dos legisladores brasileiros, nascidos e criados hontem, quando o esporte era considerado pelos cultos da época, meio de desenvolver os musculos atrophando o cerebro; "methodo de se ficar burro" como foram dizer ao Ramalho Ortigão, o qual logo retrucou: "mas á medida que os biceps vão crescendo, vae dia a dia, diminuindo a probabilidade de encontrar quem lho diga."

Li, ha tempos, numa revista medica que só num anno houve 24 mortes nos Estados Unidos occorridas em consequencia de accidentes esportivos. Quem poderá calcular o numero de obitos provocados entre nós annualmente pelo alcool, morphina, heroína, cocaina?

O violento "rugby" deve ter concorrido com o mais alto coefficiente; o governo norte-americano teve de legislar introduzindo certas modificações, enquanto por outro lado tudo fazia para dar desenvolvimento ainda maior a esse desporto para o qual a nossa gente não possui, por enquanto, a necessaria robustez.

Assisti nas proximidades de Boston a um torneio entre estudantes das universidades de Harvard e a de Colombia em

Nova York. O estádio permittia a asistencia de 30 mil pessoas assentadas; quando um dos grupos ia cedendo, pulava para a arena um estudante em mangas de camisa, que, voltado para os seus collegas de universidade, dirigia a canção, logo entoada em côro, por seus companheiros, enquanto do outro lado do estádio, os moços da universidade rival reproduziam scena analogá. O interesse do torneio crescia porque incitados pelos cantos que ouviam, os jovens que lutavam, operavam maravilhas de força, resistencia e agilidade e o ponto conquistado nessa luta a ceu aberto era applaudido por toda a assistencia independente do partido a que pertencesse. Os brasileiros do futuro tambem se agglutinarão em torno de partidos; este beneficio nos será proporcionado pela disseminação do esporte. O menino de hoje, cuja intelligencia desabotó num ambiente onde se chocam correntes favoráveis a este ou áquelle club, aprenderá a ter opinião, batendo-se por ella com coragem, affirmando onde se encontrar a que partido pertence. Os moços de hoje, que serão os senhores do destino da patria de amanha, só a comprehenderão dividida em partidos, porque a isso se habituaram desde crianças; terão horror ao empenho, porque quando foram destacados para defender as côres do seu club a recommendação foi o proprio valor, evidenciado aos companheiros nos encontros e cotejos.

Saberão o que é articulaçáo de esforços, espirito de disciplina, subordinação á causa geral, pois foi assim que conquistaram a selecção para figurar nos torneios, onde tiveram um posto de destaque a defender.

Desconhecirão o que é desertar; podem cahir vencidos, porém, o que tiverem de energia foi dado á causa do partido. Serão generosos pois sempre aprenderam a saudar o adversario vencido. A falta de sentido e de proporção, tão disseminada no brasileiro, irá sendo corrigida pois desde criança que aprendeu a medir a força do adversario para não se expór a uma derrota facil; os movimentos desordenados não existindo, porque desde tenra idade terá aprendido que somente coordenando os esforços é que se pôde vencer.

Graça Aranha, no "Chanaan", põe na bocca de um dos seus personagens, o juiz

de direito, coisas amargas a respeito do brasileiro, cujas manifestações de valentia não passam de impulsos nervosos, no dizer do magistrado, não havendo em regra a coragem de se olhar calmamente o perigo.

O sangue frio, a presença de espirito, aprendem-se nas justas esportivas, quando um golpe em falso, uma manobra precipitada, podem decidir da victoria. Tais virtudes corrigem no homem todos os excessos criados pelo nervosismo como o capricho, gerado pela tensão elevada, ou filho da depressão, como é a negligencia e que sempre acabam conduzindo á derrota. O esporte desenvolve a força physica e esta dá ao homem uma condição que não faz parte do seu cyclô evolutivo, como é a virilidade.

Dá-lhe robustez e o torna varonil e, esta faculdade impregna-lhe o espirito, impressiona a propria essencia do individuo, dando-lhe um titulo de nobreza que elle mesmo poderá forjar por suas mãos e manter pelas suas attitudes, palavras, actos e acções.

Arthur Neiva.

(“Estado de S. Paulo”).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DA IMPORTAÇÃO

Importação — de certo modo — significa produção. Explica-se. Só adquire, só compra, só importa quem dispõe de recursos. Ora, para se ter recursos é preciso produzir, agrícola ou industrialmente. Mórmente no nosso caso. Logo, importação, como foi dito, significa, de certo modo, produção. Ou, em termos mais precisos, é condicionada pela produção exportavel, que é, para dizer assim, a nossa unica moeda internacional. Portanto, a importação é, indirectamente, um indice, um signal de trabalho nacional, ou regional, conforme se considere uma ou outra coisa. De certo ponto, ella é mais elucidativa, illustra mais do que a propria exportação, que, no caso, faz de causa primeira. Quer dizer: explica melhor determinados aspectos e condições. Fala, para dizer assim, duas linguas, ao passo que a exportação fala exclusivamente uma.

Além de tal significação, a importação tem, para nós, no Brasil, uma característica mais especial do que a maioria dos paizes. É o seu lado tributario. Nos impostos alfandegarios está a principal fonte de renda da União. Assim, tanto mais importa um Estado, tanto mais concorre para as rendas da Federação. Quer dizer: com os recursos exigidos ás necessidades varias da communhão. Occorre, ainda, que parte dessa renda alfandegaria é em ouro. Ao passo que a renda proveniente dos demais impostos, como o de consumo, por exemplo, é exclusivamente em papel.

Posto isso, vejamos, agora, como se distribuiu, geographicamente, a importação nacional, no anno ultimo, ou 1921. E, por outra, qual foi a importação de cada Estado da Federação. Assim, cada qual poderá fazer as considerações que quizer, bem como tirar as conclusões que entender.

Tomando-se as duas grandes divisões naturaes, em que se reparte o paiz, temos que a importação nacional, em 1921, foi:

Norte do Brasil

	Contos de réis
1º) Pernambuco	93.012
2º) Ceará	57.451
3º) Bahia	57.119
4º) Pará	21.262
5º) Alagoas	16.357
6º) Parahyba	11.669
7º) Maranhão	7.682
8º) Amazonas	7.025
9º) Rio G. do Norte	6.940
10º) Piauhy	3.298
11º) Sergipe	1.609
Total	283.424

Nos Estados acima, a maior importação coube a Pernambuco. Quasi 1/3 do total da importação regional. O segundo logar, que, na importação, teve o Ceará, não lhe pertence. Pertence á Bahia. Mas dá-se que para o Ceará tem ido uma maior importação destinada a obras publicas. Basta notar que a importação do Ceará, em 1913 foi de 14 mil contos; em 1919, 9 mil e 600 contos, e em 1920, 14 mil e 400 contos, numeros redondos. Portanto, não poderia quadruplicar, assim, de um anno para outro. De fôrma que o verdadeiro logar do Ceará

deve ser o sexto. A importação do Pará, que é a quarta, reduziu-se a menos de metade do que foi em 1913. E o Amazonas, hoje, já importa menos do que o Ceará, tomada, apenas, a importação normal deste Estado. Ha, ainda, uma observação mais interessantes a fazer. Os Estados do extremo norte, Pará e Amazonas, que tinham, ha bem pouco tempo, logar principal passaram a ter logar secundario, na importação. Basta notar o seguinte, que é significativo: os Estados perseguidos pelas seccas — Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba — importam, juntos, mais do que os Estados do Pará e Amazonas, juntos, actualmente. A situação da Bahia, apesar de bem collocada deixa muito a desejar. Trata-se do Estado mais populoso do norte e dos mais ricos do paiz. Não falta quem lhe dê, com ou sem razão, o primeiro logar em possibilidades naturaes á producção, na Federação.

Sul do Brasil

	Contos de réis
1º) Cápital Federal	739.955
2º) São Paulo	508.586
3º) Minas Geraes	—
4º) Rio G. do Sul	122.814
5º) Estado do Rio	—
6º) Paraná	17.594
7º) Santa Catharina	11.986
8º) Matto-Grosso	3.134
9º) Espírito Santo	2.362
10º) Goyaz	—
Total	1.406.415

Mais de 2/5 de toda importação nacional destinou-se para a capital do paiz. Em parte, isso se explica pelo consumo variado da Capital Federal, inclusive objectos de luxo. Em parte, ainda, se explica porque a importação para Minas Geraes e Estado do Rio é feita, aqui pelo porto do Rio de Janeiro. Afóra São Paulo, Minas, Rio Grande, Estado do Rio, os demais Estados têm uma importação que regula a média dos Estados do norte, de segunda ordem, a respeito. A importação de Goyaz é feita pelos Estados vizinhos, tendo, por conseguinte, entrada em mais de um porto da Republica.

Importação comparada

	Contos de réis
Norte do Brasil	283.424
Sul do Brasil	1.406.415
Total	1.689.839

Resulta do exposto, que da importação do Brasil, em 1921, ou anno ultimo, aos Estados do Norte do Brasil coube menos de 1/5 do total importado. Aos Estados do sul do Brasil coube mais de 4/5.

Mario Guedes.

(“Correio da Manhã”).

A OBRA DE UM SOCIOLOGO E A MILITARIZAÇÃO DO BRASIL

Só agora tive opportunidade de ler e meditar a grandiosa obra de sociologo do Dr. Oliveira Vianna. Refiro-me aos seus dous livros — *Populações meridionaes do Brasil e Pequenos estudos de Psychologia Social*.

Com anciedade espero os novos trabalhos do eminente escriptor que annuncia, em preparação, o segundo volume das populações meridionaes e um referente ás populações septentrionaes. Assim completará, com a sua extraordinaria visão de sociologo, com o seu notavel poder de analysta e psychologo, com o profundo sentimento do nosso meio e da nossa gente, o estudo mais perfeito, até agora realizado, da genesis e da evolução da nossa sociedade, desde os primeiros dias do descobrimento até a época contemporanea.

Ninguém que pertença á classe dirigente, do Brasil, deixará de meditar a obra do grande escriptor, que está applicando no estudo da historia nacional, processos scientificos, até agora desconhecidos pelos outros compendiadores. De mim sei que os dous livros do Dr. Oliveira Vianna trouxeram, á minha perigrinação pela historia do Brasil, esclarecimentos, lições e idéas que, em vão, procurára ha longos tempos.

O que somos, como somos; quaes as nossas qualidades e quaes os nossos defectos; o que devemos ser; tudo isso está explicado, commentado e suggerido na obra ainda incompleta do Dr. Oliveira Vianna, á luz da atilada analyse dos



factores ethnicos, cosmicos, psychologicos, religiosos, economicos e politicos, que influiram na formação e evolução da nacionalidade.

Mas, na pagina 21 dos *Pequenos Estudos de Psychologia Social* deparou-se-me ponto de vista com o qual ousou discordar. Estudando a degeneração apparente do character nacional, escreveu o Dr. Oliveira Vianna:

"Dahi resulta que o plano principal de uma verdadeira reacção renovadora, não está em *militarizar* o mais brando povo do mundo, como querem os pregoeiros do serviço militar e obrigatorio; mas, antes de tudo, em formar, por uma grande e poderosa campanha social, um largo e sonoro ambiente espirital, dentro do qual possamos voltar á pratica das *nossas antigas virtudes tradicionaes*, as unicas que nos permittiram fundar e organizar, nesta parte da America, uma nacionalidade, sem grandes feitos de guerra, é certo, mas não menos gloriosa nos seus feitos de paz."

Incluo-me entre os mais porfiados pregoeiros do serviço militar e obrigatorio, porque creio que elle concorrerá para essa obra de re-educação, que é tambem obra de organização e construcção da nacionalidade, de que falla o Dr. Oliveira Vianna no prefacio das *Populações Meridionaes*. E tal convicção minha adquiriu maior tempera depois que li e melhormente comprehendí a genesis e a formação da nacionalidade, na obra monumental do eminente escriptor.

* * *

Ao estudar, em livro meu, a influencia do factor militar na organização da nacionalidade escrevi: "A obrigatoriedade do serviço militar creou a força que vae, no correr da nossa historia, defender o Brasil litoraneo contra as invasões francezas, inglezas e hollandezas; que serve para a luta ininterrupta contra o indigena, protegendo a sociedade nascente e marcha do povoamento branco e da civilização européa no interior; que abre caminho, e conquistamos a victoria, no terrivel e alongado duello com os hespanhoes, cujos dominios, pela linha Tordesilhas, fecharam a nossa expansão para o Oeste."

Referia-me então aos regimentos de 1548 e 1570, que instituiram, na colonia, o ser-

viço militar e geral para todo o homem livre.

O que escrevi acima, agora está esclarecido na obra do Dr. Oliveira Vianna. A marcha do povoamento, a organização e a expansão das bandeiras, o desbravamento do territorio, a luta e a victoria contra o indigena e o hespanhol, só foram possíveis com a organização militarizada dos nucleos de população que se formaram, a principio, na costa, e depois nos immensos latifundios do interior. O senhor de engenho, o proprietario dos grandes latifundios pastoris, o dono das primeiras fazendas cafeiras, eram chefes de feudos militares, com uma organização fortemente disciplinada e hierarchizada. Sem aquelles regimentos, que imprimiram feição militar aos organismos sociaes dos primeiros povoadores, os portuguezes e os seus primeiros filhos não teriam ido além do littoral, não teriam desbravado e povoado os valles dos grandes rios, nem feito recuar os hespanhoes, nem preparado a nossa unidade, derrotando e expulsando os hollandezes.

Não é, pois, o nosso povo tão pacifico como se suppõe. Elle é brando e idealista, mas todas as vezes que a sua expansão e o seu progresso exigiram actos de força, empregou-os com tenacidade e bravura. Exemplo do que digo, patenteia-se em nossa propria historia, que, a não ser no recuo da Colonia do Sacramento, não conta uma só derota no dominio militar e politico. E, quando melhor se estuda a historia das nossas fronteiras meridionaes, verifica-se que, mesmo recuando da margem do Prata, sahimos victoriosos.

O querer muito, assentando os nossos arraiaes na Colonia do Sacramento, deu-nos, no futuro, a fronteira de que precisavamos, com a inclusão das Missões, que foram a compensação da nossa ousada investida até ao centro do poderio hespanhol, no estuario do Prata.

Depois da Independencia, com a substituição das milicias coloniaes pela Guarda-Nacional, de Feijó, foi ainda o serviço militar, embora imperfeito, que forneceu os meios materiaes para cimentar a unidade nacional, para estabelecer a ordem civil e para vener, com o Exercito regular, as nossas duas campanhas externas com as quaes resolvemos o problema das fronteiras meridionaes, creado pela expansão das bandeiras e dos *claus* pastoris, tão luminosa-



mente estudados pelo grande escriptor.

Nos ultimos annos do Imperio, dada a nossa hegemonia incontestavel, e durante a Republica, que precisou primeiramente consolidar-se, a nossa organização militar estacionou. Mas o serviço militar figura, sem duvida alguma, "*entre as nossas virtudes tradicionais*", a cuja pratica devemos voltar, para preparar os destinos futuros do Brasil, como o regimento de 1548 e 1570, applicado a todos os homens, validos e livres, creou a força que fez a grandeza territorial do Brasil e lançou os fundamentos da nacionalidade.

* * *

O serviço militar na época actual tem, porém, novas funções. Será a força conservadora do territorio por elle conquistado no passado; será a força que garantirá o centripetismo na federação; será o cadinho da nacionalisação dos filhos dos advenas, e será, sobretudo, o maior e mais efficiente reeducador das novas gerações, no triplice ponto de vista da saude physica da raça, da idéa moral da Patria una, das virtudes de que um povo precisa, na época presente, para progredir e não ser vencido.

Genesio de Vasconcellos.

("Jornal do Brasil").

A SAFRA DE CAFE'

A colheita de café já teve inicio, no Estado de S. Paulo. A estimativa da safra é calculada em 8.000.000 de saccas. Equivale, portanto, á safra que, em São Paulo, vae ter o seu termo no dia 30 do corrente mez de junho. Ou, por outra, a safra de 1922-1923, a começar, propriamente, do meio do anno, em deante, não foi superior á safra precedente, a terminar. Quer dizer que este anno, ainda, não temos augmento de producção de café, no principal centro, nacional e mundial, de producção. Já o mesmo não se pôde dizer quanto á safra de 1923-1924. Ha signaes seguros de que ella seja maior do que a passada e a presente, que, como vimos, são eguaes, equivalem-se em quantidade. Apezar dessa perspectiva fundada em observações reaes, pôde-se dar o contrario. Quem sabe lá? Pôde apparecer uma geada. Pôde surgir a secca. E qualquer um destes phenomenos acarreta diminuição de

producção, nos cafesaes. Aliás, não se trata de prophécia. A geada e a secca já diminuíram as safras de café em São Paulo. E' um facto de hontem e não historia antiga. Dahi, pode dizer-se que a cultura de café torna-se, de certo ponto, precaria, pelos multiplos imprevistos de cada anno.

Desta sorte a posição estatistica do café é boa. Da mesma sorte, a posição commercial do producto. A situação da praça de Santos, presentemente, é tambem boa. Não ha difficuldades, o que, no caso, é um factor de importancia.

Por outro lado, o governo pensa manter o mesmo regimen de limitação dos transportes de café da safra em curso. Visa semelhante medida manter o mesmo equilibrio entre a offerta e a procura. Esta medida, aliás, já deu resultados — tem o baptismo do successo. A sua adopção, ou pratica, regularizou as entregas de café, não permittindo o accumulo dos stocks, no porto de Santos. Portanto, não se trata mais de uma experiencia. O tempo disto já passou. Trata-se, sim, da continuação de uma pratica, que, depois de adoptada, deu optimos resultados. Pois, antigamente, não havia systematizaçáo do transporte de café do interior para Santos. Resultava dahi perturbação entre a offerta e a procura. Hoje, não. A systematizaçáo do transporte de café foi feita, como pedía a observação commercial, no nosso interesse. Resta, agora, perseverar na medida adoptada. E' no que pensa o governo. E' no que pensam os demais, pelo menos os que estão ao longe, é como semelhante medida não foi posta em pratica, ha mais tempo. Mas, tambem, se a medida não tivesse dado resultado, não caberia tal observação. O mundo é assim mesmo. Os que estão de fóra pensam sempre dansar melhor.

Ora, essa medida de administração, junta á boa posição estatistica do café, é de grandes resultados. E' um pão com dois pedaços. Sabe-se que só os norte-americanos compram cerca de 800 mil saccas de café por mez. Deduzida a compra destes, o que fica para a Europa é muito pouco. Mesmo que entrem no porto de Santos as trinta mil saccas diarias. Mas isso não se dará. E não se dará por causa dos feriados e dias santos. Positivo. Por conseguinte não haverá excesso de offerta sobre a procura. Por conseguinte, ainda



o preço do café não poderá sofrer baixa alguma. Ruminemos o affirmado até aqui. Primeiramente a posição estatística do café é boa. E' mesmo optima. Mas, bem... apesar disso, o café poderá accumular-se no porto de Santos, fazendo que a offerta, que em globo é inferior á procura, torne-se inferior parcialmente. Porque não se vende toda a safra de uma vez. Vende-se por partes. Ora, comquanto a offerta total da safra seja inferior á procura total, em dado mez, havendo mais café para vender do que exige a procura neste mesmo mez, ha o desequilibrio desfavoravel para nós. Mas isso não acontecerá, porque, como vimos, o governo pensa manter o regimen de limitação dos transportes de café para Santos. E isso no intuito, como vimos ainda, de manter o equilibrio entre a oferta e a procura, — medida essa que já deu optimos resultados. Bem. Admittindo, agora, que se transportem para Santos 30 mil saccas de café diariamente, inclusive feriados e dias santos, o que não se dará. Mas admittamos, para argumentar. Em cada mez, serão transportadas para Santos 900 mil saccas. Ora, os americanos adquirem 800 mil saccas. Logo, ficam para a Europa e o resto do mundo em Santos, 100 mil saccas. Ainda: a safra paulista é inferior ao consumo americano. Pois a safra de São Paulo é de 8.000.000 de saccas. Os americanos adquirem, em Santos, 8.000.000 saccas por mez. Multiplicando-se 800.000 saccas por doze mezes, temos que os americanos consomem... 9.600.000 saccas de café, provenientes de Santos. Mesmo adquirindo 600.000 saccas mensaes, o consumo americano regula em mais de 2/3 da safra.

Resta, agora, uma objecção: e o cambio? — O cambio não perderá com o systema das entregas de café, no porto de Santos. E' certo que tal medida faz diminuir o volume da exportação. Mas só á primeira vista. Porque, examinando-se melhor a questão, vê-se bem que tal facto está consequentemente compensado com o valor em ouro do café, que alcançará melhores dotações em ouro. Logico.

Mas, além da safra do nosso principal centro productor, ha a considerar o stock do governo da União. Mas disso não ha a temer. O governo, que fez a ultima valorização do café, não pôde desmanchar,

de um dia para outro, a sua propria obra. Quer dizer: não vae vender de pancada, de chofre, de repente, o stock de 4.500.000 de saccas de café, que tem em mãos, que possui. E' claro. E' positivo. E' logico. Segundo me parece elle só poderá vender, annualmente, 500 mil saccas. Mas o dr. Augusto Ramos, em conversa com o dr. Padua Salles, fez considerações que alteram aquella minha suposição. Não sei. O que sei e o que toda gente sabe é que o governo está disposto a ser o mais cauteloso possível na disposição ou venda do stock que lhe pertence. Não agirá, de nenhuma maneira, a influenciar no mercado. Sequer atemorizar-o de longe. Assim, admittamos, para argumentar, que o governo disponha de 500.000 saccas, annualmente. Ora, como o seu stock é de 4.500.000 saccas, segue-se que elle só terá liquidado o mesmo stock dentro do espaço de nove annos. Não influenciará, de leve sequer, no mercado. Seguindo esse methodo de liquidação do proprio stock por parte do governo, ha uma objecção: dentro de nove annos, ou mesmo antes, o café ainda restante pôde estragar-se. Pois o limite de perfeita conservação do café orça por uns 4 annos. Ha a humidade dos armazens. Os saccos deterioram-se, o que pôde obrigar a reensaques, etc. Essa questão, porém, é removivel. E' de facil solução. Os stocks do governo, ou o café, serão substituidos pelos dos particulares. E' uma operação de simples troca. Não ha prejuizo para nenhuma das partes. Não ha nem mesmo logar para caprichos malucos, porquanto ambas as partes, governo e particulares, são interessados na boa solução da operação. Trata-se de uma faca de duas pontas — se é que ha tal instrumento no mundo — que ambos começaram a pegar no meio e têm de deixal-a segurando no mesmo logar.

Mario Guedes.

("Correio da Manhã").

LETRAS DO TEMPO

Aos que fazem critica literaria não passou despercebido o apparecimento de dois livros recentes: "Coisas do Tempo", do sr. Tristão da Cunha, e "Apparencias e Realidades", do sr. Gilberto Amado. Esses dois escriptores, já illustres, repre-

sentam duas maneiras de ver e dois estylos distinctos. Pertencem ambos á mesma época, e, simultaneamente, a encarnam em suas correntes principaes.

O sr. Tristão da Cunha é um classico, amigo da ordem geometrica, da expressão alinhada como um parque do seculo XVIII, onde tudo tem o seu logar marcado e preciso. A' semelhança dos verdadeiros conservadores, o autor de "Coisas do Tempo", discipulo de Montaigne e Rivarol, praticante consummado de Anatole France e Remy de Gourmont, é um sceptico subtil. Não crê na essencia das coisas, mas nas diferentes fórmãs que ellas revestem. Reduz o espectáculo universal a um jogo de sensações e pensamentos finos e commovidos. Conhece todos os pudores, sabe os perigos da eloquencia pura, os enganos da paixão, os venenos do exaggero. Não gosta da cór. E' primordialmente um desenhista, que se serve com prudencia do esfuminho. Seu estylo é um problema de linhas rectas, onde raramente se insinua a sombra de uma projecção.

Se eu fosse critico literario, e tivesse autoridade que me confirmasse o titulo, diria que, no sr. Tristão da Cunha, a intelligencia predomina sobre a sensibilidade. As preferencias da sua cultura mostram que elle formou o espirito na escola grega do seculo V e na franceza do Renascimento. Não tem impetos nem arremessos. Seu enthusiasmo é concentrado, discreto, polido. Quando o leio, insensivelmente me vem á lembrança um daquelles sobrios castellos do Loire ou do Sena. Na penumbra macia dos seus parques, plantados de arvores estyladas, symmetricamente dispostas, erguem-se elles numa theoria de columnas de molde severo, de torreões graves, cortados de janellas elegantes. Ali dentro, não ha sitios, como nos pomares decameronicos, para o devaneio e o arrebatamento. Ha caramancheis de marmore para alguma intriga sibilina. Os tableiros de relva sedosa pedem o minuetto de Lulli e os bosques humidos algum violino de som melodioso e amavel. No ar que se respira os perfumes são leves, não entorpecem os sentidos.

A prosa do sr. Tristão da Cunha transmite a poesia voluptuosa de taes ambientes. A exemplo daquelle requintado Souza Bandeira, elle é tambem um "homem de boa companhia." Não abusa dos contrastes,

não deixa o interlocutor logo dominado. Vence-o, aos poucos, distraidamente, como quem deseja antes de tudo convencer-se a si mesmo do que pensa e do que refere. E' um homem que lê muito, embora tenha o pudor de confessar que lê tanto. Receia perder "a noção da realidade."

Parece-me, nesse passo, que estaria em desacordo com o sr. Tristão da Cunha, se não fosse tão difficil recusar-lhe as idéas e os conceitos de tanta justeza. Mas, ao menos para argumentar, vale insistir nesse ponto. Nem o sr. Tristão da Cunha nem eu somos inimigos dos livros. Não acreditamos, tampouco, em todas aquellas diatribes do nosso querido Erasmo, no seu famoso "Elogio da Loucura." Estou que o proprio Erasmo nos daria razão, com os testemunhos da sua mesma existencia de leitor infatigavel. Para um analysta, como o sr. Tristão da Cunha, a realidade se encontra mais nos livros que na vida. E, porventura, a vida será real? Já disse Taine que ella era uma allucinação verdadeira. E Berkeley, antes de Taine, limitou a realidade ás nossas idéas. Talvez seja ella apenas um simples estado de consciencia. Ora, a obra de arte é, sem duvida, tão real quanto a da natureza. Sendo o livro uma obra de arte, ha nella a mesma somma de elementos reaes que na vida. Elle nos excita, nos perturba, nos obriga a pensar, a julgar, a comparar, nos ensina a ver, nos commove, criando em torno de nós uma realidade tão intensa, e, por vezes mais intensa, como a que o mundo nos depara.

Quem sabe ler nunca lê de mais. Ha no leitor avisado um instincto de perdigueiro, um faro que se desenvolve lentamente, e que não engana. De longe, percebe elle o cheiro da caça e não se perde nos cipoes estereis do caminho. O sr. Tristão da Cunha não ignora nada disso. Mas, á guisa dos grandes amorosos que sempre se queixam do amor, elle, que é um dos nossos mais atilados leitores, condemna, melancolicamente, os livros. Em ambos os casos ha um egoismo delicioso, o mais delicioso e inquieto egoismo: o do ciume.

A obra do sr. Tristão da Cunha merece o distico saboroso que elle mesmo gravou na de Raymundo Corrêa. "Faz pensar num bello tanque de marmore trabalhado, onde vive uma fonte verdadeira, de agua

limpida e natural, cheia, muita vez, de um veneno subtil e triste, mas isenta de impurezas e decomposições. E' um veneno que exalta. Deu-lh'o a belleza da vida." Eu accrescentaria, deu-lh'o o divino engano da arte.

O sr. Gilberto Amado, ao revés, é um espirito dynamico, um agitador tumultuoso, agil, movido por larga imaginação de poeta epico. E' um americano. Seu temperamento é um feixe de impetos, por onde a vida passa em turbilhão. Elle representa aquelle typo de escriptor de acção, que Stendhal, antes dos pragmatistas, não se fartou de louvar. Nossa alma de americanos é um conflicto ardente e monstruoso. Somos velhos e novos, ao mesmo tempo. Vivemos a despejar e a carregar, dia a dia, o lastro dos preconceitos que nos herdaram os europeus. Batemo-nos contra nós mesmos. Somos instaveis, confusos, como o proprio sólo que pisamos. Ardemos numa ansia de ideaes encontrados. A todo o momento desfazemos e creamos uma tradição.

O sr. Gilberto Amado, na sua riqueza de imagens e suggestões, é bem um filho do mundo tropical. Seu estylo cambiante, colorido, tem a sumptuosa desordem da floresta immensa. Iriza-se como um jorro d'agua que irrompe, subitamente, da mataria, rola e escachóa entre ondas que sempre se renovam. A vida, no seu conceito, exprime exaltação. Elle tem horror á falsa medida em que se comprazem alguns dos nossos letrados. "O que nos calharia no momento actual, observa em um estudo acerca do Espirito Brasileiro, do ponto de vista literario, seria, por assim dizer, uma agitação romantica no sentido que essa expressão pudesse comportar, de exaltação febril da imaginação creadora, do desprezo ostensivo das fórmas consagradas, de arrancada, gloriosa para o novo, o nunca dito, o interessante. A nossa literatura está ainda toda por fazer, como a dos demais paizes sul-americanos... Está por formar-se. E é evidente que não pode ser com academicismo, linguismos e bobagismos, que havemos de constituir-a com a vida, isto é, com as concepções, com o calor fecundo do sentimento. Por mais scepticos que sejamos quanto ás possibilidades das civilizações adolescentes como a nossa para a criação dos grandes "leit-motiv" estheticos que

nutrem as ideologias caracteristicas dos povos — havemos, contudo, de aceitar como promessa capaz de tornar-se realidade em nossa época o desenvolvimento de estímulos artisticos e moraes proprios á vida americana, liberta das suas influências ancestraes."

Não sei até onde poderíamos levar essa concepção de que somos — uma raça adolescente. Parece-me, justamente, que nos falta esse caracter de ingenuidade dos povos realmente jovens, que nos transmitiram os mythos solares da Índia, da Grecia, da Bretanhá e das sagas nordicas. Ha, entretanto, nos juizos do sr. Gilberto Amado, uma grande força de penetração e agudez. Soffremos dos males que elle sabiamente aponta, principalmente porque nos falece o verdadeiro espirito da juventude. Tudo, no Brasil contemporaneo, se resente ainda dos prejuizos do passado. São velhos os homens que nos dirigem, os que fazem as leis, os que as executam, os que preparam a mocidade para a vida. Regemo-nos passivamente por formulas. De todos os povos, talvez seja o brasileiro aquelle que mais acredita nos postulados escriptos. Temos, por exemplo, uma Constituição viciosa, imitada, que se adapta mal ás necessidades administrativas e economicas do paiz. Todos sabem disso, todos clamam contra isso, mas, por fim, respeitamos as normas imprestaveis como um tabu'. Na arte, na literatura, na cultura geral acontece mais ou menos o mesmo. Os nossos maiores homens se formaram na escola do autodidatismo. Aprenderam aos bocados, sem methodo, ás vezes em autores de doutrinas oppostas. Aprenderam custosamente, portanto, malbaratando um tempo em taturas inuteis.

O autor de "Apparencias e Realidades" viu o nosso problema fundamental com perfeita lucidez. Não creio, todavia, que as proximas gerações nos dêem frutos sazonados. O que se passa aqui, egualmente se verifica na Argentina. Agora mesmo, o sr. Manuel Gálvez, em "La Tragedia de un Hombre Fuerte", põe em fóco e ventila theses semelhantes ás que versa no seu livro o nosso brilhante ensaista. A exemplo dos argentinos, vivemos em um meio variavel, mas de tanta multiplicidade que não temos coragem nem preparo sufficiente para enfrontal-o. As raças latino-

americanas são dcentes de imaginação. Improvisadoras, por vicio e natural pendor, vão resolvendo as suas questões mais sérias ao sabor dos caprichos momentaneos. Caracteriza-nos um cansaço precoce, uma insidiosa melancolia de viver, agravada pelos systemas de educação moral e intellectual predominantes em nosso continente.

As nossas creações, por isso, não têm frescura nem espontaneidade. Somos inveterados criticos, no peor sentido da palavra. A timidez aggressiva do caboclo aponta a cada passo, a timidez e a indolencia das raças opprimidas. Os conselhos do sr. Gilberto Amado são já um producto da nova intelligencia do Brasil. Intelligencia que tem fé. Intelligencia que se fará, amanhã, ousadia, para vencer.

Ronald de Carvalho.

("O Jornal").

BENJAMIN DE GARAY

A Academia Brasileira de Letras, por moção apresentada pelo sr. Coelho Netto, tributou uma significativa demonstração de sympathia ao sr. Benjamin de Garay, conhecido escriptor argentino que ha tempos reside entre nós e que se consagrou á tarefa de traduzir para o seu idioma as nossas melhores obras.

Fundamentando a sua proposta o sr.

Coelho Netto salientou com phrases ardentes e entusiasticas a actividade do sr. Garay, mostrou a sua importancia e os titulos que o intellectual argentino tem á gratidão dos brasileiros, e instou para que fosse convidado a participar da mesa directora dos trabalhos daquela sessão o sr. Garay alli presente, pois a sua qualidade de collaborador efficiente da Academia, na propaganda da nossa cultura no exterior assim o impunha.

Approvada a moção por unanimidade foi o sr. Benjamin de Garay convidado a tomar parte no mesa, e ao agradecer a prova de apreço da mais alta corporação literaria do paiz, num interessante e expressivo improviso, referiu-se á missão que na Argentina estava desempenhando no momento a senhorita Margarida Lopes de Almeida expondo á admiração da sociedade de Buenos Aires a cultura literaria do Brasil, gesto esse, que para bem da aproximação intellectual dos dois povos deveria ser com frequencia imitado tanto aqui como no Prata, "evitando desse modo, o triste e perigoso desconhecimento em que temos vivido argentinos e brasileiros, para dar logar a receios e desconfianças que estorvam a harmonia do continente."

Terminada a rapida oração do sr. Benjamin de Garay, sob o applauso unanime dos academicos, o sr. Filinto de Almeida proferiu uma commovida saudação á intellectualidade argentina.



DEBATES E PESQUIZAS

A PESQUISA DA PATERNIDADE PELO OSCILLOPHORO DE ABRAMS

Lemos no Canto I da *Odysseia* de Homero:

"Penelope, minha mãe, (cuja virtude ninguem contesta) afirma que sou filho do meu pae Ulysses; quanto a mim, nada sei."

Ora, d'ahi se conclue que, 900 annos antes da era christã, já se considerava problema difficilimo a pesquisa da paternidade.

Entretanto, parece que a Sciencia acaba de descobrir-lhe o X.

As ultimas revistas norte-americanas andam a trombetear a noticia estupenda de haver o Prof. Albert Abrams inventado um aparelho, por meio do qual se consegue determinar, com exactidão, a paternidade.

O ciado Prof., ex-cathedratico de *Pathologia Geral da Universidade de Stanford* (S. Francisco da California); actual director do *Physico-clinical Institut*; autor laureado de notaveis tratados de alta medicina, como sejam *New Concepts in Diagnosis and Treatment* (1916); *Spondylotherapie* (1918); *Clinical Diagnosis* (1919); descobridor dos reflexos visceraes que lhe trazem o nome, e são hoje citados em todos os compendios de diagnostico, de ha muito, logrou alcançar grande fama universal.

Não é portanto um charlatão, cuja palavra mereça o desdem dos cultores das Sciencias medicas.

Mas, tratemos da grande descoberta.

Até bem pouco tempo, curiosissimas formas de energia, embora de ardua averiguação, eram suspeitadas pelos physiologos.

Ainda não se havia conseguido, em virtude de falta absoluta de aparelhos detectores apropriados, objectivar as manifestações omnimodas de taes forças.

Com o auxilio, entretanto, dos reflexos visceraes, cuja sensibilidade é realmente extraordinaria, já podiamos apreciar-as.

Mas, isto ainda não era sufficiente.

Abrams, após tenacissimas investigações, conseguiu demonstrar, com uma serie de aparelhos simplesmente physicos, dentre os quizes o *Oscillophoro*, a existencia de ineditas e maravilhosas modalidades da energia vital.

O *Oscillophoro*, inventado ha cerca de dois annos, é constituido por uma serie de pendulos exploradores, sensibilizados por diversas cargas de energia, correspondendo a certas e determinadas vibrações electrotonicas.

Colocado o producto que vae ser examinado sobre o electrodio condensador do referido aparelho, immediatamente, um dos pendulos começa a vibrar e a oscillar, no caso de haver sido sensibilizado pelas vibrações que correspondam de modo exacto ás vibrações do producto em questão, isto é, quando estiver carregado de uma forma de energia identica.

Por exemplo:

Um pendulo, sensibilizado pela energia electronica do sangue de um individuo, só poderá oscillar e vibrar, com certa e determinada amplitude, em presença do

sangue desse mesmo individuo ou de um filho seu.

Não teria certamente provocado nos centros scientificos tamanha sensação a descoberta de Abrams, se por acaso viesse rotulada de accordo com o criterio vulgar das reacções serologicas, agglutinantes, cadeias lateraes de Ehrlich, etc.

Mas, tudo aqui é insophismavelmente inédito.

No dizer do celebre Prof. yankee, o phenomeno não passa de uma questão de homo-oscillação ou de interferencia; ou, conforme alvitra o notavel physiologo francez J. Regnault, (Prof. da *Escola de Medicina Naval de Toulon*) constitue função de homo-resonancia.

Cumpre notar que o *Oscillophoro* deve ser sempre orientado em relação ao meridiano geomagnetico.

Em vista de serem diminutissimas as oscillações pendulares, só as conseguimos observar por meio de um microscopio.

Não ha negar que semelhante descrição resulta um tanto obscura e incompleta, pelo facto da propria complexidade de mechanica do aparelho, que ainda não está exposto á venda.

Recentemente, o juiz Thomas Graham baseiou a sua sentença, de accordo com o exame pericial oscillographico do sangue de uma creança, cuja filiação era posta em duvida; e outros muitos magistrados norte-americanos assim têm procedido.

Um dos ultimos numeros da importante revista *Physico-Clinical Medicine*, fundada e dirigida pelo Prof. Abrams, insere excellento estudo a respeito. (N.º 1, Vol. VI, Set. 1921, pag. 2).

Não trepidamos em afirmar que a nova descoberta do genial investigador vem rasgar vastissimos horizontes não só no dominio das sciencias biologicas, senão das sciencias medicas, physico-chimicas e juridicas.

Será, de facto, mais um triumpho inaudito da theoria electronica, hoje em fóco em todos os laboratorios de Biologia experimental.

Já tive ensejo de tratar de tal assumpto num trabalho, sob o titulo — *Os reflexos electronicos de Abrams* (Brasil-Medico; N.º 24, de 12 de Junho de 1920, pag. 367-374), despertando a preciosa attenção da classe medica brasileira, especialmente

de collegas da ordem dos professores Garcez Froes, Prado Valladares e Sabino Silva.

Abolida, como imprestavel velharia, a doutrina cytologica, e substituida pela doutrina electronica, muito mais logica, que nos demonstra serem os phenomenos vitaes, na realidade, dynamicos e as acções biologicas legitimos processos e não méras estruturas, devemos concluir que todos os grandes problemas da Medicina jamais poderão ser resolvidos, quando divorciados dos progressos das sciencias physico-chimicas.

—
Talvez, dentro em pouco, o corriqueiro axioma juridico: "*Is est pater quem nuptiae demonstrat*", assim se transforme: "*Is est pater quem Oscillophoris demonstrat*".

Mas, Senhor Deus! que revelações catastrophicas, se todos os individuos se lembrarem de investigar a sua exacta filiação!

EGAS MONIZ

(Prof. da Faculdade de Medicina da Bahia).

O METHODO POLICIAL DE SHERLOCK HOLMES

A logica de Sherlock

O sr. Edmond Locard, director do Laboratorio de policia technica de Lyon, França, tornado celebre em nosso paiz pela pericia executada em documentos cuja authenticidade se discutia como a propria salvacão da Republica, publicou sob o titulo acima uma serie de estudos na "*Revue Hebdomadaire*", de Paris, da qual extrahimos o capitulo abaixo:

"Assim como escreveu brochuras sobre as cinzas de charutos ou rastros de passos Holmes compoz um tratado de logica, sob titulo um pouco vago de "*Livro da vida*." "O auctor dessa obra — diz-nos Watson — procura pôr em destaque todo o proveito que um homem verdadeiramente observador pode tirar dos acontecimentos quotidianos, passando-os cuidadosamente pelo crivo de um exame judicioso e methodico. A expressão surprehendida num instante em uma face, a contracção de um musculo, o contrahir de um olho bastam para revelar os pensamentos mais



secretos de um individuo. Quem quer que possua certos habitos de observação e analyse não pode enganar-se e deve chegar assim a conclusões tão mathematicas como as de Euclides em seus celebres theoremas. Quando encontramos um homem é preciso que um só relance de olhos baste para nos revelar a sua historia, o seu officio, a sua profissão. Esse exercicio é necessario e, tão pueril quanto possa parecer, aguça em nós todas as faculdades de observação e nos ensina aonde e como devemos dirigir os nossos olhares. Examinae, pois, as unhas, as manchas da roupa, o calçado, as deformações soffridas pelas calças nos joelhos, as callosidades do pollegar e do index, a expressão do semblante, os punhos da camisa; e tereis com isso tantos indícios que vos permitirão conhecer a fundo tudo o que concerne ao individuo que assim tereis esquadriado."

Com um conjuncto de observações muito simples, Holmes diz qual é, em um momento dado, o pensamento de um individuo e estabelece por um processo analogo a sua identidade. Para a primeira operação, observará o jogo physionomico e os gestos; para a segunda, os pormenores da roupa.

As conclusões serão claras e certas.

Esse mesmo methodo, transportado para o inquerito policial, permittir-lhe-á estabelecer a identidade do criminoso segundo os seus traços.

Escolhamos alguns modelos dessas diversas operações.

Leitura do pensamento

"Assim, Watson — diz de repente Sherlock — não tendes a intenção de empregar dinheiro em valores sul africanos?" E, como Watson se admira: "Realmente, não é difficil, examinando o espaço que separa o vosso pollegar do index, chegar á certeza de que não tendes a intenção de arriscar o vosso pequeno capital nas minas de ouro. Eis os aneis que faltam a essa cadeia tão simples. 1.º) Hontem á noite, á volta do club, tinheis signaes de giz entre o index e o pollegar da mão esquerda; 2.º) é ahí que se colloca o giz para fazer girar o taco do bilhar; 3.º) não jogaes bilhar nunca sinão com Thurston; 4.º) disseste-me, ha quatro mezes, que Thurston possuia renda sobre proprieda-

des da Africa do Sul e que expirando em um mez o prazo para a resposta, elle vos tinha convidado a partilhar com elle; 5.º) vosso caderno de cheques está fechado em minha gaveta, da qual não me pedistes a chave; (6.º) não tendes, portanto, a intenção de arriscar o vosso dinheiro nesse negocio."

Esse caso é simples e mais divertido que profundo. Eis aqui um mais delicado; Watson seisma em sua poltrona. Subito, diz-lhe Sherlock:

"Tendes razão, Watson, é essa uma maneira absurda de dirimir uma questão..."

— Que quer dizer isso, Holmes? Como lestes os meus pensamentos?

— Vou dizer-vos. Depois de ter atirado o vosso jornal, acção que chamou a minha attenção, tivestes uma expressão vaga, durante meio minuto apenas. Depois os vossos olhos se fixaram em um quadro, enquadrado de novo, do general Gordon e eu vi na mudança da vossa physionomia que uma serie de reflexões se succediam no vosso espirito; mas isso não vos levou longe. Vosso olhar se voltou então para o retrato não emoldurado de Henry Ward Beecher, que está collocado em cima dos vossos livros. Em seguida olhastes a parede; nesse momento pensaveis que, si o retrato estivesse no quadro, preencheria exactamente o espaço vago e estaria em correspondencia com o quadro do Gordon... O vosso pensamento se dirigiu então para Beecher e attentamente o olhastes como para adivinhar o seu character pela physionomia. De repente, cessastes de contrahir os olhos mas continuastes a observar o retrato com ar preocupado. Evidentemente, nesse momento recordaveis os incidentes da carreira de Beecher. Eu estava, pois, certissimo que pensaveis na missão que elle empreendeu por conta dos Estados do Norte, porque, tendo-vos ouvido exprimir a vossa indignação contra a maneira pela qual fóra elle recebido, eu sabia que não podieis separar essas duas ideas. Quando, um momento depois, vi que deixaveis de olhar o retrato, supuz que o vosso pensamento se reportava á guerra civil. Nesse momento, o vosso semblante se obscureceu e puzestes-vos a sacudir a cabeça; pensaveis, certamente, nas tristezas e nos horrores da guerra, nesse inutil esbanjar de vidas humanas. Collocas-

tes a mão em vossa antiga ferida e o sorriso que se esboçou em vossos lábios disse-me que reflecteis nesse absurdo systema que consiste em resolver pelas armas as maiores questões internacionaes. Concordei convosco em reconhecer que esse processo é monstruoso e me sinto feliz em verificar que todas as minhas deducções eram absolutamente justas."

Identificação pela roupa

Esse mesmo methodo que permite a Holmes conhecer o pensamento pelos signaes exteriores, esclarece-o *a fortiore* e mais utilmente ainda sobre a profissão, a posição social e o passado de um individuo pela observação de pormenores que escapam aos não iniciados. Essa operação é talvez a mais notavel das que Sherlock pratica; é, sem duvida, a que mais choca os leitores e os admiradores de Conan Doyle.

Holmes vê um individuo e declara: "É um antigo soldado, recentemente licenciado; serviu nas Indias como sub-official da artilharia real, é viuvo com filhos." E explica: "Certamente, não é difficil capacitar-se que um homem com um ar tão autoritario e uma tez tão bronzeada pelo sol é um soldado e não um civil, e um soldado que vem das Indias. Acaba de deixar o serviço, pois ainda usa calçado da ordenança; não tem andar de cavalheiro e entretanto a pelle da fronte, mais queimada de um lado que do outro, prova que usava chapéu posto de travez na cabeça; seu peso impede-o de ser um sapador; portanto, só pode pertencer á artilharia. Além de tudo, o seu luto indica que perdeu algum parente muito proximo, provavelmente a mulher, porque elle mesmo faz as suas compras; são brinquedos de criança o que elle leva: vêde este chocalho; sua mulher devê ter morrido de parto. Enfim, o livro de figuras que leva na mão me prova que elle é pae de varios filhos."

É maravilhoso; um pouco fragil talvez; porque, enfim, o soldado poderia estar de luto pela mãe e comprar os brinquedos para os filhos de um amigo; a mulher poderia morar no campo e tel-o encarregado das suas compras. Mas é extremamente seductor.

Um desconhecido entra em casa de Holmes para consultal-o: — "É eviden-

te — exclama logo o detective — que numa epoca qualquer de sua vida o sr. se occupava com trabalhos manuaes; é maçõ, esteve na China, escreveu muito nestes ultimos tempos." O cliente pula. "Isso salta aos olhos, caro senhor, prosegue Holmes; a vossa mão direita é sensivelmente maior que a esquerda, prova de que os musculos se desenvolveram pelo trabalho. A despeito de todas as regras da vossa associação, vós usaes as suas insignias, o triangulo e o compasso, no alfinete da gravata, tendes na manga direita uma marca brilhante, de tamanho de cinco pollegadas e, na esquerda, uma prega no logar em que o cotovelo repousa na mesa. O peixe tatuado exactamente acima do pulso direito só o poderia ter sido no Celeste Imperio; esse colorido roseo de escamas de peixe é absolutamente peculiar á China. Vendo, ademais, essa moeda chinesa, á maneira de berloque, na vossa corrente de relógio, parece-me que não é preciso ser feiticeiro para dizer que estivesstes naquelle paiz." Tudo isso é inatacavel, ainda que eu ouse, talvez, notar que as tatuagens indicam antes a identidade de quem as fez do que a de quem as apresenta; todos os dias vemos operarios que têm nos braços desenhos representativos das companhias de disciplina; é que elles se confiaram a artistas que aprenderam além-mar.

Uma senhora acaba de sentar-se no gabinete de Holmes; antes que ella tenha dito uma palavra, declara-lhe elle: "Dada a vossa myopia, a machina de escrever deve fatigar-vos." Ella o reconhece e se admira. A sua estupefacção redobra quando Holmes accrescenta: "Dizei-me, pois, porque sahistes de casa com tal afobamento?" Mais tarde, elle explicará a Watson: "Acima do punho, havia na manga a dupla linha que se forma, quando escrevendo á machina, se apoia a mão na mesa. O mesmo signal existe na manga das pessoas que cosem a machina de mão; mas, então, só se assignala o braço esquerdo, isso mesmo do lado opposto ao pollegar. Além disso, observando o seu rosto, notei no nariz o signal dos oculos; esta observação, junto á outra, me permitiu falar na myopia e na escripta á machina, com grande espanto da rapariga. Outra observação me pareceu digna de interesse: é que estivessem desemparcei-

radas as botinas da moça, sem que fossem absolutamente dissemelhantes, tendo uma o bico pontilhado e outra o bico liso. E' admiravel que uma rapariga cuidadosa saia com botinas desparelhadas, a não ser que haja sahido precipitadamente?"

Este genero de raciocinios surprehendeu de tal modo os leitores de Conan Doyle que delle se fizeram immensas applicações, geralmente comicas. Quem não se lembra do ineffavel commissario Blond, em "Le Roi", dizendo á creada: "Vós sois sensual, nunca estivemos na Dinamarca e vós não sabeis jogar bilboquet." E' que, com effeito, as affirmações tiradas dos signaes exteriores não são mais que provaveis e, quando quem as aventura não tem o genio de Holmes, arrisca-se a confusões comicas. Quando os deducções são exactas, maravilham aquelle a quem se dirigem e adquirem a sua confiança. Lembro-me que obtive confissões de um mocinho ladrão, só com dizer-lhe, á vista da ponta de seus dedos, que elle urinava na cama. Os seus desenhos digitaes eram, com effeito, de um typo degenerativo que permittia pensar que o seu portador era um epileptico. O meu joven interlocutor ficou de tal maneira estupefacto com uma descoberta operada por via tão imprevista para elle, que já não ousou esconder-me nada. Esse meio de seducção age fortemente sobre aquelles que não lhe conhecem o mecanismo: *omne magnificentum pro ignoto*. Mas é uma arma de dois gumes e Sherlock é o unico que, manejando-a, nunca se engana, porque esse é o prazer do romancista.

Descrição do proprietario pelo estudo de um objecto achado

E' ainda um dos triumphos de Holmes. Dado um objecto, observa nelle caracteres que lhe fazem conhecer muitas particularidades daquelle que o possuiu. Citarei tres exemplos, um cachimbo, um chapéu e um relógio.

Um visitante esquece o seu cachimbo em casa de Holmes: — "Este homem, affirma o detective, deve estimar muito o seu cachimbo: elle é vigoroso, é canhoto, tem dentes excellentes, é negligente e possui fortuna que o põe ao abrigo das economias." Como Watson lhe pede as premissas dessas conclusões: "Este cachimbo deve ter custado 6 shillings e meio e

foi concertado duas vezes, por meio de um circulo de prata que teria custado mais que o proprio objecto; este homem, deve estimar muito o seu cachimbo, pois que, a igual preço, prefere concertal-o a comprar um novo. Tem o habito de accendel-o a uma lampada e a um bico de gaz. Olhae: está todo queimado num dos lados e, seguramente, isso não é resultado do phosphoro. De que serviria pôr um phosphoro de lado do cachimbo? Ao mesmo tempo, é certo que não se pode accender um cachimbo a uma lampada sem queimar-lhe o bordo. E' o lado direito que está queimado, donde concluo que o possuidor é canhoto. Em seguida, encontro o signal dos dentes no ambar: é preciso que o nosso homem seja energico, musculoso e dotado de bom maxilar para chegar a esse resultado. Emfim, isto é mistura de Grosvenor, a 18 soldos a onça; como poderia prover-se de excellente fumo pela metade desse preço, é evidente que elle não está na necessidade de fazer economias."

Outra vez, Holmes estuda um chapéu perdido. "E' evidente, diz elle, que o possuidor deste chapéu era extremamente intelligente e que, nestes ultimos annos, se achou numa situação que de folgada se tornou difficil. Elle foi previdente mas hoje o é muito menos; é a prova de uma regressão moral que, com o declínio da fortuna, parece indicar algum vicio, provavelmente a embriaguez. Isso explica, sufficientemente porque sua mulher já não o ama. Conserva, entretanto, certa respeitabilidade. E' um homem de meia idade que leva uma vida sedentaria, sae pouco, não faz nenhum exercicio. Os seus cabellos grisalhos cortados de pouco, empasta-os com cosmeticos. Esquecia-me de acrescentar que provavelmente não ha gaz na casa em que elle mora." Eis as conclusões. Holmes restabelece em seguida, para Watson, os estadios intermedios da inferencia: "Um homem que tem um craneo tão volumoso deve ter faculdades extraordinarias. Este chapéu tem tres annos; ora, então, estas abas ligeiramente recurvas estavam na moda. E' um chapéu de primeirissima qualidade. Vede a fita que o cerca e o forro cuidado. Si este homem, ha tres annos, tinha com que comprar um chapéu desse preço e depois não o teve para outro, concluo que a sua

situação é hoje peor. Eis a explicação da sua providencia: este pequeno disco e o anel destinados ao cordão do chapéu; isto só se colloca sob encomenda e si o homem mandou pôr o cordão por precaução contra o vento, prova isso que é previdente. Verifico, entretanto, que, gasto o cautchuc, não se deu elle ao trabalho de o substituir, donde deduzo que é menos previdente agora do que dantes, prova de enfraquecimento de suas faculdades. Mas resta-lhe ainda um certo sentimento de respeitabilidade, porque procurou dissimular as manchas do seu chapéu, borrando-as com tinta. Accrescentei que elle é de meia idade, que seus cabellos são grisalhos, que os cortou recentemente e que usa pomada; podeis convencer-vos disso como eu, examinando o forro; a carneira apresenta muitas pontas de cabellos, evidentemente cortados por um cabeleireiro, desprende-se delles um odor de banha e estão collados juntos. Emfim, esta poeira, longe de ser arenosa e cinzenta como a da rua, é escura e como a que se ergue em casa; este chapéu está, pois, pendurado muito mais tempo do que em uso e os signaes de bolor que eu noto dentro me provam que a pessoa que o occupa não está habituada ao exercício, pois transpira tão facilmente. Sua mulher já não o ama, pois, ha muitas semanas que este chapéu foi escovado. Emfim, ha cinco manchas de vela; é evidente que a pessoa em questão habitualmente se serve desse meio de iluminação."

E' admiravel de começo a fim, com ligeiras reservas e não esquecendo que se trata de probabilidades e não de certeza.

Mas ha melhor ainda. Watson mostra a Holmes um relógio que herdou de seu irmão. Holmes examina o relógio e diz: "Vosso irmão era um homem descuidado, desordenado. Tinha o futuro garantido mas não soube aproveitar-se disso. Passou uma parte da vida na miseria, conhecendo de tempos a tempos dias melhores. Afinal, entregou-se á bebida e morreu. Eis a que se limitam as minhas descobertas. — Por que milagre descobristes o que acabaes de dizer? Não vos limitastes, entretanto, a adivinhar? — Não, não, eu não adivinho nunca. Isso é um habito de testavel que destroe toda a logica. Attendei; eu vos disse primeiro que o vosso

irmão não tinha cuidado nem ordem. Olhae bem a cobertura: vereis que está toda riscada, o que prova o habito de pôr no mesmo bolso objectos duros como moedas ou chaves. Não é preciso ser muito esperto para concluir que um homem que faz isso como um relógio de cinquenta luizes não tem muita ordem. E' mais difficil deduzir que o herdeiro de um objecto deste valor estava numa situação prospera? As casas de prego fazem gravar no interior dos relógios que se lhes confiam o numero do recibo que dão em troca. Ora, não ha menos que quatro numeros desse genero na face interna da cobertura, prova de que o vosso irmão se achava muitas vezes em situação precaria, mas prova tambem de que elle tinha, de vez em quando, dias de melhor sorte. Emfim, vêde a cobertura interna, com mil arranhaduras produzidas pela chave nos buracos destinados a ella. Todos os relógios pertencentes a bebados têm signaes semelhantes."

Podia-se dizer que as arranhaduras não são uma presumpção muito segura em favor do alcoolismo; o tremor senil, os de varias lesões nervosas, a esclerose ou a tabes poderiam ser a sua causa. Mas tudo o que respeita aos emprestadores sob penhor é a propria sabedoria.

Taes methodos de raciocinio applicados aos inqueritos criminaes fornecerão a Holmes resultados maravilhosos. Em uma casa onde um secretario foi encontrado morto, ferido por instrumento perfurante, Sherlock descobre um "lorgnon" perdido pelo assassino. Do exame desse objecto tira as seguintes conclusões: — "E' preciso procurar uma mulher bem vestida, de nariz grosso, olhos muito proximos um do outro, pestanejadores, de fronte enrugada; as espauas sem duvida são curvas; duas vezes, pelo menos, recorreu aos serviços de uma casa de optica." Essas indicações decorrem logicamente dos seguintes factos: este "lorgnon" é elegante, tem a mola de ouro, o afastamento das lentes uma da outra é grande (nariz grande) os vidros são inteiramente concavos (myopia, portanto, rugas na testa e provavelmente dorso curvo) a cortiça apresenta concertos (visita á casa de optica).

Eis ahi um modelo de raciocinio em que os policiaes verdadeiros encontrariam inapreciavel exemplo.

IV Raciocinio segundo os signaes deixados no local do crime

Insisti longamente sobre as operações que precedem, para resaltar em sua forma elementar o methodo logico de Sherlock. Compreende-se agora como elle opera nas verificações criminaes. Munido dos resultados da operação praticada, seguindo uma technica, que nos é conhecida, remonta dos factos ás causas, ou dos signaes ao criminoso.

O seu primeiro principio é partir de uma base solida: enquanto não conta com factos garantidos, patentes ou verificados, evita raciocinar, pois a inferencia teria premissas instaveis. Ao começo de um trabalho, pergunta-se-lhe o que pensa: *I suspect myself... — What? — Of coming to conclusions too rapidly!* Quem pretende conhecer as causas, sem remontar a ellas, seguindo as regras de uma logica rigorosa, *adivinha* e só os imbecis adivinham.

Entre os factos estudados, Sherlock preferirá os mais extranhos; quanto mais extravagante é uma coisa, menos é mysteriosa.

"Um phenomeno absolutamente normal provém de causas communs, banaes, portanto, difficéis de discriminar. Em casos de aspecto extraordinario, a reflexão por si dá a chave do problema, porque os factos só se podem explicar de uma maneira: não ha logar, então, nem para inquerito, nem para investigação de traços; basta que eu me assente sobre cinco almofadas e fume uma onça de fumo."

Pode acontecer, ao contrario, que nenhuma solução seja evidente; não se deve então receiar de recorrer á imaginação e construir uma hypothese que em seguida se verificará pelo exame aprofundado dos signaes perceptíveis. A melhor das hypotheses é a que se constróe pondo-se em mente no logar do criminoso, com a condição que se possa apreciar ou que se

conheça o grau de sua intelligencia.

O raciocinio de Holmes consiste, pois, em subir dos factos observados á sua causa; é um raciocinio analytic. Explica-o elle mesmo muito bem: Tomae alguém a quem expondes uma successão de factos, saberá sempre adivinhar o que produziram, porque depois de os ter coordenado no espirito, terá visto a que conduzem. Mas quando só se apresenta o resultado, poucas fendas encontram recursos para reconstituir as diferentes etápas que precederam e occasionaram o acontecimento final. Eis o que entendo como raciocinio pelo avesso ou analytic." O processo da analyse, isto é, partindo dos effeitos conhecidos para a causa ignorada, é o raciocinio proprio do methodo policial.

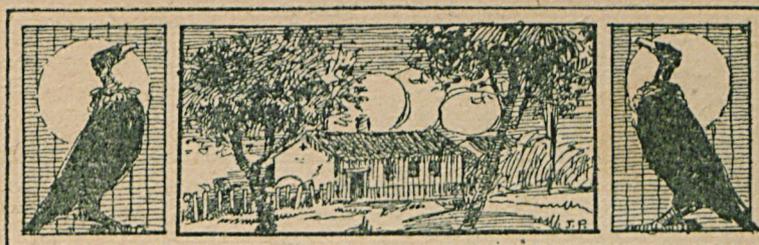
ANTONIO CONSELHEIRO EM 1874

Que seria Antonio Conselheiro 20 annos antes da destruição de Canudos?

"A Provincia de S. Paulo", a 14 de julho de 1876, transcrevia do "Diario da Bahia", uma noticia que nos esclarece a respeito. Referia essa folha que Antonio Maciel, conhecido pelo nome de Antonio Conselheiro, havia mais de dois annos apparecera nos sertões do Norte da provincia, onde, com seus costumes asceticos e exterior mysterioso, se impunha ás massas, arrastando-as a tudo. Usava barba crescida, vestia tunica de azulão e alimentava-se pouco. Ao seu majdo, reconstruiu-se a capella da Rainha dos Anjos, do Itapicurú, além de outras. Varios cemiterios tambem foram construidos por sua influencia. O mesmo fanatismo que inspirava nessas obras pias, levava o povo a actos de selvageria.

Por esse motivo, foi-lhe dada ordem de prisão. Não se rebelou, nem resistiu. Ao contrario, apresentou-se á auctoridade, em Itapicurú, onde foi preso.

O povo o acompanhou, só se dispersando a instancias suas.



NOTAS DO EXTERIOR

A SABEDORIA DE GOETHE

Quando se tenta definir a personalidade de Goethe verifica-se logo que elle é em primeiro logar *artista* e artista *appollineo*. Sua aptidão fundamental é reflectir o universo com maravilhosa fidelidade sob todos os aspectos, tanto o mundo das formas como o das cores. "Os olhos — escrevia elle em um trecho celebre de *Poesia e Verdade* — eram, antes de qualquer outro, o organo com que eu entrevia o mundo." Affirma-se como artista eminentemente visual, acostumado desde a infancia a fixar os objectos com minuciosa attenção, a ver em toda a parte quadros, a retel-os na imaginação, cultivando em seguida, systematicamente, esse dom natural, esforçando-se para reflectir o universo com absoluta pureza, para recolher sem alteração nem deformação alguma as imagens que se formavam na retina, para deixar "ser luz o seu olhar", segundo a sua bella expressão. E' facto bem conhecido que essa aptidão excepcional para receber e reter bellas visões o fez hesitar muito tempo entre a pintura e a poesia. Foram-lhe precisos longos annos para se capacitar de sua incapacidade para adquirir a technica do pintor ou do escultor, para comprehender que a sua mão não estava em estado de realizar o que via a sua imaginação creadora. Mas a inferioridade certa e irremediavel do seu *métier* não nos deve levar a duvidar do seu genio visionario. Nunca saberemos o que Goethe poderia ter feito como pintor, se nelle o artifice tivesse estado á altura do artista. Em todo caso, não temos o direito de julgar-o nem segundo os seus ensaios informes, nem conforme as suas theorias de arte, nem segundo o frio academismo dos pintores que imitaram o antigo, no começo do seculo XIX. Si queremos imaginar o que teriam sido as suas visões, esforcemo-nos para realizar em ideia as composições — a certos respeitoes romanticas e quasi boklinianas" — que evocam, por exemplo as descripções da noite classica das Walpurgias ou a Ascenção de Fausto. E' a unica maneira de se imaginar o que Goethe teria produzido, se lhe succedesse manejar o pincel como manejava a penna.

Per-se-ia revelado a Goethe o mundo dos sons com a mesma intensidade que o das formas e o das cores? E' certo que a inaptidão de Goethe para assimilar a technica da arte musical é mais evidente ainda que para a pintura. Mas si se pensa no instincto rythmico maravilhoso que a poesia de Goethe revela, no senso admiravel da euphonia que apparece em toda a sua obra, si se percorrem os pensamentos que Goethe formulou sobre a arte musical, si se attenta no facto de que Goethe toda a vida procurou um collaborador musico capaz de realizar as suas intenções, si



se observa que elle teve consciencia nitidamente do partido que se poderia tirar da alliança da musica com a palavra, a gente é levada a crêr invencivelmente que não se lhe poderia negar mais a aptidão dyonisiaca, que elle teria tido o instinto profundo e a necessidade intima da musica. E' claro que as producções dos seus amigos e colaboradores occasionaes Kayser ou Zelter não eram de maneira alguma adequadas ao que elle sonhava: seria necessario um genio muito differente do delles para realizar as "symphonias" que pede irresistivelmente tal scena do segundo Fausto, como a Festa do Mar, ou a apothose final do Fausto.

Artista apollinico e dyonisiaco, Goethe é, ao mesmo tempo e no mesmo grau, homem de sciencia.

Nós temos o habito de estabelecer uma differença nitida entre a visão artistica e a visão scientifica. Uma tem o seu principio na sensibilidade, outra na intelligencia. Uma tem por fim a creação da belleza, outra a producção da verdade. Uma é sobretudo subjectiva, outra tem um valor objectivo. Ora, essa distincção nitida, que costumamos estabelecer, se apaga ou em todo caso se attenua singularmente em Goethe. Entre a belleza e a verdade, não ha para elle opposição, mas sinão identidade, ao menos continuidade. O verdadeiro não resulta exclusivamente da contemplação passiva do objecto, não é uma representação extrictamente adequada da realidade, não tem sua fonte unicamente na experiencia. Para que verdadeiramente haja conhecimento scientifico seria preciso que da *experiencia* jorrasse a *idea* que é uma obra do espirito e que se impõe á realidade; a verdade e assim ao mesmo tempo imagem do objecto e creação do sujeito, reflexo da multiplicidade illimitada do real e producto da livre actividade do espirito que, por uma simplificação ousada, *cria* a unidade na multiplicidade e torna intelligivel o chaos do real. — E a arte por seu lado, não é uma ficção arbitraria do sujeito. Tem a sua base necessaria como a sciencia, na pura visão do real. Existe uma parte de "poesia" no conhecimento scientifico como existe uma parte da "verdade" na ficção poetica. Goethe não vê, pois, nenhuma discontinuidade entre a sua actividade de naturalista e a sua actividade de poeta. Como artista e como homem de sciencia esforça-se igualmente por discernir o "typico". A sciencia e a poesia não são para elle sinão duas manifestações absolutamente visinhas desse jogo de acções e reacções entre o sujeito e o objecto que constitue o fundo de toda a actividade humana. Quando vemos Goethe reunir a investigação scientifica á producção litteraria, não se imagine que se effectuou um desdobramento do seu ser: elle é elle proprio, inteiramente, seja criando como poeta representações altamente typicas da sua vida humana, seja procurando, como naturalista, elevar-se até a contemplação dos "typos" ou dos "phenomenes primordiales".

Assim como ha para Goethe continuidade entre a verdade e a belleza, entre a sciencia e a poesia, ha continuidade tambem entre a contemplação e a acção. Não admite que possa haver opposição entre a theoria e a pratica, entre a actividade desinteressada e o ideal do poeta ou do sabio e a actividade interessada e material do cidadão util. "Como — pergunta elle. — se pode aprender e se conhecer a si mesmo? Pela contemplação, nunca, mas pela acção. Procura cumprir o teu dever e logo saberás quem és." Não ha solução de continuidade entre o pensamento e a vida. A acção é o complemento necessario da contemplação. O conhecimento só é verdadeiro emquanto é fecundo e se prolonga pela actividade pratica. "Só é verdadeiro o que é fecundo." Fausto, chegado ao termo de sua carreira, descobre que a ultima palavra da sabedoria é a actividade limitada exercida em vista dum fim util á collectividade. Wilhelm Meister, cujo idealismo artistico confuso se oppunha em começo ao utilitarismo rasteiro, aprende finalmente que o individuo deve renunciar ao desenvolvimento completo do seu eu para se esforçar por integrar-se, como cidadão util, em uma sociedade harmoniosamente ordenada. E o proprio Goethe constantemente agiu na vida real segundo essa maxima. Não se contentou em ser um bello espirito, um sabio, um pensador. Esforçou-se tambem, muito consciencientemente, por fazer obra util. Como advogado, cortezão, ministro director de theatro, administrador, desenvolveu em todas as epochas da sua vida uma actividade pra-

tica e fecunda. E essa actividade não deve ser vista como um desvio de sua obra em sua existencia, nem como um passatempo, de diletante. Foi para elle uma necessidade vital a que obedeceu, não sem suspirar ás vezes, quando as necessidades materiaes se tornavam muito absorventes, mas á qual jamais procurou subtrahir-se, porque sentia muito bem que a acção pratica era tão indispensavel ao seu desenvolvimento harmonico como o esforço artistico ou scientifico.

Vê-se que, no todo, Goethe é exactamente o opposto desses talentos especializados, taes como os encontramos espalhados em innumerous exemplos, na epoca moderna e contemporanea sobretudo.

Só conhecemos hoje o homem parcial, o *Teilmensch* segundo a energica expressão allemã, no qual este ou aquelle elemento da personalidade teve um desenvolvimento anormal, ás vezes mesmo pathologico, enquanto as faculdades restantes se atrophiam mais ou menos completamente. Esses especialistas podem impôr-se pela virtuosidade prodigiosa que adquiriram em certa disciplina, pelo extraordinario poder que desenvolvem diante de um objectivo e em dado momento; e não se poderá contestar a sua utilidade social em uma epoca em que a divisão do trabalho se torna em todas as actividades humanas, uma inexoravel necessidade. Mas é difficil deixar de admitir que a personalidade, cujas energias estão todas harmoniosamente desenvolvidas, represente um typo superior. "O homem, diz Goethe, pode obter muito resultado com o uso apropriado de tal ou tal faculdade isolada; o extraordinario só conseguirá pela associação de varias faculdades. Mas o unico, o inteiramente inesperado, só poderá atingir pela união harmoniosa, em um conjuncto, de todas as suas energias." Goethe nos apparece como um desses seres de excepção, em que todos os elementos da natureza humana, a sensibilidade, a imaginação creadora, a razão, a vontade, a energia activa, o senso religioso se combinam em harmoniosas proporções. Artista, naturalista, cientista sabio é tudo isso ao mesmo tempo. Apesar da prodigiosa diversidade das suas occupações, a sua vida não se fracciona em uma serie de fragmentos isolados uns dos outros. Não ha disparates em sua vida nem em sua obra. Nada pode ser considerado como superfluo nem fortuito. Está inteiro em tudo o que faz e em tudo o que produz.

E' preciso avançar mais um passo para apprehender em toda a sua extensão essa noção de "totalidade" que forma o centro do pensamento goetheano. O homem — diziamos — deve esforçar-se por agir em todas as circumstancias por sua "totalidade". Não attingirá, por exemplo a verdade, sinão si, sem attender á divisão das faculdades em superiores e inferiores, olha o objecto não só com a sua sensibilidade mas tambem com a sua razão, com o *seu ser interior*. Mas isso mesmo não basta. Mesmo quando o individuo "total" olha o objecto, ainda só obtem uma verdade parcial. A verdade integral não é percebida sinão pelo genero humano, tomado em sua totalidade no tempo e no espaço. A verdade que percebemos pelas nossas faculdades isoladas é de ordem inferior em face da que percebemos por nosso eu total que é a synthese harmoniosa de nossas faculdades. Da mesma forma, a verdade apprehendida pelo individuo não é, por sua vez, sinão fracção infinitesimal da verdade apprehendida pela humanidade, synthese de todos os individuos. Devemos, pois, ter a consciencia de que *nossa* verdade não é sinão uma parte da verdade *total*; que ella precisa ser completada ou refutada por outras verdades individuaes. A illimitada tolerancia de Goethe tem origem nessa convicção profunda de que toda verdade individual não poderá ser mais que elemento de uma verdade supra-individual, universalmente humana, que o homem isolado não pode conquistar por si só, mas que resulta da cooperação do genero humano. Mas a humanidade, por seu turno, não é sinão um elemento da vida terrestre, a vida terrestre senão elemento da vida cosmica. De sorte que, de degrau em degrau, nós nos elevamos finalmente á noção duma verdade nua, "intemporal", imutavel, centro onde se conciliam, se completam, se harmonisam em um todo perfeito as verdades parciaes, individuaes, humanas, terrestres. E' para essa unidade que se esforça o pensamento de Goethe, que pretende saber tudo do multiplo como elemento e como symbolo dessa consciencia do Um, em que elle se acha.

HENRI LICHTENBERGER

(De "La Revue de Genève").



ACADEMIA FRANCEZA

A Academia Franceza, na segunda quinzena do mez passado, reuniu-se afim de proceder ás eleições para tres das suas cadeiras, que se achavam vagas.

A filha de Richelieu contava cinco "fauteils" disponiveis: o de Jean Aicard, o de Boutroux, o de Denys Cochin, o do Mgr. Duchesne e o de Paul Deschanel. As eleições do mez passado seriam, apenas, para os tres primeiros "fauteils".

A' vaga de Aicard haviam-se apresentado os srs. Porto-Riche, Abel Hermant, Madelin, Estauniou e B. Blanc. A' de Boutroux, os srs. Pierre de Nolhac, Emile Richet, de Launay, Emile Picard e P. Apell. E á de Cochin, os srs. Georges Goyau, André Rivoire, A. Poizat, Hugues Le Rouz e T. Martel.

Essa sessão da Academia despertava em todo Paris um fundo interesse. E' sabido que o sonho universal de todos os intellectuaes da França é pertencer á Academia. O desencantado e sceptico Renan dizia que, durante muito tempo, ainda, os unicos titulos capazes de conceder a celebridade ou o renome aos intellectuaes seriam os suffragios da Academia. E' o proprio Anatole France, que tem se rido de todas as fraquezas humanas, acceitou, na illustre e austera companhia, o "fauteil" que havia pertencido ao homem entre todos austero e illustre — o grande "perceur d'isthmes", Ferdinand de Lesseps...

A reunião em que seriam escolhidos os novos membros da Academia esteve concorridissima. Achavam-se "sous la coupole" 34 academicos. O numero dos 40 estava completo, pois se achavam vazias as duas cadeiras, ás quaes acima nos referimos, e que são as de Paul Deschanel e do Mgr. Duchesne. Além disso, Clemenceau ainda não tomou posse do seu "fauteil".

Anatole France compareceu á sessão. Desde muitos annos, o magico de "Thais" estava brigado com a Academia. Nos primeiros tempos da guerra, M. Bergeret, consentiu em ali apparecer. Estas pazes, porém, foram da mais ligeira duração, e logo depois o velho philosopho se afastou. Sómente agora, elle se permittiu o alto recreio de lá surgir, naturalmente para levar o seu voto ao seu grande amigo, o illustre Porto-Riche.

E' sabido que todos os paes têm uma especial fraqueza pelos filhos prodigos. Assim, não espanta que a Academia tenha pelo irreverente e raro Anatole France uma ternura de mãe commovida.

Perto da hora de eleição, começaram a chegar os immortaes. Primeiramente, Henri Lavedan a pé, solemne como um rei de opereta. Depois... o sr. Fulano, o sr. Sicrano, etc., etc... os trinta e poucos, em summa.

Começada a sessão, o secretario perpetuo, Frederico Masson, se ergue da sua cadeira e toma a palavra. Sua comunicação diz respeito a um outro problema interno da Academia: elle lê duas cartas — uma do sr. Gustave Guisles e outra do poeta Ferdinand Gregh, ambos se candidatando á cadeira de Deschanel.

Depois disso, começam os trabalhos das eleições. Primeiro, vae se proceder ao preenchimento do "fauteil" de Jean Aicard. Com esta cadeira já se deu uma coisa curiosa. E' que a Academia tentou duas vezes fazer a eleição, sem o conseguir nunca. Os votos se desesencontravam, pois os candidatos se achavam muito repartidos, no conceito dos eleitores. De sorte que todas as tentativas foram vãs. Agora pela terceira vez a coisa se repetiu. Correram as urnas cinco vezes, e os resultados foram insatisfatorios. A conclusão a que a Academia conseguiu chegar, após um trabalho insano, foi a seguinte: primeiro lugar, Abel Hermant; segundo, L. Madelin, o terceiro, Porto-Riche. Os votos todos que Hermant obteve, entretanto, não foram tantos que pudessem proclamar-o eleito. E a Academia, como é sábia e ama a prudencia, resolveu deixar para outra vez esse difficil caso.

Passou-se, então, ao "fauteil" Boutroux. Este foi preenchido sem difficuldade. Os suffragios indicaram o sr. Pierre de Nolhac, concedendo a segunda votação ao sr. Apell.

Veiu em seguida a eleição do substituto de Cochin. Tambem esta eleição não offereceu difficuldade, sendo escolhido o sr. Pierre Goyau. A segunda votação coube a André Rivoire.

Eleitos e proclamados os novos academicos, o presidente designou os seus padrinhos. Assim, o sr. Maurice Donnay recebeu a incumbencia de saudar o sr. Nolhae e o sr. Alexandre Ribot, a de receber o sr. Goyau.

Pierre de Nolhae nasceu em 1850, contando, assim, 63 annos de idade. Dedicando-se a estudos de varias ordens, elle foi, durante annos, membro da Escola franceza de Roma. Eis a lista de algumas de suas obras: "Le dernier amour de Ronsard", "Lettres de Joachin du Bellay", "Les peintures des manuscrits de Vergile", "Les correspondences d'Alde Manuce", "Erasme en l'Italie", "La Reine Marie Antoinette", "Le Virgile du Vatican", "Louis XV e Marie Leczinska", "Poemes de France et d'Italie", "Versailles et Trianon", etc.

Quanto a Georges Goyau, nasceu em Orleans em 1869. Seu pseudonymo é Leon Gregoire. Foi tambem membro da Escola Franceza de Roma. Entre as suas obras destacam-se "Le pape, les catholiques et la question sociale", "Le Vatican", "Autour du Catholicisme social", "L'Allemagne religieuse, le protestantisme", "L'idée de patrie et l'humanitarisme: essai d'histoire française", "Maehler", "Jéanne d'Arc devant l'opinion allemande", etc.

LLOYD GEORGE E A SUA ACÇÃO POLITICA

Lloyd George, na politica ingleza, é muito combatido, mas tem ardentes defensores. O retrato que o sr. Firth traça do primeiro ministro inglez é extremamente vivo e interessante:

"Não se lhe pôde agarrar, rapido como esquilo em descobrir a nóz, desconfiado quando se aproxima da mão que lhe offerce o fruto, habil em tomal-o, prompto a largar desde que tem o thesouro nas patas.

Como o esquilo elle enterra o que não tem mais necessidade immediata e, muitas vezes, esquece onde elle o occultou. Ninguem tem como elle a faculdade notavel de escamotear, aos olhos do publico, seus peiores erros. Alguns de seus amigos querem nos faz crêr que, como Edipo, elle advinhou os enigmas da Sphinx da guerra. A verdade é que elle se enganou como todo o mundo, mas que, graças á sua esplendida coragem, seu tenaz optimismo e sua fulgurante energia, graças aos seus vibrantes e beneficos discursos nas horas de profunda depressão, o povo chegou a consideral-o como a incarnação do espirito de victoria. É uma apreciavel faculdade para um politico ser capaz de crear uma tal atmospherá em torno de si.

Nas comédias de Plauto ha sempre o personagem do escravo que sabe evitar a imminente bastonada attribuindo a censura a outrem, desarmando assim a colera do seu senhor ou prestando-lhe um serviço. É uma das características do primeiro ministro inglez. No momento mesmó em que a sentença de sua quéda vae ser pronunciada, elle propõe alguma nova alegre diversão. Lloyd George é um chefe nato de democracia. Pôde chorar e rir a um minuto de intervallo. Tomará o tom domingueiro na manhã do domingo, mas não será menos um alegre companheiro, sabbado á tarde. Elle possui todas as cordas da lyra governamental: eloquencia, humor, paixão, indignação, persuasão, subtiliza, generosidade, franqueza. Sabe falar em uma escola de domingo, empregar termos de alcovitece ou afrontar uma multidão que traz visões paradiziacas. Não é de admirar que haja gente para odiar Lloyd George, e individuos para desconfiar d'elle, mas tambem não é de admirar mais que a massa tenha prazer em ouvi-lo, e depois de ter jurado contra elle, esteja prompta a só jurar por elle.

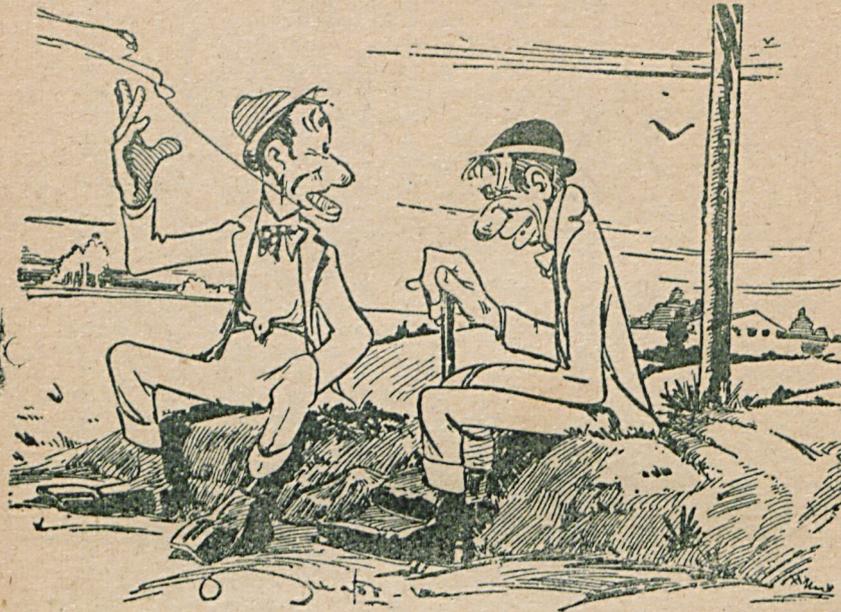
Atordea os seus adversarios. Quando elles imaginam que o tem acuado em um dos cantos do "ring", Lloyd George se evade e se offerce a unir-se á elles na caça de um rato imaginario. Lloyd George disse um dia que os bons homens de Estado eram mais communs que os bons politicos e deixou entender que poucos politicos podiam ensinar-lhe alguma coisa. Elle é com effeito um politico, da aurora ao pôr do sol, vivendo para o minuto que vem, modelo integral do opportunistá. É por isso que a democracia ingleza lhe é f'gada. Elle corresponde aos seus variados humores."

("O Jornal).



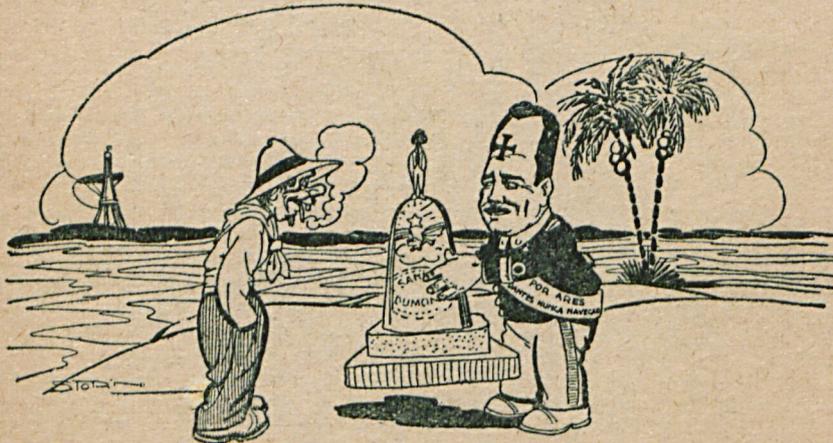
AS CARICATURAS DO MEZ

VAE ACABAR O SACADURISMO



— Agora, pretendem offerecer os rochedos de S. Pedro e S. Paulo a Portugal.
— Eu já esperava por isso. Tudo nesta terra acaba com uma pedra em cima.

O BRASIL DOS BRASILEIROS!

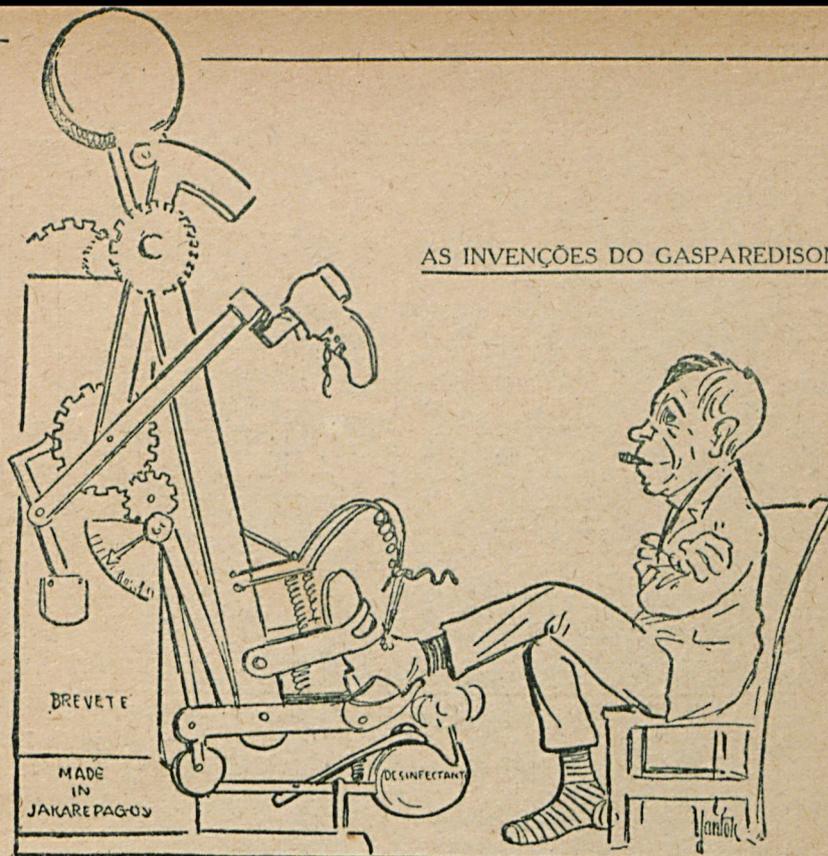


Sacadura — Aqui te apresento o projecto de um monumento ao grande aviador brasileiro Santos Dumont.

Jéca -- Ora essa é boa! Não me tinha ocorrido isso...

STORNI — (D. Quixote).

AS INVENÇÕES DO GASPAREDISON



Autotirabotomagnetometro — Apparelo para descalçar a bota.
YANTOK — (D. Quixote).

COM FRANQUEZA... (Dialogo da situação)

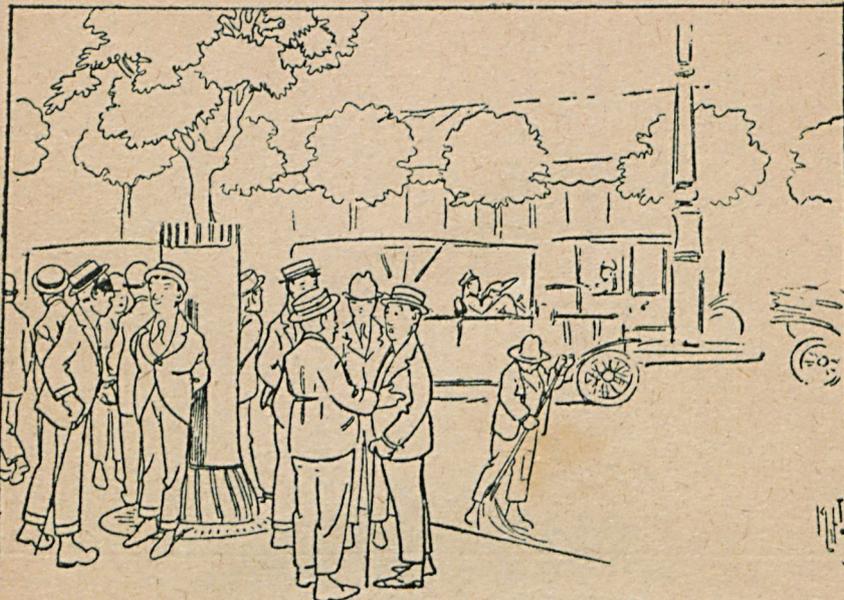


— Isto é, dizem; eu também não afirmo; entretanto, bem pode ser que...
quem nos diz o contrario? E você o que acha?

— Sou da mesma opinião?

KALISTO — (D. Quixote).

BOATOS

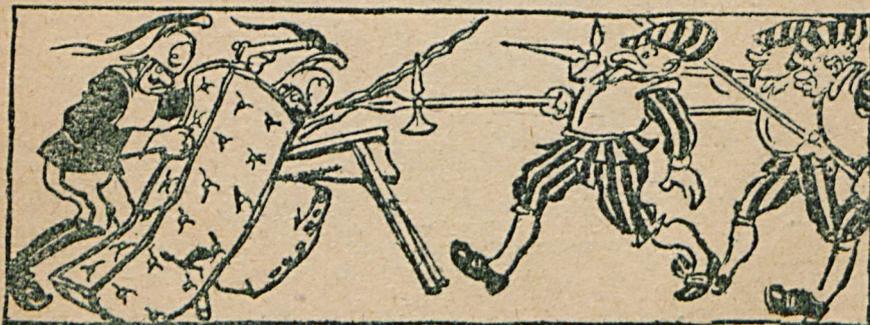


— V. sabe que o Coisa foi preso?
— Que Coisa?
— Não sei: não declarou o nome na policia.

KALISTO — (*D. Quixote*).

UNA RIVOLTA NEL VATICANO

La guardia svizzera si è sollevata gridando: pane e sollazzo — *Telegrammi di domenica*.



Allegre ripercussioni di guerra in tempo di pace.

VCLTO — (*Pasquino*).

INDICE GERAL DO VOLUME XX

A politica do Brasil na America, por Heitor Lyra	1
O dever dos catholicos no Brasil, por Mario Pinto Serva	8
O assassino, por Julio Scheibel	12
Um caso carnavalesco, por João Ribeiro	24
Versos, de Homero Prates, Moacyr Chagas e Aristêo Seixas	29
Lingua Nacional, por Antonio Salles	38
O Sul de Matto Grosso, por Adriano Metello	45
Fagundes Varella, por Affonso de Freitas Junior	54
Bibliographia	65
Resenha do mez	76
Debates e Pesquisas	82
Notas do Exterior	89
As caricaturas do mez	94
O momento	97
Brasil, potencia mundial, por Helio Lobo	99
O tysico, por Amando Caiuby	114
Versos, de Julio Cesar da Silva e Moacyr Chagas	126
Variante carioca de um sub-dialecto brasileiro, por Antenor Nascentes	129
A gravata azul, por Attilio Chiappori	133
A metallurgia no Brasil e a usina de Ribeirão Preto, por Elias Pacheco Chaves, neto	140
Ao redor do moinho, por Luiz Gonzaga Fleury	146
Bibliographia	157
Resenha do mez	167
Debates e Pesquisas	180
Notas do Exterior	186
As caricaturas do mez	189
O contorno terrestre do Brasil, por Mario de Vasconcellos	193
Nina Rodrigues, por Oscar Freire	200
A raça negra na America Portuguesa, por Nina Rodrigues	201
O "assassinato" de Roberto Flores, por Gastão Cruls	221
Importancia da riqueza mineral no progresso das nações, por Miguel Arrojado Lisboa	223
Versos, de Cleomenes Campos e Carvalho Aranha	204



INDICE GERAL DO VOLUME XX

Jesus Christo no sertão, por L. Camara Cascudo	245
Bibliographia	248
Resenha do mez	256
Debates e Pesquisas	272
Notas do Exterior	279
As caricaturas do mez	285
Função social do cavallo no pampa, por F. J. Oliveira Vianna	321
Ramo de arvore, por Alberto de Oliveira	327
Notas biographicas de geologos, por J. C. Branner	330
A raça negra na America Portugueza, por Nina Rodrigues	344
Dos "Versos a Dona Flor", por Clovis Leite Ribeiro	359
A "Historia da Civilisação" do sr. Oliveira Lima, por Gilberto Freyre	363
O Sr. Ozorio Duque Estrada e o meu livro "Collocação dos Pronomes, por Agenor Silveira	372
Bibliographia	379
Resenha do mez	385
Debates e Pesquisas	402
Notas do Exterior	409
As caricaturas do mez	414



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

Porcellanas

Cristaes

Artigos de Christofle

Objectos de arte

Perfumarias

O melhor sortimento

Casa franceza de

L. Grumbach & C.

Rua S. Bento, 89, 91

== S. PAULO ==

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestavel do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Atesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIÃO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tonica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL, COUTO

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABALHOS TYPOGRPHICO NAS EXCELENTES E MODERNAS OFFICINAS QUE A S.A.E. OLEGARIO RIBEIRO ACABA DE INSTALLAR À RUA DOS GUSMÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPRESA MONTEIRO LOBATO & CIA.

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

Publicação official dos trabalhos do Tribunal de Justiça de S. Paulo

Dirigida pelos advogados

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade !

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção : RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO



AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo experi-
encia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

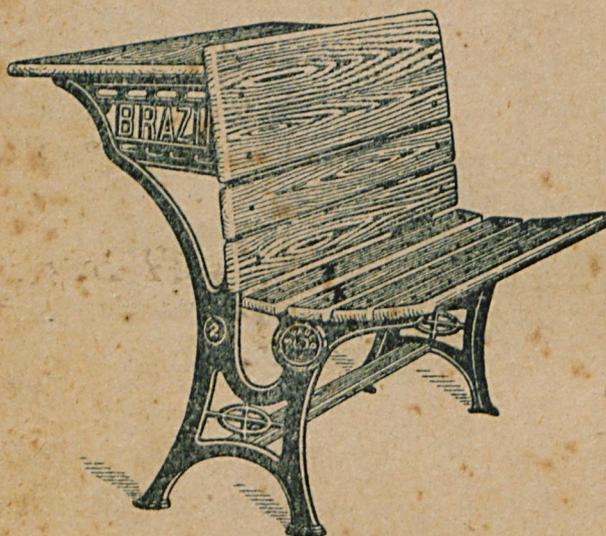
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Off. Graphics Monteiro Lobato & Co. - Rua Gusmões, 70 - S. Paulo.

Moveis Escolares



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

— SÃO PAULO —

